

Sidney Sheldon

A PERSEGUIÇÃO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Sidney Sheldon

A PERSEGUIÇÃO

(The Chase)

1994

Tradução

A. B. PINHEIRO DE LEMOS

Record, 2000

Prólogo

Cuidado!

O piloto sabia que iam morrer.

O jato Silver Arrow de doze passageiros era sacudido de um lado para outro no céu, como se fosse um mero brinquedo, pelos fortes ventos sobre as montanhas Apalaches, no norte do estado de Nova York. O piloto e o copiloto faziam o maior esforço para manter erguido o nariz do avião, lutando contra as terríveis correntes de ar descendentes. Era um magnífico avião, muito bem projetado, construído com extremo cuidado. Durante os últimos minutos, no entanto, os motores haviam começado a falhar.

Um dos dois passageiros no luxuoso compartimento posterior foi até a carlinga e disse: – Há alguma coisa errada com a alimentação de combustível. Os motores não estão com potência suficiente.

Em circunstâncias normais, o piloto teria ordenado ao passageiro que voltasse para seu lugar. Mas aquelas não eram circunstâncias normais.

O passageiro projetara e construía aquele avião. Era o Sr. Yoneo Matsumoto, fundador e presidente do conselho de administração de um dos maiores conglomerados do mundo.

– Estamos perdendo toda a nossa potência explicou o piloto.

Eles sabiam o que isso significava. A visibilidade era zero, e ao redor os picos mortíferos e invisíveis das montanhas os esperavam. Sem potência suficiente, o avião não teria como subir o bastante para se livrar do perigo.

E o avião já começava a perder altitude. Yoneo Matsumoto estudou os instrumentos por um momento e depois voltou ao compartimento de passageiros, ao encontro da esposa, Eiko. Não havia medo no rosto de Eiko, apenas uma expressão de paz e aceitação. Ele pegou a mão da esposa, que lhe sorriu, os olhos transbordando de amor.

Yoneo Matsumoto, estava pronto para se encontrar com a morte. Levara uma vida movimentada e satisfatória, realizara mais do que a maioria dos homens. Partindo do nada, criara as Indústrias Matsumoto, um conglomerado de que qualquer homem podia se orgulhar.

Tinha milhares de empregados, trabalhando em uma dúzia de fábricas espalhadas pelo mundo, era bem considerado e respeitado.

Sua mente retornou ao início, quando era muito jovem e acabara de sair da universidade. Possuía um talento natural para a eletrônica. Recebera muitas ofertas de emprego, mas conhecera e se apaixonara por Eiko, que o encorajara a criar sua própria empresa. Durante os primeiros cinco anos, trabalhara dia e noite, tentando ganhar dinheiro suficiente para sustentar Eiko e o filho pequeno, Masao.

Fora um caminho difícil o que Yoneo Matsumoto escolhera, mas ele era ambicioso e talentoso, e nada podia detê-lo. Pouco a pouco, sua empresa prosperara. Adquirira outras empresas, criando as Indústrias Matsumoto, um gigantesco

conglomerado que operava no mundo inteiro, fabricando aviões e computadores, câmeras e rádios, aparelhos de televisão e uma centena de outros produtos...

Os pensamentos foram interrompidos por uma repentina trovoadá, acompanhando o clarão de um raio, que iluminou o céu, como a explosão de um enorme rojão. Por um instante, as pessoas no avião puderam divisar o que havia lá fora. Estavam cercadas pelos perigosos picos das montanhas. Depois, o clarão se desvaneceu e voltaram a mergulhar na escuridão. Yoneo Matsumoto apertou com mais força a mão da esposa. Em poucos momentos, suas vidas chegariam ao fim; mas contavam com seu amado filho, Masao, para continuar. Masao, herdaria o império Matsumoto e saberia conduzi-lo com extrema competência.

Outro raio riscou o céu e eles contemplaram uma cena do inferno: picos nevados, nuvens escuras turbilhonando e bem à frente a encosta de uma montanha que parecia se projetar na direção do avião. Segundos depois, o mundo pareceu explodir em mil e um fragmentos em chamas.

E, depois, houve um profundo silêncio, rompido apenas pelo uivo do vento, soprando pela paisagem interminável e solitária.

Aceita mais um café? Não, obrigado.

A onze mil quilômetros de distância, numa aprazível comunidade suburbana de Tóquio, Masao Matsumoto comia o seu desjejum. Masao era um rapaz bonito, dezoito anos, alto e forte, um rosto sensível, olhos brilhantes e inteligentes. Herdara a força do pai e a gentileza da mãe, uma combinação que o tornava muito especial.

Fora o primeiro de sua turma na escola secundária. Era um líder natural, como seu pai também fora. Ex-capitão da equipe de beisebol da escola, era popular entre os colegas. Gostava de dançar e, de vez em quando, se não estava ocupado com os deveres de casa, frequentava as discotecas de Shinjuku.

A família Matsumoto era uma das mais ricas e poderosas do mundo, mas Masao não se deixava impressionar por isso. Julgava as pessoas por seus méritos como indivíduos e tinha mui tos amigos.

Fora criado para acreditar que a decência e a integridade eram as maiores realizações na vida, e possuía um profundo senso de honra. Seus heróis eram os guerreiros samurais, que haviam lutado, e às vezes morrido, por seus ideais.

Masao passava as férias trabalhando na fábrica Matsumoto em Tóquio, antes de ingressar na universidade. Tinha o mesmo talento do pai para a eletrônica, e ideias próprias, que tencionava pôr em prática um dia.

Agora, quando Masao terminava o desjejum, seu tio, Teruo Sato, e sua tia, Sachiko, entraram na sala. Masao levantou-se.

– Teruo-ojisan, Sachiko-obasan.

A tia tocou em seu braço e murmurou: – Masao-chan.

Masao gostava da tia Sachiko; irmã de seu pai, não tinha feições muito atraentes, mas era uma mulher gentil e atenciosa. Estava sempre adejando ao redor, como um passarinho, agradando aos outros, alimentando-os, divertindo-os. Parece um beija-flor, pensou Masao. Sempre em movimento.

Masao gostava menos do tio. Teruo Sato era alto e magro. Tinha cabelos pretos como carvão, um rosto encovado, a boca fina e, na opinião de Masao, uma alma mesquinha.

Havia no tio uma frieza calculista, quase uma certa crueldade, que perturbava o rapaz. Algum tempo atrás, Masao ouvira rumores de que Teruo, decidira casar com Sachiko só para poder ingressar na poderosa família Matsumoto. Com o passar do tempo, o pai de Masao dera ao cunha do uma posição importante, como diretor financeiro do conglomerado, mas mesmo assim Teruo parecia sempre insatisfeito. Era brilhante, não havia a menor dúvida quanto a isso; mas era um brilho de que Masao desconfiava. Tinha a impressão de que o pai se orgulhava da qualidade dos produtos que fabricava, enquanto o tio Teruo parecia interessado apenas nos lucros.

– Posso lhes oferecer um desjejum? – perguntou Masao.

– Não, obrigado. – A expressão de Teruo era de preocupação. – Infelizmente, nós lhe trazemos péssimas notícias.

Por um instante, Masao sentiu que o coração parava.

– O que... o que aconteceu?

– Sua mãe e seu pai morreram num acidente de avião ontem à noite. Acabo de receber a notícia.

Masao fitou-o na maior incredulidade, envolvido por um senso de irrealidade. Os pais não podiam ter morrido, era impossível! podia ser um pesadelo, e a qualquer momento ele ia despertar. Teruo acrescentou: – Pelo que me contaram, foi morte instantânea. Não podem ter sentido qualquer dor.

Mas Masao sentia dor agora. Sentia todo o horror e a agonia que os pais deviam ter sofrido nos momentos finais, antes de morrerem.

– Eu... – Masao sentiu que ia desfalecer. Respirou fundo, numa tentativa de recuperar o controle. – Onde foi?

– Nas montanhas Apalaches, no leste dos Estados Unidos. Seu pai viajava para a inauguração de uma nova fábrica. – Teruo passou o braço pelos ombros do sobrinho.

– Você, sua tia Sachiko e eu partiremos para a América amanhã de manhã.

Traremos as cinzas de seus pais para uma cerimônia fúnebre apropriada aqui.

Masao acenou com a cabeça, incapaz de falar.

Masao não tinha ideia de quanto tempo os tios permaneceram ali, conversando com ele. Falaram palavras de amor e conforto, mas para Masao eram apenas sons que entravam por um ouvido, saíam pelo outro, sem qualquer significado. O pai e a mãe continuavam vivos em sua mente, falando com ele, amando-o, fazendo planos para o futuro, como sempre acontecera.

Sabe por que os nossos negócios crescem tão depressa, Masao? Porque somos melhores do que os outros. Porque nos importamos mais.

Somos afortunados por termos nascido japoneses. Em outros países, os trabalhadores fazem greves durante todo o tempo. Pensam apenas em si mesmos. No Japão, somos todos de uma só família, e o que é bom para um é bom para todos.

Masao recordou a ocasião em que, aos doze anos de idade, procurara o pai para uma conversa séria.

– Pai, tenho uma ideia que acho que é boa.

– Diga-me qual é, Masao.

– Sabe como uma brisa pode acionar um moinho de vento para gerar energia?

– Sei.

– Pois se um automóvel anda a noventa ou cem quilômetros horários, por que esse vento não pode ser usado para acionar engrenagens no motor, afim de que não precise de tanta gasolina? O pai escutara com a maior atenção. É uma ideia muito interessante.

E depois, com extrema paciência, explicara a Masao os princípios do coeficiente de perda de energia e da dinâmica da engenharia mecânica. A ideia de Masao era inviável, mas o pai o fizera sentir que pensara em algo brilhante.

Kunio Hidaka, que era o gerente-geral de todas as fábricas Matsumoto nos Estados Unidos visitava Tóquio na ocasião. Durante o jantar, naquela noite, o pai de Masao relatara, orgulhoso, a ideia do filho. O que fizera com que Masao se sentisse bastante crescido.

Kunio Hidaka era um homem enorme e gentil, que sempre dispunha de tempo para Masao e seus problemas. Trazia presentes para Masao quando vinha a Tóquio; eram presentes criativos, que estimulavam a imaginação e os sonhos do menino. Passava horas conversando com Masao sobre as operações das Indústrias Matsumoto.

– A companhia será sua um dia – dizia Kunio Hidaka. Por isso, deve aprender tudo o que há para saber a respeito.

Não encha de ideias a cabeça do meu sobrinho – protestava tio Teruo. – Ele ainda tem de terminar a escola, e é nisso que deve pensar.

O pai de Masao sorria e comentava, diplomático: – Ambos estão corretos. Primeiro, a escola, e depois Masao assumirá seu lugar nas Indústrias Matsumoto.

Uma tarde, pouco antes de voltar para a América, Kunio Hidaka dissera a Yoneo Matsumoto: Você deve levar Masao para conhecer os Estados Unidos.

– O pai de Masao balançara a cabeça em concordância.

– É o que planejo. Assim que meu filho completar dezoito anos, eu o levarei para visitá-lo...

Isso acontecera um ano antes. E agora, pensou Masao, amargurado, estou com dezoito anos, e irei à América pela primeira vez, mas para buscar as cinzas de meus pais...

E ele chorou.

No início da manhã seguinte, Masao, tio Teruo e tia Sachiko embarcaram num dos jatos da companhia, e quinze minutos depois o avião decolou para Nova York. Em circunstâncias normais, Masao ficaria bastante excitado com a visita aos Estados Unidos. O pai muito lhe falara a respeito.

– Há grandes cidades, fazendas enormes, edifícios imensos, ranchos, montanhas, lagos. É como se fosse cinquenta Europas, Masao. Cada estado é como um país, diferente de todos os outros.

Mas agora, quando Masao finalmente seguia para a América, não havia o menor excitação, apenas uma profunda tristeza, uma sensação de perda irremediável. Não tinha irmãos, ninguém de quem fosse íntimo, com quem pudesse partilhar seu pesar. Sabia que sua vida nunca mais seria a mesma. Olhou para a frente do avião, onde o tio e a tia estavam sentados, e sentiu-se grato pelo apoio e solidariedade que lhe dispensavam. Pelo menos não estava completamente sozinho.

– Por favor, ponham os cintos de segurança. Estamos chegando.

Depois que o avião pousou no Aeroporto John F. Kennedy, eles passaram pela alfândega, e foi uma experiência incrível para Masao.

O prédio enorme estava apinhado, com turistas em visita, americanos retornando a seu país. Ao redor, as pessoas falavam o que parecia ser uma língua estranha e misteriosa.

Foi um choque para Masao quando percebeu que falavam inglês. Estudara inglês na escola por anos, mas não conseguia entender o que as pessoas diziam. Disparavam as palavras como fogo de metralhadora, juntando-as como se fossem uma só. Se ao menos falassem mais devagar..

Finalmente passaram pela alfândega e deixaram o terminal. Uma limusine da companhia esperava junto ao meio-fio. O motorista era um homem enorme e feio, chamado Higashi, mais parecia um campeão de luta livre. Depois que a bagagem foi guardada na mala do carro, Teruo informou ao sobrinho: – Vamos para o norte do estado. A companhia tem uma casa de campo à beira de um lago, não muito longe do lugar em que ocorreu o acidente. Passaremos a noite ali, e amanhã tomarei as providências para recolher os restos mortais de seus pais.

Os restos mortais de seus pais. Parecia muito frio, definitivo. Masao estremeceu. Higashi levou o carro pelo labirinto de caminhos no vasto aeroporto e pegou a estrada para o norte. Era uma noite quente de primavera e os campos estavam lindos. O ar noturno era suave, as árvores pareciam mais viçosas do que nunca, exibindo folhas das mais diversas cores; mas a beleza só contribuía para deixar Masao ainda mais triste. Sentia que, de certa forma, era errado que a vida devesse continuar como se nada tivesse acontecido, que as flores desabrochassem no meio da morte, as pessoas rissem, entoassem canções alegres.

Um pesar profundo e sombrio dominava Masao.

Viajaram durante duas horas, por estradas nas montanhas, passando por cidadezinhas adormecidas, plantações e florestas.

Atravessaram uma pequena cidade com uma placa na entrada que dizia Bem-vindos a Wellington e Teruo avisou: – Já estamos quase lá.

Quinze minutos mais tarde chegaram a seu destino.

A casa de campo da companhia, usada para hospedar pessoas importantes, era uma encantadora construção de quatro andares, no estilo de um chateau, no meio das montanhas, dando para um lago enorme.

– Infelizmente, não contamos com criados aqui – disse Teruo a Masao. – Nossa vinda foi inesperada. Mas creio que poderemos nos arranjar sozinhos por um ou dois dias, não é mesmo?

– É, sim, Teruo-ojisan.

Higashi levou a bagagem para a casa e conduziu Masao a seus aposentos, no segundo andar. Era uma suíte espaçosa, com uma varanda da qual se podia contemplar o lago e toda a paisagem ao redor. No quarto, havia uma lareira grande, móveis antigos e uma cama de aparência confortável.

Enquanto Masao abria as malas, Teruo, e Sachiko vieram lhe desejar boa noite.

– Tomarei todas as providências necessárias amanhã e, no dia seguinte, voltaremos a Tóquio.

– Obrigado, Teruo-ojisan.

– Tente dormir um pouco.

– Certo, Teruo-ojisan.

Sachiko abraçou o rapaz e sussurrou: – Sua mãe e seu pai gostariam que você se mostrasse um bravo.

– É o que farei – prometeu Masao. Ele tinha de ser, pelos pais.

– Se precisar de alguma coisa – acrescentou Sachiko –, nosso quarto é no final do corredor. Mas Masao só precisava ficar sozinho, povoar a mente com o pai e a mãe, reviver todos os momentos felizes com eles. Passou a noite inteira sentado, deixando a mente vagar pelo passado.

Estava num barco, pescando com o pai. Era um dia quente, o céu sem nuvens, uma brisa soprava, o cheiro de maresia era inebriante e o pai contava histórias sobre seu

crescimento numa família pobre. Eu estava determinado a ser bem-sucedido, Masao. Não me interessava por dinheiro ou sucesso por si mesmos. Queria apenas que qualquer coisa que fizesse fosse da melhor forma que era capaz...

Estava na cozinha quente, com a mãe, observando-a preparar o jantar. Pediu que ela lhe contasse de novo a história que tanto gostava de ouvir, sobre a tempestade. Quando você nasceu, era um inverno gelado, e não tínhamos dinheiro para comprar lenha.

Uma noite houve uma terrível tempestade de neve. Você chorava no berço e o cobrimos com um cobertor. Foi esfriando cada vez mais, pusemos outro cobertor e depois um tapete. A temperatura continuou a cair e fomos empilhando coisas em cima de você, para mantê-lo aquecido. Casacos, mantas, travesseiros. É um milagre que não tenha sufocado.

Ele podia ouvir a voz suave e o riso musical da mãe, a voz profunda e séria do pai, e os dois lhe fizeram companhia ao longo da noite.

Nunca mais tornaria a vê-los, nunca mais poderia abraçá-los, mas sabia que os pais sempre permaneceriam em sua companhia.

Quando a primeira claridade do amanhecer surgiu no céu, Sachilio entrou no quarto de Masao. Viu que a cama não fora desfeita, mas não disse nada.

– Obrigado, Sachiko-obasan, mas não tenho fome.

– Deve comer. Precisa manter suas forças. Por favor.

– Muito bem, tentarei.

Ele desceu a escada atrás da tia, foram para a vasta sala de jantar, onde Teruo esperava, sentado à cabeceira.

– Conseguiu dormir um pouco, sobrinho?

– Dormi, sim, senhor.

Masao não fechara os olhos durante toda a noite. Sentou-se à mesa e tia Sachiko o serviu. Para sua surpresa, ele descobriu que tinha uma fome voraz. Sentia-se culpado por desfrutar a comida, mas não podia evitar.

– Teremos um visitante esta manhã – anunciou Teruo.

Masao fitou-o, aturdido. – Um visitante?

– Tadao Watanabe.

O nome era familiar para Masao e de repente ele se lembrou. O Sr. Watanabe era o advogado particular de seu pai.

– Por que ele vem nos visitar?

– Trará uma cópia do testamento de seu pai.

– Teruo percebeu a expressão de desagrado no rosto de Masao e acrescentou: – Sei o que está pensando, mas não deve esquecer, Masao, que as Indústrias Matsumoto formam um grande império. Alguém deve assumir o comando. O testamento de seu pai nos dirá quem.

– Claro.

Masao tentou compreender, mas sua mente não podia se concentrar no império Matsumoto. Só pensava no homem que o criara, que o fizera crescer e que tanto se

orgulhava de suas realizações.

Tadao Watanabe chegou às onze horas da manhã. Era difícil calcular sua idade, pois tinha uma aparência ressequida, como se tivesse sido mumificado há muito tempo.

Seu comportamento era incisivo e meticoloso. Ofereceu condolências a Masao e seus tios, e depois entrou na questão que o levava até ali – a leitura do testamento. Os quatro foram para a biblioteca. Watanabe sentou-se atrás da mesa e os outros se acomodaram em cadeiras confortáveis na frente.

Watanabe iniciou a leitura do testamento. Masao sabia que deveria prestar atenção, mas ainda se sentia atordoado demais pela inacreditável tragédia. Não se importava com o que havia no testamento. O advogado não parava de falar, em voz monótona, e Masao descobriu que seus olhos começavam a fechar de exaustão. O advogado bateu com a palma da mão na mesa e Masao despertou, sobressaltado.

– Então é isso! – exclamou Watanabe. – Para resumir, as Indústrias Matsumoto, todas as suas subsidiárias e todo o seu patrimônio foram deixados para Masao Matsumoto. No caso de sua morte prematura, as Indústrias Matsumoto se tornarão propriedade de Teruo Sato.

Masao se encontrava completamente desperto agora, espantado com o que acabara de ouvir. Um dos maiores impérios industriais do mundo agora lhe pertencia! Era difícil acreditar. Tio Teruo, é claro, dirigiria a companhia e lhe ensinaria tudo, até que tivesse idade suficiente para assumir o controle, Mesmo assim, a enormidade daquilo era sufocante. Tio Teruo lhe falava, e Masao fez um esforço para se concentrar.

– Seu pai planejou tudo com a maior sabedoria, Masao. Você continuará em sua tradição. Enquanto isso, farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar e orientar você.

Masao acenou com a cabeça, agradecido.

– Obrigado, ojisan. Sem a sua ajuda, eu ficaria perdido.

O Sr. Watanabe levantou-se.

– Preciso voltar à cidade. Pedirei imediatamente a homologação do testamento.

Sachiko observava Masao com a maior preocupação.

– Você parece exausto – disse ela. – Por que não vai se deitar?

– Talvez seja melhor.

Masao também se levantou, sentindo-se tonto pela falta de sono e a tensão emocional. Acontecera muita coisa, e muito depressa. Despediu-se do advogado e subiu para seu quarto. Deitou-se na cama, cansado demais para tirar as roupas.

E pegou no sono quase que no mesmo instante.

Estava escuro quando Masao abriu os olhos, Desperdicei um dia inteiro, pensou ele. Tencionara ajudar o tio a tomar as providências necessárias, mas agora era tarde demais. E refletiu que deveria pedir desculpas ao tio. Levantou-se, o corpo um pouco rígido da cama, e saiu para o corredor. Começou a descer, ainda meio adormecido.

Voltariam para Tóquio amanhã. Quando os amigos o interrogassem sobre os Estados Unidos, só poderia lhes contar que vira um aeroporto, uma casa e um lago. Mas

algum dia, quando estivesse dirigindo as Indústrias Matsumoto, retornaria à América para uma visita apropriada, como o pai gostaria.

Masao ouviu vozes na biblioteca e seguiu para lá. O tio e a tia conversavam, as vozes alteadas. Masao já ia entrar na biblioteca quando ouviu o tio mencionar seu nome. Parou, não querendo escutar. A tia disse alguma coisa que ele não entendeu, e o tio protestou, em voz irada: – Não é justo! Ajudei a construir a companhia, dei anos de minha vida e mereço ficar com tudo!

– Yoneo sempre foi muito generoso com você, Teruo. Ele...

– Seu irmão nunca gostou de mim! Nunca! Se gostasse, não teria deixado a companhia para Masao!

– Masao é filho dele.

– Não passa de uma criança. Como pode dirigir a companhia?

– Agora não pode, é claro, mas um dia terá condições. Com sua ajuda, ele pode...

– Não seja tola, Sachiko. Por que eu deveria ajudar Masao, a fim de que ele possa me roubar a companhia? De jeito nenhum. É injusto. Nunca permitirei que isso aconteça.

– Não há nada que você possa fazer. Segundo o testamento ...

– Segundo o testamento, se Masao morrer, as Indústrias Matsumoto passam a me pertencer.

– Mas o problema ...

– Não há problema. Masao deve morrer.

Masao, do lado de fora da biblioteca, ficou chocado, incapaz de acreditar no que acabara de ouvir. A tia protestaria, mas não ousaria enfrentar o marido. Tinha pavor de Teruo. Por um momento frenético, Masao pensou em entrar na sala e confrontar o tio. Mas depois pensou no enorme motorista, Higashi, e do tio dizendo: Não contamos com criados aqui. Nossa vinda foi inesperada. Mas uma casa como aquela devia ter criados durante o ano inteiro. Portanto, o tio cuidara para que todos se afastassem.

Devia saber com antecedência do testamento, e planejara ficar a sós com Masao ali, à sua mercê. Higashi deveria ser parte do complô. Mais parecia um assassino do que um motorista.

Seu coração batia tão alto que teve certeza de que os tios poderiam ouvir. Sem fazer barulho, Masao se afastou da biblioteca, subiu apressado para o seu quarto. Precisava pensar. Era a única pessoa que se interpunha entre o tio Teruo e o vasto império Matsumoto. E o tio acreditava que fora ludibriado. Masao sabia que não era verdade. Fora seu pai quem fundara a companhia e a fizera crescer. Trouxera o cunhado para a companhia por causa de Sachiko e sempre o tratara muito bem. E agora...

Teruo planejava matar Masao.

“Segundo o testamento, se Masao morrer, as Indústrias Matsumoto passam a me pertencer.”

Como o tio pretendia matá-lo? Tinha de parecer um acidente, ou suicídio, para que não recaísse nenhuma suspeita sobre Teruo. E o motivo para o suicídio era óbvio.

Masao podia até ouvir a voz do tio explicando à polícia: O pobre coitado ficou tão abalado com a trágica morte dos pais que se matou.

Mas como ele planejava matá-lo? Como?

Masao olhou pela janela para o lago escuro lá embaixo e subitamente descobriu a resposta. O tio ia afogá-lo. Tentaria atraí-lo para o lago, sairiam num barco, e depois ele e Higashi...

Teruo dissera que retornariam ao Japão pela manhã. O que significa que o assassinato de Masao teria de ocorrer naquela noite. Ele precisava escapar, e o mais depressa possível. Mas para onde? A quem podia recorrer? Não tinha dinheiro e não conhecia ninguém nos Estados Unidos. Nem mesmo tinha mais certeza se era capaz de falar a língua. Recordou a cena no Aeroporto Kennedy, onde não entendera o que as pessoas diziam. Deixarei para me preocupar com isso mais tarde, decidiu Masao.

Sua primeira providência era sair dali e conseguir ajuda. A casa era isolada, no alto das montanhas, e ele não avistara outras residências nas proximidades, ninguém que pudesse procurar. E foi nesse instante que Masao se lembrou da cidadezinha por onde haviam passado, na subida. O nome aflorou em sua mente: Wellington! Devia haver uma delegacia de polícia ali. Iria até lá, contaria o que o tio planejava fazer. A polícia o protegeria.

Primeiro, no entanto, tinha de escapar daquela casa. Silencioso, Masao foi até a porta do quarto, escutou. Não ouviu nada. Abriu a porta. Não havia ninguém no corredor.

Precisava tomar cuidado para não esbarrar com Higashi. Pensou naqueles braços enormes e estremeceu.

Masao avançou na ponta dos pés até a escada, começou a descer, um degrau de cada vez, procurando não fazer qualquer barulho. Ainda podia ouvir vozes na biblioteca.

Só que agora eram três. Teruo chamara Higashi. Masao não precisava escutar para saber o que discutiam. Foi andando para o outro lado, na direção da cozinha. A porta não estava trancada. Um momento depois, ele se descobriu fora da casa, são e salvo, e desatou a correr, a correr por sua vida.

Passou pelos enormes portões da propriedade, continuou a correr pela estrada que levava à cidadezinha. Parou por um instante, atento a quaisquer sinais de alarme na casa, mas não havia nenhum. E Masao prosseguiu na direção de Wellington, pronto a se esconder se ouvisse o som de um carro se aproximando.

Mas só podia ouvir os sons noturnos, grilos, sapos e gafanhotos, o sussurro do vento nas árvores.

Masao se perguntou o que estaria acontecendo na casa. Talvez tivessem arrematado o plano. Teriam um choque quando descobrissem que ele fora embora, ficariam desorientados.

Masao já assistira a muitos filmes americanos, no cinema e na televisão, e sabia como a polícia podia ser eficiente. Haveria de punir Teruo Sato.

3

Masao levou quase uma hora para alcançar a cidadezinha, Wellington mais parecia uma aldeia rural. Tinha um pequeno shopping center, uma mercearia, uma lavanderia e uma drugstore, tudo junto. Todas as lojas se achavam fechadas. Masao foi andando pela rua principal, até chegar a um pequeno prédio de alvenaria, com uma placa na frente que dizia Delegacia de Polícia. O coração de Masao disparou. Conseguiu! Subiu apressado os degraus, abriu a porta e entrou – 37 numa enorme sala de recepção. Tinha um cheiro de mofo. Um policial uniformizado se achava sentado por trás de uma mesa, escrevendo.

Levantou os olhos quando o rapaz entrou.

– Boa noite, que posso fazer por você?

As palavras saíram unidas, sem qualquer significado para Masao. Ele olhou aturdido para o guarda.

– O que deseja?

Havia um tom de impaciência na voz. Masao engoliu em seco e pediu, falando bem devagar: – Por favor, senhor, se pudesse falar mais devagar...

– Está bem. Qual é o seu problema?

Ele falou devagar e Masao compreendeu.

– Minha vida corre perigo.

O policial murmurou alguma coisa que soou como Voou a chama do pente, mas Masao sabia que não podia estar certo. Observou o homem pegar o telefone e falar por um instante. Depois de desligar, acrescentou para Masao, bem devagar: – Siga pelo corredor, até a primeira porta à direita. O tenente falará com você.

E, de repente, Masao compreendeu o que ele dissera antes: – Vou chamar o tenente.

– Obrigado – murmurou Masao, agradecido. Ele se afastou pelo corredor. Ao alcançar a primeira porta, bateu e entrou. Um homem de cabelos grisalhos sentava-se a uma mesa, tomando anotações. Tinha o rosto enrugado, usava um terno todo amarrotado, exibia a expressão aflita, de um homem sempre com excesso de trabalho – Possentá – disse ele, sem levantar os olhos Masao continuou de pé, confuso. O homem levantou os olhos.

– Você fala inglês?

– Um pouco, senhor.

– Ótimo – disse o tenente. – Pode sentar.

Masao sentou-se. Sabia que só poderia entender o que aqueles americanos diziam se não falassem tão depressa, dando a impressão de que todas as palavras se uniam numa só.

Poucos momentos depois, o homem empurrou os papéis para o lado e concentrou sua Atenção no rapaz.

– Muito bem. Sou o tenente Matt Brannigan. Qual é o seu problema, filho?

– Eu... – Masao não sabia por onde começar. Havia muito o que contar. – Houve um acidente. E meu tio está tentando me matar.

Não parecia muito certo. Ele tentou de novo.

– Meus pais morreram num acidente de avião. Herdei a companhia de meu pai. Meu tio está querendo tirá-la de mim. Precisa me matar para conseguir isso. – As palavras saíam agora num fluxo rápido. – O motorista vai ajudá-lo. Planejam me afogar e fazer com que pareça suicídio. Eles...

O tenente levantou a mão. – Espere um instante. É melhor você começar de novo. Não compreendi uma só palavra do que disse.

Masao percebeu que enfrentava a barreira da língua ao inverso. Forçou-se a falar devagar.

– Preciso de sua ajuda. Meu tio está tentando me matar.

– Certo. Ele o ameaçou?

– Não, mas ouvi quando ele falava. Planeja me afogar e fazer com que pareça um acidente.

– Ouviu-o dizer isso? – Não... não exatamente. Ele...

– Ele não disse que vai afogá-lo? – Não chegou a dizer isso, mas sei que é o que planeja fazer.

Em seu entusiasmo, Masao começou a falar depressa.

– Mais devagar – pediu o tenente Brannigan.

– Vamos esclarecer tudo. Acha que seu tio planeja afogá-lo, mas ele não disse isso.

– Não exatamente, senhor.

– E o que exatamente ele disse? – Que eu devo morrer, O tenente estudou-o em silêncio por um momento.

– Ele disse isso a você?

– Não. Para minha tia, e depois falou com o motorista.

– O que ele disse ao motorista?

Masao hesitou.

– Eu... não sei.

– Não ouviu a conversa?

– Não, senhor. Mas sei que falaram de meu assassinato. E foi por isso que fugi.

– De onde você fugiu?

– Do castelo francês ao norte daqui.

– E seu tio está lá agora?

– Está, sim, senhor. Com minha tia e Higashi, o motorista. Não acredito que ele seja realmente um motorista. Acho que meu tio o contratou para me matar.

– Você acha?

– Isso mesmo, senhor.

– É uma acusação muito séria a que está fazendo.

– Eu sei, senhor. Preciso de proteção.

– Qual é a sua idade?

Masao achou que era uma pergunta muito estranha.

– Dezoito anos, senhor.

O policial balançou a cabeça, como se essa resposta elucidasse algum mistério.

Levantou-se e anunciou: – Muito bem, acho que posso ajudar você. Qual é o nome do seu tio? – Sato... Teruo Sato.

Brannigan escreveu alguma coisa num pedaço de papel.

– Espere aqui. Voltarei num instante. Quer tomar um café?

– Não, senhor.

Masao queria apenas que aquele pesadelo terminasse. O tenente Brannigan se ausentou por dez minutos e declarou ao retornar: – Pode parar de se preocupar. Tudo vai acabar bem.

Masao experimentou uma súbita e inebriante sensação de alívio.

– Muito obrigado, tenente. Se puder me arrumar uma passagem de avião para que eu volte a Tóquio, providenciarei para que seja pago assim que chegar.

– Não será necessário – respondeu o tenente Brannigan. – Temos um fundo de emergência para coisas assim.

– O que acontecerá com meu tio? Ele será preso imediatamente?

– Cuidaremos dele. Tem de haver um julgamento.

Masao sabia disso. Costumava assistir a Perry Mason. A justiça na América era poderosa. Masao concluiu que não tinha mais com que se preocupar. Estava seguro.

– Eu sei, senhor.

Foi nesse momento que soaram vozes no corredor. A porta foi aberta, e Teruo e Higashi entraram na sala. Masao fitou-os, incrédulo.

– Masao! – exclamou Teruo. – Sua tia e eu ficamos muito preocupados com você. Pensamos que lhe acontecera algo terrível. Ele virou-se para o tenente Brannigan e acrescentou: – Agradeço por ter me telefonado, tenente.

O policial traíra Masao! Não acreditara em sua história. Enganara-o, fingindo estar do seu lado. Eu devia estar louco ao achar que ele acreditaria em mim, pensou Masao. É um executivo respeitado, de uma importante companhia, e de repente eu o acuso de tentativa de assassinato. Nem mesmo Perry Mason acreditaria em minha história.

"Tenho uma dúzia desses casos de fujões." – comentava o tenente Brannigan. – É uma idade difícil.

Teruo balançou a cabeça, com uma expressão compreensiva.

– Posso compreender. Masao está sofrendo do choque. Ele lhe falou da morte dos pais? O tenente Brannigan acenou com a cabeça.

– Falou, sim. E me contou uma história fantástica sobre o senhor e um motorista tentando afogá-lo.

Teruo olhou para Masao, desconsolado.

– Pobre coitado... Ele precisa de um médico. Tratarei de providenciar, o mais depressa possível.

Ele deu um passo na direção de Masao.

– Não me toque!

Os olhos de Masao se encheram com um pânico repentino.

Ele virou-se para o tenente Brannigan. – Por favor, tenente! Eles vão me matar! O policial sacudiu a cabeça.

– Ninguém vai matá-lo. Seu tio quer apenas cuidar de você. Nada lhe acontecerá. Volte para sua casa.

O imenso motorista adiantou-se, pegou o braço de Masao.

– Vamos embora – ordenou Higashi.

Masao fez uma última súplica: – Tenente, não deixe que eles me levem! Mande-me de volta para o Japão!

– E o que vamos fazer, levá-lo para o Japão e lá poderá receber as atenções devidas. – Teruo olhou para o tenente. – Obrigado por sua ajuda

– Não foi nada. Espero que o rapaz fique bom.

– Cuidaremos dele – murmurou Teruo.

Matt Brannigan observou os dois homens saírem da sala com Masao. Sentia pena do rapaz. Parecia um bom garoto, até normal, exceto por aquela ideia maluca de que o tio queria matá-lo. Bastava olhar o Sr. Sato para se saber que era um executivo respeitável. Era bem provável que o garoto fosse um viciado. Talvez LSD, ou outra coisa terrível. Ele não invejava o tio do rapaz.

Lá fora, Teruo e Higashi levaram Masao para a limusine. A mão grande de Higashi apertava o braço de Masao, machucando-o. Não havia a menor possibilidade de escapar agora.

– Devia se envergonhar de ter me causado tanto problema! – declarou Teruo, furioso.

Masao foi empurrado para o banco da frente, ficou espremido entre Higashi e o tio. Sua mente funcionava a toda. Não deixaria que o matassem.

No momento em que o carro parasse, diante da casa, trataria de fugir. Podia correr mais do que os dois. Nunca o alcançariam se...

Masao sentiu uma súbita picada no braço e baixou os olhos. O tio retirava uma seringa.

– O que você fez? – balbuciou Masao.

– Apliquei uma coisa para fazê-lo relaxar – respondeu Teruo. – Você não está bem, Masao. E tenho me preocupado muito com você. Mas muito mesmo. Sua tia e eu conversamos a respeito. Ficamos com receio de que pudesse cometer alguma loucura...

As palavras pareciam vir de muito longe agora, e o rosto do tio começou a flutuar diante dos olhos de Masao. Sentia a cabeça cada vez mais pesada. Fora drogado.

Não iam lhe dar qualquer chance de escapar. E com certeza o matariam enquanto estivesse inconsciente.

– Vocês...

Mas a língua parecia muito grossa, as palavras não puderam sair. Os olhos de Masao se fecharam. E depois houve apenas a escuridão.

Masao despertou aos poucos, abriu os olhos. Estava num quarto estranho. A cabeça latejava de dor. Não tinha a menor ideia do tempo em que ficara inconsciente. Continuou deitado, imóvel, fazendo um esforço para não deixar que o pânico o dominasse, tentou recordar como chegara ali. Lembrou da conversa com o policial, o tenente Brannigan, e do aparecimento do tio e de Higashi, que o levaram para o carro. E lembrou também que fora drogado.

Sentou-se na pequena cama e sentiu-se completamente tonto. Esperou que a cabeça desanuviasse. Levantou-se com o maior cuidado, olhou ao redor, examinando o quarto.

Não havia janelas, e pela inclinação do teto Masao compreendeu que se encontrava no sótão da casa. Foi até a pesada porta de carvalho, experimentou a maçaneta. A porta se achava trancada por fora. Não havia como sair. Masao percebeu que vestia apenas a cueca e uma camiseta. Havia tirado o resto das roupas.

Para que eu não possa ir a parte alguma, pensou. E depois descobriu o verdadeiro motivo, um súbito calafrio lhe percorreu o corpo. Era bem provável que as roupas estivessem à beira do lago, onde a polícia as encontraria, junto com um bilhete forjado de suicídio. Teruo não deixa nada ao acaso. Meu pobre sobrinho não suportou a perda dos pais, e por isso...

Os pensamentos de Masao, foram interrompidos por um som no outro lado da porta. Alguém se aproximava. Devia ser Higashi, e Masao compreendeu que não teria a menor chance diante daquele homem grande e forte. Tornou a olhar ao redor, à procura de uma arma, algo com que se defender, mas não havia nada. Perguntou-se o quanto Teruo estaria pagando ao motorista para que o matasse. Uma fortuna, provavelmente. Mas não representaria coisa alguma para Teruo. Com Masao morto, Teruo entraria na posse de uma riqueza incalculável. Os passos chegaram mais perto. Masao ouviu uma chave girar na fechadura, viu a porta ser aberta. Higashi entrou, o corpo imenso bloqueando a porta. Por um momento, Masao pensou em atacá-lo, mas o motorista era muito maior, devia pesar pelo menos uns quarenta quilos a mais que ele.

– Vamos dar um pequeno passeio de barco – resmungou Higashi.

Portanto, ele estava certo! Calculara com precisão o que o tio planejava fazer. Iriam jogá-lo no meio do lago profundo. Talvez nunca descobrissem o corpo.

Higashi avançou, segurou-o pelo braço, apertou com força, como se fosse um torno.

– Vamos logo.

Higashi levou o rapaz para o corredor deserto. Estavam no quarto andar. Os dedos de Higashi eram como aço, comprimindo o braço de Masao, machucando-o.

– Se me deixar escapar, eu lhe pagarei mais do que meu tio – disse Masao, desesperado. – Quando voltar a Tóquio...

– Cale-se!

– Posso...

Higashi apertou o braço ainda mais, empurrou o rapaz pela escada abaixo, na sua frente. Chegaram ao terceiro andar. Além da varanda, Masao podia avistar o lago lá embaixo. De repente, adquirira uma aparência maligna e sinistra. Dentro de poucos minutos, Masao seria parte daquele lago, afogado, o corpo perdido para sempre. Não podia permitir que isso acontecesse! Os galhos de um pinheiro alto e gracioso se projetavam sobre a varanda. Ao perceber isso, Masao sentiu uma esperança repentina. Havia uma possibilidade.

Era mínima, uma tentativa desesperada, mas era tudo o que lhe restava. Se falhasse, morreria. Mas ia morrer de qualquer maneira. O coração de Masao começou a bater mais depressa.

Esperou até ficarem em frente à janela, e nesse instante fingiu tropeçar. Ao cair, Higashi, numa reação automática, inclinou-se para pegá-lo. Por um momento, Higashi ficou desequilibrado, e Masao, aproveitou para empurra-lo, com toda a sua força, conseguindo se desvencilhar. Levantou-se no instante seguinte e correu para a varanda. Olhou para o chão lá embaixo constatou que a altura era de pelo menos quinze metros. Se caísse, a morte seria instantânea. Mas não tinha opção. A árvore era o único caminho para alcançar a segurança. Estendeu as mãos para o galho do pinheiro.

Os dedos começaram a escorregar, mas logo conseguiu segurar com firmeza e balançou na direção do tronco. Foi então que sentiu alguma coisa agarrar sua perna. Virou a cabeça e descobriu que era Higashi, puxando-o para trás. Masao se debateu, mas era inútil. O braço musculoso de Higashi envolveu seu pescoço, sufocando-o.

Masao, conseguiu se contorcer escapou, com a maior dificuldade para respirar. O motorista tornou a avançar, o rosto dominado pela fúria.

– Vou matar você aqui mesmo! – sibilou Higashi.

Ele estendeu os braços para envolver Masao, esmagá-lo.

Masao tratou de se esquivar. Sabia que aqueles braços eram, bastante poderosos para partir-lhe a espinha.

Desviou-se devagar para a direita, afastando-se da árvore. Quando Higashi já quase o alcançava, Masao virou-se subitamente para a direção oposta, saltou por cima da grade, tornou a agarrar o galho. Foi em vão. Higashi segurou-o no instante seguinte, como um desvairado, puxando-o para trás. Masao podia sentir que começava a afrouxar as mãos no galho. O fim se aproximava. Higashi também sentiu isso. A vitória era sua. Mas, em sua ansiedade de acabar logo com aquilo, Higashi subiu na grade, ao lado de Masao, para ter um ponto de apoio melhor. A grade não suportou o peso adicional do motorista e se partiu, de forma inesperada. Masao, segurando-se desesperado no galho do pinheiro, observou horrorizado o corpo de Higashi despencar pela altura de quinze metros. Higashi ainda soltou um grito estridente, depois o corpo bateu no chão, ficou imóvel, a cabeça torcida num ângulo anormal.

Masao continuou lá em cima, agarrado ao galho, respirando fundo, para se acalmar. Não havia mais grade para apoiar os pés. Não havia mais nada agora entre ele e a terra lá embaixo. Se as mãos escapulisses, morreria como Higashi. Bem devagar,

Masao começou a descer pelo pinheiro, passando de um galho para outro com a maior cautela. O instinto clamava para que se apressasse. O tio devia ter ouvido o grito de Higashi e podia aparecer a qualquer segundo. Pendurado na árvore, Masao seria um alvo impotente. ele se obrigou a descer devagar, testando cada galho antes de se apoiar. Depois do que parece uma eternidade, o chão ficou bem próximo e ele pulou. Permaneceu deitado onde caiu, incapaz de se mexer, tentando recuperar o fôlego. Sentindo dor em cada músculo do corpo.

Sua vontade era continuar ali para sempre, descansando no chão frio, mas sabia que tinha de escapar, e depressa Mas para onde? Não havia qualquer lugar par onde pudesse ir. Não podia procurar de novo o tenente Brannigan. Ele tornaria a telefonar e o tio iria buscá-lo; e agora havia um homem morto. Poderiam até culpá-lo por isso. Masao, levantou-se, no escuro, apenas de cueca e camiseta, tentou pensar no que fazer. Não tinha dinheiro, nem roupas, e sua vida corria perigo. Viu uma luz se acender no alto da casa, virou-se e saiu correndo às cegas pela estrada.

A lua era cheia, e Masao aproveitou a claridade para se manter na beira da estrada. Especulou sobre o que estaria acontecendo na casa. Teruo já teria descoberto o corpo de Higashi? Já estaria procurando pelo sobrinho? Como em resposta a seus pensamentos, ele ouviu um carro se aproximando. Meteu-se atrás das moitas, fora de vista. Um momento depois, a limusine familiar apareceu na curva, avançando devagar. Teruo estava ao volante, os olhos esquadrihando os dois lados da estrada. Masao agachou-se ainda mais por trás das moitas, esperou que a limusine passasse. Quando não mais ouvia o barulho do motor, saiu de seu esconderijo e recomeçou a descer a estrada. Dez minutos mais tarde, ouviu a limusine se aproximando outra vez e tratou de se esconder atrás das moitas.

Observou o tio passar de volta à casa. Talvez pensasse que Masao ainda se encontrava escondido em algum lugar da propriedade.

O rapaz acelerou os passos.

Ao alcançar Wellington, Masao contornou a cidadezinha, para que ninguém o visse. Não cometeria de novo o erro de ir à delegacia de polícia. E se perguntou, pela centésima vez, para onde poderia ir. Estava pior do que perdido; não tinha destino.

A luta com Higashi o esgotara, e precisava desesperadamente descansar. Mas sabia que tinha de continuar andando. Se parasse, poderia ser apanhado, e isso acarretaria sua morte. Assim, forçou-se a continuar ao longo da noite, dando um passo de cada vez. A cada passo, distanciava-se mais e mais do tio, mais e mais do perigo. A chama ardente que mantinha Masao em movimento era a raiva intensa contra Teruo. O tio não tinha o menor interesse em providenciar que os pais de Masao recebessem um funeral apropriado. Sua única preocupação era se apossar do império que por direito pertencia ao sobrinho. Mas Masao estava determinado a cuidar para que os pais tivessem um funeral condigno. De alguma forma, levaria suas cinzas para o Japão. E ninguém poderia impedi-lo, nem Teruo, nem qualquer outra pessoa.

Não sabia ainda como o faria; só tinha certeza de que faria isso, ou morreria tentando.

O ar noturno era frio, e Masao começou a tremer. Não havia qualquer lugar em que pudesse obter roupas, nenhum jeito de se manter aquecido. Passou por casas de fazendas às escuras e pensou com inveja nas pessoas lá dentro, aconchegadas e seguras.

Especulou por quanto tempo mais seria capaz de continuar. O futuro parecia desolador.

Mesmo que encontrasse uma pessoa a quem pudesse contar sua história, seria sua palavra contra a do tio, e ele era apenas um rapaz, enquanto Teruo era um homem de posição e importância.

O tio tinha – como era mesmo que os americanos gostavam de dizer? influência. O tenente Brannigan não acreditara em Masao. Ninguém mais acreditaria. Ele sentia-se acuado num pesadelo, do qual não havia escapatória.

No início da manhã seguinte, Masao descobriu-se nos arredores de outra cidadezinha. A rua principal estava apinhada, as pessoas reunidas num grupo. Por um momento terrível, Masao pensou que o procuravam, esperavam ali para pegá-lo. Mas todos conversavam e riam; o clima era de feriado. Perplexo, Masao foi para o lado da estrada, fora de vista, num ponto de onde poderia observar o que acontecia.

Havia pelo menos duas dúzias de homens no meio da rua, vestindo shorts e camisetas, enquanto outras pessoas, completamente vestidas, postavam-se nos lados. Masao não podia entender do que se tratava. Um homem circulava pelo meio da multidão, pondo pedaços de papelão com números nas costas dos homens de short. E, de repente, Masao percebeu o que era. Uma maratona! Por um instante, pensou em se juntar ao grupo. Vestia-se como os outros, seria um disfarce perfeito. Mas sabia que se achava cansado demais, esgotado física e emocionalmente. Caminhara a noite inteira,

não tinha mais forças. Decidiu esperar que os maratonistas partissem, e depois continuaria.

Mas nesse instante ocorreu algo que fez Masao mudar de ideia. Avistou a limusine do tio se aproximando pela estrada. Portanto, Masao ainda não conseguira escapar! A busca se tornara mais próxima, poderia ser descoberto a qualquer minuto. Masao apressou-se em ir para o meio dos homens de short e camiseta. O homem que distribuía os números olhou para Masao e disse: – Você quase perdeu. Estamos prontos para a partida.

Um número foi grudado nas costas de Masao. Os corredores assumiram posição, preparados para o tiro de partida, Masao deslocou-se para o meio do grupo, onde ficaria oculto. Não tinha a menor intenção de participar da corrida. Só queria se perder no meio da multidão, até que o tio fosse embora. Mas no momento em que o juiz de partida ergueu a arma, a fim de disparar para o ar o tiro que daria o sinal para o início da corrida, Masao percebeu que a limusine preta se aproximava do grupo. O estampido soou nesse instante e Masao se descobriu a correr, junto com os outros, permanecendo sempre no meio do bolo, para que o tio não o visse. Quando a limusine passou pelo grupo de corredores, Masao baixou a cabeça. O tio afastou-se devagar. Masao sentia-se exausto da longa noite, mas teve medo de deixar a corrida agora, pois a qualquer momento Teruo poderia voltar. Sua única segurança era usar os outros corredores como uma camuflagem. E, por isso, Masao resignou-se à longa corrida pela frente. Dava passadas compridas e, porque era jovem, com um corpo forte, logo se ajustou ao ritmo da corrida.

Começou a examinar os corredores ao redor. Alguns eram mais velhos, outros pareciam ser da sua idade. Masao especulou sobre a corrida, se era realizada todos os anos, qual o seu propósito e o que aconteceria ao final. Sabia que nenhuma dessas coisas era importante. Só importava que estaria seguro enquanto fosse um dos corredores.

Os outros lhe proporcionavam cobertura.

Ele começou a usar o segundo fôlego e passou a sentir que as pernas adquiriam mais força. Corria um pouco mais depressa agora, e foi ultrapassando outros corredores. Não tinha certeza do ritmo que deveria imprimir, pois não sabia qual era a distância da corrida; podia ser cinco ou dez quilômetros. Decidiu que deixaria para se preocupar com esse problema mais tarde. Afoito, aumentou ainda mais a velocidade e deixou outro grupo de corredores para trás. Começava a experimentar a exultação da brisa fresca e da manhã em seu rosto, dos movimentos fáceis do corpo. Ergueu os olhos e constatou que havia apenas meia dúzia de corredores à sua frente. Tornou a acelerar, e logo só havia cinco à frente depois quatro... três... e Masao emparelhou com os dois corredores na dianteira. Eles aumentaram o ritmo e Masao, fez um esforço para acompanhá-los. O coração batia forte, os pulmões ardiam. Não tinha certeza se poderia continuar. Não havia nenhum motivo para que ganhasse aquela corrida, nada significava para ele. E, no entanto, sabia que tinha de continuar. Era uma questão de orgulho. Já que entrara na corrida, tinha de vencê-la. Não seria o segundo melhor. E, por isso, Masao passou a

correr ainda mais depressa, e não demorou muito a ficar em primeiro, os braços e pernas funcionando como pistões. Contornou uma curva da estrada, e logo à frente havia uma cidadezinha, com uma faixa estendida por cima da rua, dizendo: Linha de Chegada – MARATONA ANUAL.

Masao, sentiu que os outros dois corredores vinham logo atrás, e, numa explosão final de velocidade, cruzou a linha de chegada em primeiro. Descobriu-se cercado no instante seguinte, as pessoas no maior entusiasmo. Apertavam sua mão, davam parabéns, falavam tão depressa que não dava para entender o que diziam.

– Olhe para cá! – gritou uma voz.

Masao levantou a cabeça e deparou com um cinegrafista de televisão a filmá-lo. A cena tinha a irrealidade de um sonho. As pessoas davam tapinhas em suas costas, faziam questão de tocá-lo.

– Você deveria participar das Olimpíadas...

– Aposto que quebrou algum recorde...

– Mora por aqui ... ? Tratavam-no como se ele fosse alguma espécie de herói.

Aparentemente, a corrida era muito importante para aquelas pessoas. Pois fora importante para ele também, pois talvez tivesse salvado sua vida. Só gostaria agora que todos falassem mais devagar, a fim de que pudesse entender. Um homem de boa aparência aproximou-se de Masao, ergueu a mão bem alto e gritou: Senhoras e senhores, silêncio, por favor! O barulho da multidão foi diminuindo aos poucos, e logo o homem continuou: – Este é um grande dia para todos nós. Nossa cidade foi homenageada com sua participação no Programa Presidencial de Preparo Físico. Este é o terceiro ano em que temos o privilégio de participar deste evento meritório e esplêndido. Nossos jovens hoje...

O homem devia ser o prefeito da cidadezinha, concluiu Masao, aproveitando o momento ao sol e a audiência cativa. Masao não tinha a menor ideia do que o homem dizia, e ficou parado ali, em silêncio, polido, esperando que ele acabasse para poder ir embora.

Mas houve uma surpresa. Ao encerrar o discurso, o homem virou-se para Masao e declarou: – E agora, em nome dos habitantes de nossa cidade, tenho prazer em presenteá-lo com este cheque, para comemorar sua gloriosa vitória hoje. E ele entregou a Masao um cheque de cem dólares. Era uma dádiva dos céus.

– Obrigado balbuciou Masao. – Eu... eu... Masao não conseguiu lembrar a palavra agradeço, e arrematou de outra forma: – Eu estou muito satisfeito.

Houve aplausos da multidão, e as pessoas começaram a se afastar. Masao olhou para o cheque. A primeira coisa a fazer agora era comprar roupas. Virou-se para um rapaz louro, mais ou menos da sua idade, que vestia um jeans e uma camisa de cores fortes. Masao levantou o cheque e falou, bem devagar: – Com licença. Pode me dizer onde posso... Ele parou, incapaz de se lembrar da palavra descontar. Censurou-se por um instante por não se concentrar mais nas aulas de inglês. Mas Masao teve sorte. O rapaz compreendeu.

– Quer descontar o cheque? Há um banco bem na esquina. Venha comigo. Eu o levarei até lá.

– É muito gentil.

– Você é novo aqui, não é? – indagou o rapaz louro, enquanto atravessavam a rua.

– Sim.

– De onde você é?

– Tóquio.

– Ei, que bacana! Meu nome é Jim Dale. Qual é o seu?

– Masao... – Ele hesitou. – Masao Harada.

– Prazer em conhecê-lo, Masao.

Chegaram ao banco. Masao se lembrou de repente que não tinha nenhum documento de identidade. Talvez não quisessem descontar o cheque. Possuía o resgate de um rei que agora lhe pertencia, em bancos no mundo inteiro, mas não podia tocar em nada. E não tinha qualquer dinheiro. Aquele cheque de cem dólares era tudo com que podia contar.

– Entrarei com você – propôs Jim Dale.

O rapaz louro parecia se deleitar com a glória de seu novo amigo. Entraram juntos no banco. Jim Dale levou Masao, a um guichê e disse à caixa que estava ali: Oi, Srta. Perkins. Meu amigo quer descontar um cheque. A caixa olhou para Masao e sorriu.

– Ah, você é o rapaz ganhou a corrida.

Masao fitou-a, aturdido. O problema da língua outra vez!

– Como... como disse?

A mulher repetiu: – Você rapá ganhô a corrida.

Subitamente, Masao compreendeu: Você é o rapaz que ganhou a corrida. Ele acenou com a cabeça.

– Sim, madame.

A caixa pegou o cheque, contou cinco notas de vinte dólares. Estendeu-as pelo guichê para Masao.

– Aqui está. Cem dólares.

Ele pegou o dinheiro, agradecido.

– Obrigado.

Daria para comprar roupas e comida. Masao virou-se para Jim Dale.

– Preciso comprar roupas. Sabe onde...

Jim acenou com a cabeça.

– Não tem problema. Venha comigo.

Poucos minutos depois, Masao e seu amigo entraram numa loja de departamentos.

– Esta é a nossa maior loja – anunciou Jim Dale, orgulhoso.

– É muito bonita – comentou Masao, polido. Era pequena, em comparação com as imensas lojas de departamentos do Japão que Masao conhecia, mas serviria a seu propósito.

Jim levou-o ao departamento de roupas, onde havia uma variedade de ternos, jeans e camisas. Masao escolheu um jeans e uma camisa esporte, foi experimentar. Não se ajustavam com perfeição, mas dava para vestir. Pelo menos tinha o que usar.

– Vou levar – disse Masao ao vendedor. O problema seguinte era comida.

– Há alguma pizzaria na cidade? – perguntou ele a Jim Dale.

Jim ficou surpreso.

– Uma o quê? Masao pensou que não devia ter pronunciado o nome direito.

Repetiu-o, mais devagar: – Uma pizzaria.

O rapaz louro ficou vermelho.

– Claro. Temos uma excelente pizzaria. Luigi's. Apenas pensei que vocês... Não come comida japonesa?

Masao riu.

– Durante todo o tempo. Mas também gosto de hambúrguer, cachorro-quente e pizza.

– Grande, cara! Venha comigo.

O Luigi's estava repleto de estudantes secundários, falando alto, rindo, desfrutando a companhia dos colegas. Deixou Masao com saudade de casa. Era um estranho numa terra estranha, sem ninguém com quem pudesse conversar. Jim Dale observava-o, curioso.

– Algum problema? Masao forçou um sorriso.

– Não. Está tudo bem. O cheiro das pizzas é delicioso.

E também tinham um gosto sensacional. Todas as três. Você não é de brincadeira – comentou o rapaz louro.

– Não entendi.

– Tem um tremendo apetite. Acho que correr é que lhe dá tanta fome.

A palavra correr trouxe Masao de volta à realidade. Esquecera seus problemas por um momento, mas tudo voltou de repente.

Quando deixassem o restaurante, Jim iria para casa, ao encontro de sua família, onde estaria protegido e seguro. Mas não havia lugar em que Masao pudesse ficar seguro. Tinha de continuar a correr. Quanto maior a distância da casa, da companhia e do tio, 1 melhor. E aquele lugar era perigoso, uma cidade pequena, onde sobressaía, como um estrangeiro. Precisava ir para uma cidade grande, onde se perderia na multidão.

– A cidade de Nova York é muito longe? – perguntou Masao.

– Fica a apenas duas horas de trem daqui. – – – Jim Dale olhou para seu relógio. – Um trem deve partir dentro de vinte minutos.

Masao embarcaria nesse trem.

Foi Sachiko quem assistiu por acaso ao noticiário da televisão, às seis horas da tarde, em que Masao aparecia como o vencedor da corrida. Chamou o marido, e os dois ficaram olhando para Masao na tela. Teruo lembrou que passara pelos corredores naquela manhã. E Masao se escondera no meio deles! Teruo, estivera bem próximo de descobri-lo. Nunca imaginara que o sobrinho conseguiria se esquivar por tanto tempo. Afinal, o rapaz fugira sem roupas e sem dinheiro. Não tinha amigos, nenhum lugar para onde pudesse ir. Era apenas uma questão de tempo até encontrá-lo. Mas Teruo, não tinha tempo a perder. Precisava se livrar de Masao o mais depressa possível. Era a hora de recrutar ajuda.

Havia um detetive particular de quem Teruo ouvira falar. Um profissional hábil e calejado, chamado Sam Collins, que fazia qualquer coisa por dinheiro. Possuía a reputação de ser implacável e obter resultados. Era uma combinação que atraía Teruo. Ele pegou o telefone e discou o número do detetive Sam Collins.

Masao pensara que se sentiria perdido em Manhattan, mas de certa forma, de uma estranha maneira, tudo lhe parecia familiar. Os prédios, o barulho, as multidões, o tráfego, tudo lembrava Tóquio. Além disso, como vira muitos filmes americanos, Masao reconheceu o Radio City Music Hall, o Empire State Building e o Rockefeller Center. Começou a relaxar, pela primeira vez desde que fugira do tio. Não havia menor possibilidade de alguém conseguir encontrá-lo naquela vasta cidade. Perdia-se por completo no meio da multidão, nos enxames de pessoas correndo para o trabalho, ao encontro de amigos, para pegar um trem. Masao andou pela Broadway contemplando os imensos anúncios luminosos as vitrines das lojas. Espantou-se com a quantidade de produtos japoneses vendidos ali – rádios transistorizados, câmeras, aparelhos de TV, gravadores. E muitos eram fabricados pelas Indústrias Matsumoto. O que deixou Masao com um senso de orgulho. E um senso de medo.

Escutava as pessoas falando ao seu redor, e todas pareciam se manifestar em línguas diferentes. Ouvira dizer que a América se tornara o cadinho do mundo e era verdade.

As pessoas vinham para cá dos cantos mais distantes da Terra, trazendo sua herança, sua cultura, sua língua. Havia cartazes nas vitrines em espanhol, francês, alemão e japonês.

– Começava a escurecer. Ele precisaria de um abrigo para a noite. Entrou num vão de porta e contou seu dinheiro. Ainda tinha setenta dólares.

Não sabia quanto custaria um quarto de hotel, mas compreendia que devia ser cauteloso com o dinheiro. Arrumaria um emprego, até formular um plano e determinar a quem poderia pedir ajuda. Pensou em Kunio Hidaka, que dirigia as Indústrias Matsumoto na América. A sede da companhia era em Los Angeles, Califórnia, a cinco mil quilômetros de distância, no outro lado do país. Masao teria de encontrar um meio de chegar lá. O Sr. Hidaka era um amigo. Acreditaria nele e o ajudaria. Amava o pai de Masao, sempre

fora leal à família Matsumoto. E Masao sentiu-se melhor só de pensar em Kunio Hidaka. Permaneceria em Nova York até ganhar dinheiro suficiente para a viagem à Califórnia. Não deveria ser difícil conseguir um emprego, porque ele se encontrava disposto a fazer qualquer coisa – lavar pratos, entregar coisas, fazer faxina. O importante, naquele momento, era continuar vivo. E cada dia que passasse faria com que se sentisse mais seguro. Muito em breve, o tio desistiria da perseguição, achando a procura inútil.

Teruo Sato não era, porém, um homem que aceitasse a derrota. Planejava cada movimento com a meticulosa determinação de um mestre do xadrez, e não pretendia perder o jogo agora. Te, uma reunião com Sam Collins. O detetive particular correspondia às expectativas de Teruo. Tinha ombros largos, olhos pequenos e inquietos, o rosto amassado de um ex-pugilista, um a de tenacidade. Uma orelha ficara mutilada para sempre, e o nariz se quebrara tantas vezes que os médicos acabaram desistindo de consertá-lo – Você foi muito bem recomendado – disse I Teruo. Preciso de alguém que seja discreto.

6

– É assim que continuo neste negócio. Fazendo: o meu trabalho e ficando de boca fechada.

– Excelente! Quero que descubra um rapaz para mim. Meu sobrinho. Ele sofreu um colapso nervoso. Quero que o encontre e o traga de volta para cá.

– Por que ele fugiu? – Não é da sua conta.

– Apenas pensei que poderia ajudar se soubesse...

– Fornecerei uma fotografia. Ele não tem amigos, nem dinheiro. Não deve estar longe daqui.

– Não deve ser muito difícil localizar um garoto japonês andando pelas ruas.

Teruo estudou Sam Collins Por um momento.

– Seria um erro de sua parte subestimar a inteligência do rapaz. Ele tentará se esconder.

– Pode demorar um pouco. Se ele...

– Não. Quero que o descubra o mais depressa possível. Pagarei seus honorários em dobro, mais uma gratificação de cinquenta mil dólares quando o trouxer para cá.

O detetive engoliu em seco.

– Cinquenta mil? – Isso mesmo. Há mais uma coisa que deve saber. Meu sobrinho já assassinou um homem. Se tiver de matá-lo em legítima defesa... – Teruo fez uma pausa. – Ninguém poderá culpá-lo. E mesmo assim ganhará a gratificação.

Uma expressão pensativa surgiu no rosto de Sam Collins.

– Quero mil dólares adiantados.

– Não tem problema. 86 quero que o encontre.

– Confie em mim, Mas Teruo não confiava em ninguém. Não podia se dar ao luxo de correr qualquer risco. Depois que o detetive particular se retirou, Teruo Sato fechou os olhos e sentou-se imóvel, planejando seu Próximo movimento. Imaginou-se no lugar do sobrinho. Para onde iria se fosse Masao? Onde tentaria se esconder? Em Manhattan, com sua população de dez milhões de pessoas. Era o lugar que o rapaz escolheria. Um detetive particular mesmo esperto, provavelmente não conseguiria descobri-lo. Ou pelo menos não com a rapidez necessária. Portanto, tinha de haver outro meio Seguro. E Teruo, como era um mestre do xadrez pensou a respeito e sorriu. Era um excelente plano, simples e infalível.

Masao seria apanhado em poucas horas.

Manhattan à noite era um lugar fascinante. Cintilava com milhões de luzes.

Havia luzes dos prédios e cartazes, de vitrines iluminadas, os faróis, de milhares de carros.

Masao admirou os patinadores no Rockefeller Center, passeou pela área dos teatros, onde eram apresentados os maiores shows da Broadway. Passou pelo Sardis, o

famoso restaurante teatral, onde jantavam os principais artistas do palco, parou diante da biblioteca pública, a maior do mundo, contemplou os enormes leões de pedra.

Maravilhou-se com as vitrines das mais lindas lojas da Quinta Avenida, Lord & Taylor, Bergdorf Goodman, Saks, viu vestidos que o lembraram de sua mãe. Pensou no quanto ela teria gostado de uma coisa ou outra.

Mas a mãe se fora para sempre, seu pai também. E Masao experimentou uma profunda e terrível sensação de perda. Tinha de permanecer vivo, não apenas por si mesmo, mas também pelos pais.

Sentiu uma fome súbita e compreendeu que há muito já passara a hora do jantar. Teve a impressão, percorrendo a Sétima Avenida, de que havia centenas de Restaurantes para escolher. Entrou no McDonald's familiar, com sua arcada dourada. Era como estar de volta a Tóquio.

– Quero um hambúrguer, por favor.

– Como vai querer?

Não era como estar de volta a Tóquio. Ele olhou aturdido para a garçonete.

– Como disse?

– Como vai querer? Mal passado, ao ponto, bem passado?

Masao não tinha a menor ideia do que a moça dizia. Olhou para um garoto ao seu lado, que comia um hambúrguer.

– Eu... quero um igual, por favor.

– Certo. – A garçonete virou-se e gritou para a cozinha: – Um hambúrguer, mal passado.

Ah, ela perguntara como ele queria que o hambúrguer fosse.

– Fritas?

Masao ficou confuso outra vez. O que era fritas?

Um prato de batatas fritas foi posto na frente do garoto, e Masao aproveitou a oportunidade.

– Fritas – disse ele.

Descobriu que o palpite fora certo. Pediu outro sanduíche, mais batatas fritas e arrematou, jantar com um milkshake de chocolate.

– Com licença – disse ele à garçonete. – Estou procurando um hotel. Um lugar barato. Pode me sugerir algum? Há uma porção aqui... Masao interrompeu-a.

– Desculpe, mas pode falar mais devagar, por favor? – Claro. Há uma porção por aqui, mas alguns são meio perigosos à noite. Seria melhor se fosse para o East Side.

– Muito obrigado.

Masao saiu e foi andando para o East Side. Observou que havia ônibus passando por todas as ruas, mas preferia caminhar. Havia muita coisa para ver. O fascínio pela cidade quase o fez esquecer o perigo que corria. Levaria anos para conhecer realmente toda a cidade de Nova York, pensou Masao. Amanhã procurarei um emprego. Muito em breve Teruo me esquecerá. E poderei então entrar em ação. Encontrarei um meio de derrotá-lo.

Ele passou por um hotel de aparência razoável, perto da Lexington Avenue, e decidiu que serviria. Havia milhares de hotéis em Nova York.

O tio não poderia investigar todos. Ficaria seguro ali. O saguão estava quase vazio. O recepcionista era japonês, e por um instante Masao pensou em ir embora. E se Teruo usasse uma rede de japoneses para localizá-lo? Era bem provável que houvesse uma colônia unida em Nova York, com a maior facilidade para a troca de informações.

Estou sendo paranóico, concluiu Masao. Nem todos podem ser inimigos. Ele se aproximou da recepção.

– Eu gostaria de ter um quarto para a noite, por favor.

Masao falou em japonês e o recepcionista respondeu na mesma língua. Foi só então que Masao compreendeu o quanto sentira falta de sua língua. O japonês era uma língua tão civilizada, tão fácil de compreender! Masao registrou-se sob um nome falso – Por que assumir qualquer risco? e foi conduzido ao quarto.

Era pequeno, apertado, mas limpo e barato. Masao deitou, pensando nos acontecimentos dos últimos dias. O acidente de avião que matara seus pais, a viagem para a América, as coisas terríveis que ocorreram na casa à beira do lago, culminando com a morte do motorista, Higashi. Masao pensou na maneira como escapara, apenas de cueca e camiseta, pensou na corrida, no prêmio por sua vitória. Tivera sorte até agora. Mas se perguntou por quanto tempo mais poderia contar com a sorte. E adormeceu.

Foi despertado pelo sol brilhando através da janela, abriu os olhos, sentindo-se revigorado e descansado. Olhou para o relógio de pulso. Onze horas da manhã.

Dormira por quase doze horas! Lavou-se no pequeno banheiro no fim do corredor, vestiu as mesmas roupas que usara no dia anterior. Eram tudo o que tinha. Assim que obtivesse um emprego, compraria mais roupas. Agora, porém, tinha de pensar em comer.

Masao decidiu que seria um grande desjejum, ao estilo americano. Suco de laranja, ovos com bacon, panquecas. Na noite anterior, notara uma lanchonete a dois quarteirões do hotel. Seguiu para lá. Talvez lhe dessem um emprego de balconista.

Chegou à esquina, ficou esperando que o sinal de trânsito mudasse. Um caminhão parou ao lado da banca de jornais na esquina e um homem na traseira jogou uma pilha de jornais vespertinos na calçada. O sinal mudou para verde e os pedestres começaram a atravessar a rua. Mas Masao permaneceu paralisado na esquina. Na primeira página do jornal havia a sua fotografia. A manchete dizia: **POLÍCIA PROCURA RPAZ QUE ASSASSINOU MOTORISTA.**

Teruo Sato tomara a iniciativa. de um instante para outro, todos se tornaram inimigos. Masao experimentou a sensação de que se encontrava sob a luz dos refletores, completamente nu. Não era mais uma figura anônima, perdido numa multidão de estranhos. Tornara-se um alvo, o objetivo de uma caçada policial. Estranhos pareciam fitá-lo com a maior atenção, comparando seu rosto com o retrato na primeira página do jornal. Masao ainda estava tonto do choque da palavra assassinou. A morte de Higashi fora um acidente. Teruo sabia disso, mas distorcera os fatos para montar sua armadilha.

Masao podia ser julgado, condenado à prisão pelo resto de sua vida, talvez mesmo executado.

E, assim, não haveria como impedir que Teruo se apossasse da companhia.

Um guarda uniformizado se aproximava, e Masao tratou de se virar. As ruas não eram mais seguras para ele. Seria fácil reconhecer seu rosto, entre todos aqueles brancos.

Existia um bairro japonês em Nova York. O primeiro impulso de Masao foi descobrir onde ficava e ir para lá, sumindo entre os outros rostos japoneses. Mas hesitou. Era bem provável que fosse o primeiro lugar em que a polícia o procuraria.

Haveria detetives por lá, com a sua foto, revistando as ruas, hotéis, restaurantes. Não, não seria seguro. Nenhum lugar era seguro. Nem mesmo ousava voltar ao hotel em que passara a noite.

O guarda já passara por ele, mas parou, olho em sua direção. Masao afastou-se, andando devagar, o cérebro em disparada, tentando determinar o que fazer. A situação parecia desesperadora. Sua vida corria perigo. Todos o procuravam. Se a polícia não o prendesse, Teruo o pegaria. a rede das Indústrias Matsumoto era vasta. Exercia uma influência poderosa, e Teruo usaria essa influência para destruí-lo. E, de repente, Masao teve uma ideia. Havia um lugar em que ninguém pensaria em procurá-lo.

Nem mesmo Teruo. Pela primeira vez, Masao começou a sentir um raio de esperança.

Ele entrou numa cabine telefônica, pegou a enorme lista e se pôs a procurar um determinado número.

A fábrica local das Indústrias Matsumoto ficava num vasto distrito industrial, em Queens, não muito longe do Aeroporto La Guardia. Às duas horas daquela tarde, Masao apresentou-se ao departamento de pessoal da fábrica. Saltara de um ônibus na frente da gigantesca instalação e ficara parado ali, com um nó na garganta, olhando para a placa que tinha o sobrenome do pai e seu. Aquele seria o seu refúgio. Lera uma história sobre um homem que escondera uma importante carta ao misturá-la com outras sem importância, em cima de sua mesa. Ninguém pensara em procurar ali. Pois ninguém pensaria em procurar Masao na fábrica. Seria o último lugar que Teruo ou a polícia pensariam em revistar.

Masao telefonara e marcara um encontro com o gerente de pessoal, Sr. Watkins. Uma secretária entregou um formulário para Masao preencher. Ele examinou-o e sentiu um aperto no coração.

Nome: Não podia dar seu verdadeiro nome. Endereço: Não tinha endereço.
Telefone: Não tinha.

Local de nascimento: Era um estrangeiro aqui.

Ocupação: Fugitivo.

Parecera uma excelente ideia se perder como um empregado entre centenas que trabalhavam na fábrica Matsumoto. Mas aquilo... A secretária observava-o.

– Está com alguma dificuldade? – Oh, não! – Masao se apressou em responder. Tornou a olhar para o formulário. Tinha de conseguir aquele emprego de qualquer maneira.

Não havia qualquer outro lugar para onde pudesse se ir. Precisava ganhar o suficiente para viajar até a Califórnia e falar com Kunio Hidaka. Levanto os olhos e constatou que a secretária ainda o observava. Masao começou a escrever.

Ao terminar, seu nome era Masao Harada, nas cerca em Chicago, Illinois, e seu endereço local era o albergue da ACM. Sob Experiência, Masao relacionou meia dúzia de empresas fictícias e inventou endereços em Chicago, Detroit e Denver. Levaria semanas para conferir todas as informações, e a esta altura ele já teria ido embora.

Dez minutos depois, Masao entrou na sala do Sr. Watkins. Era um homem gordo, de meia-idade, lábios vermelhos e grossos, e uma peruca que parecia exatamente com uma peruca. Ele examinou o formulário que Masao entregara e comentou: – Você parece muito jovem para ter toda essa experiência que registrou aqui. Masao experimentou um momento de pânico. Relacionara empregadores demais? Watkins balançou a cabeça, contrariado, enquanto acrescentava: E nunca ouvi falar dessas empresas.

O que não era de admirar, já que não existiam.

– São muito pequenas, senhor. Watkins soltou um resmungo.

– Desculpe, filho, mas só contratamos empregados experientes.

Masao não podia aceitar um não como resposta. Sua vida dependia disso.

– Mas sou experiente, senhor. – Havia desespero na voz de Masao. – Por favor, experimente-me.

– Eu não...

A porta foi aberta nesse momento, e um homem em mangas de camisa entrou na sala com uma pilha de papéis.

– Pode mandar isso para Tony?

Watkins disse: – Claro. Esse rapaz aqui alega ser um gênio em eletrônica. Não quer lhe fazer algumas perguntas? O homem olhou para Masao.

– Está certo.

Watkins tornou a se virar para Masao.

– O Sr. Davis é nosso engenheiro-chefe.

– Já trabalhou com equipamentos eletrônicos? – indagou Davis.

– Já, sim, senhor.

– Sabe como montar um sistema de circuito?

– Claro, senhor.

Era um terreno seguro, falar sobre uma coisa que conhecia e adorava. Masao falou devagar, tomando cuidado ao traduzir os termos técnicos do japonês para o inglês.

– Começa-se com o quadro vazio. O circuito desejado é fotografado nele, depois se acrescentam os componentes. Consistem em transistores, resistores, capacitores e CIs, que são os minicircuitos integrados. O quadro é mergulhado num banho ácido, para se remover todo o resto. Depois...

– Já chega! – disse o Sr. Davis, levantando a mão. Ele virou-se para o Sr. Watkins. – Ele não apenas sabe do que está falando, mas também daqui a alguns meses estará se candidatando ao meu emprego. Boa sorte, garoto.

O Sr. Davis se retirou. Watkins disse a Masao: – Parece que você conseguiu o emprego.

O coração de Masao disparou de alegria.

– Obrigado, senhor.

– Precisamos de alguém na linha de montagem.

O salário é de duzentos e cinquenta dólares por semana, para começar.

Masao converteu para ienes. Daria quase 52 mil ienes. Em uma semana, ganharia o suficiente para a viagem à Califórnia. Watkins continuou a falar: – Preciso do seu cartão de seguridade social. Masao ficou atordoado. Não tinha o cartão.

– Eu... hã..... – Masao pensou depressa. – Está com meu pai. Ele viajou. Vou trazê-lo assim que ele voltar.

Watkins deu de ombros.

– Tudo bem. Providenciarei tudo para você começar logo. – Ele olhou atentamente para o rosto de Masao. – Você nunca trabalhou aqui antes, não é? – Não, senhor.

– Engraçado... seu rosto me parece bastante familiar. E Masao sentiu uma pontada de medo.

O interior da fábrica Matsumoto era espaçoso, limpo e eficiente. Em circunstâncias normais, Masao sentiria o maior orgulho ao pensar que tudo aquilo fora criado por seu pai. Aquelas pessoas deviam seus empregos a Yoneo Matsumoto; só que Masao não pensava nisso agora. Aquele lugar não era uma fábrica para ele, mas sim um esconderijo temporário, um refúgio.

Havia cerca de cem operários na linha de montagem, muitos japoneses. Homens e mulheres trabalhavam lado a lado. Masao foi apresentado ao capataz, um homem pequeno, de rosto fino e antipático. Seu nome era Oscar Heller, e Masao sentiu uma aversão imediata. Heller levou Masao, para o vestiário e jogou-lhe um jaleco branco.

– Pode vestir. Sempre usará isso quando estiver na linha de montagem. Entendido? – Sim, senhor.

– Venha comigo.

Voltaram à linha de montagem. Heller apontou para um lugar vazio.

– Você vai trabalhar ali. E não cometa erros, entendido? – Entendido, senhor.

– Pode começar.

Masao observou o capataz se afastar, parar para passar a mão na bunda de uma das moças. Ela se esquivou, disse alguma coisa, irritada, Heller riu, continuou andando.

Masao ficou indignado. Como um homem assim podia ser promovido a capataz? Se Masao pudesse se pronunciar a respeito, Heller seria despedido. Mas é claro que Masao não podia dizer coisa alguma. Tinha muita sorte por estar trabalhando ali.

Ele virou-se, estudou a linha de montagem. Era exatamente como a fábrica em Tóquio. Era essa a vantagem da produção em massa. Poderia ir para qualquer das fábricas Matsumoto espalhadas pelo mundo e sempre saberia como operavam.

Observou os circuitos impressos serem fotografados no quadro e o ácido remover todo o resto.

Buracos eram abertos no quadro, os componentes acrescentados, a montagem seguindo numa correia transportadora para uma tina de solda, em que tudo se tornava preso no quadro. Era uma operação que Masao já vira mil vezes.

O lugar de Masao na linha de montagem era entre um homem de meia-idade à esquerda e uma moça à direita. Ambos eram japoneses. O homem virou-se para Masao e disse: – Seja bem-vindo.

– Obrigado.

Masao, olhou para a moça e seu coração quase parou. Era a coisa mais linda que ele já vira. Tinha um rosto oval e suave, olhos meigos e inteligentes. Parecia ser da sua idade. Ela percebeu que Masao a observava e sorriu.

– Seja bem-vindo.

– Obrigado.

– Meu nome é Sanae Doi.

A voz era gentil, melodiosa.

– Meu nome é Masao... – Ele hesitou. – Masao, Harada.

Masao levantou os olhos e deparou com Heller a observá-lo, com uma expressão irada, do outro lado da linha de montagem. Ele vai me criar problemas, pensou Masao.

– É melhor começar a trabalhar logo – sussurrou Sanae. – O Sr. Heller não gosta de ver ninguém ocioso. Quer que eu lhe mostre como fazer' – Obrigado, mas acho que já sei.

E enquanto Sanae observava, Masao pegou o componentes à sua frente e começou a Montá-los. Trabalhava com uma habilidade inata, cada movimento eficiente e rápido. Sanae ficou impressionada. Nunca vira nada parecido.

– Você... é muito bom – comentou ela.

– Obrigado.

Masao gostava de trabalhar com as mãos. Mas sabia que, com o passar do tempo, acabaria entediado com aquele serviço. Seu cérebro precisava de algo mais desafiador.

Agora, é claro, isso não tinha importância. Estava ali porque era seguro, trabalhando em sua própria companhia, disfarçado como um dos operários. Os dedos efetuavam a montagem de forma automática, enquanto a mente se desviava para outras questões. Haveria um problema quando deixasse de apresentar o cartão de seguridade social.

Outro problema seria o de encontrar um lugar para morar. Restava bem pouco dos cem dólares que ganhara na corrida. Só receberia o primeiro pagamento dentro de uma semana e os poucos dólares de que dispunha não durariam por tanto tempo.

– Havia um intervalo para o café durante a manhã e outro à tarde. No intervalo da tarde, Masao fez questão de vaguear pela fábrica, a fim de ter uma noção do lugar.

Conversou com alguns operários. Pareciam competentes, interessados no trabalho. Com suas perguntas aparentemente casuais, Masao descobriu que se sentiam felizes e orgulhosos por trabalharem ali. Meu pai ficaria satisfeito por isso, pensou Masao. Até onde ele podia perceber, o único problema era o capataz, Oscar Heller. Era um algoz, os operários tinham medo dele, tentavam evitar sua ira. E outra vez Masao se perguntou como o Sr. Heller conseguira o cargo de capataz. Quando ouviu Heller gritar agressivo com uma mulher, que cometera um pequeno erro, Masao desejou poder interferir, mas sabia que tinha de permanecer tão quieto quanto possível e tentar escapar a qualquer atenção.

Uma campainha tocou às cinco horas, e os operários encerraram o expediente. Foram para o vestiário, onde trocaram o jaleco branco por seus paletós e casacos. Masao observou Sanae vestir seu casaco. Ela era muito graciosa.

E Masao decidiu que haveria de conhecê-la melhor.

Masao saiu da fábrica junto com os outros mas havia uma grande diferença: eles tinham uma casa para onde ir. E ele não tinha nenhum lugar em que pudesse se abrigar. Não podia correr o risco de ficar nas ruas à noite. A polícia estaria à sua procura, e Teruo também. Precisava encontrar um quarto. Foi andando por ruas transversais, até encontrar um hotel que parecia barato, com um toldo velho e rasgado na frente. Masao entrou no saguão. Dava a impressão de que havia anos não era limpo, e exalava o cheiro bolorento da derrota. Por trás do balcão estava um recepcionista entediado, lendo um livro que tinha uma mulher nua na capa. Masao adiantou-se.

– Com licença. Tem um quarto vago? O recepcionista acenou com a cabeça, sem levantar os olhos.

– Tenho.

– Quanto custa, por favor?

– Quer para um dia, uma semana, ou um mês?

Masao se perguntou como alguém suportaria viver num lugar assim durante um mês.

– Por uma semana.

O recepcionista levantou os olhos.

– Dez dólares por uma noite, sessenta dólares para a semana. Pagamento adiantado.

Masao calculou que consumiria todo o dinheiro que lhe restava, mas não tinha opção. Estava seguro agora durante o dia, mas precisava de um lugar para se refugiar à noite.

– Está certo. Fico com o quarto.

O recepcionista tirou uma chave de um gancho e estendeu-a para Masao.

– Tem bagagem?

– Não.

O homem não se mostrou surpreso. Masao especulou que tipo de pessoas viviam naquele lugar. As perdidas e derrotadas. As que haviam desistido da vida.

– Quarto 217, segundo andar.

– Obrigado.

Masao virou-se, subiu a escada. O carpete era puído e rasgado, as paredes se achavam cobertas de grafites: Kilroy esteve aqui, mas foi embora. Não podia suportar o fedor.. Mary ama John; John ama Bruce... Socorro! Tirem-me daqui!...

Paraíso das Baratas...

Por mais sujos e desleixados que fossem o saguão, a escada e o corredor, não prepararam Masao para seu quarto. Durante toda a sua vida tivera um quarto adorável, grande, limpo e arejado, com uma linda vista dos jardins e campos além.

Aquele quarto era pouco maior que um closet, imundo e assustador, com uns poucos móveis ordinários e escalavrados, uma janela com o vidro quebrado dando para uma parede de tijolos. O pequeno banheiro continha um pia encardida, um vaso com a tampa de plástico empenada e um boxe em que mal se podia ficar de pé. A roupa de cama parecia não ter sido trocada há uma semana. Masao olhou ao redor, sem saber por quanto tempo conseguiria suportar aquilo. Ora, viveria um dia de cada vez.

Não lhe restava dinheiro para o jantar, e ele não queria andar pelas ruas, onde alguém poderia reconhecê-lo. Por isso, permaneceu no quarto, tentando planejar o futuro. Avaliou os problemas com que se defrontava: . Não tinha dinheiro.

- . Não tinha amigos.
- . Estava num país estranho.
- . A polícia o procurava por um assassinato que não cometera.
- . O tio o procurava para matá-lo.

A situação era tão ruim que Masao quase riu. Podia parecer desesperançada para outra pessoa, mas ele era Masao Matsumoto, o filho de Yoneo Matsumoto, e nunca desistiria.

Não enquanto estivesse vivo.

Masao foi para o trabalho no início da manhã seguinte, andando depressa, a fim de só ficar exposto nas ruas o mínimo possível. Chegando à fábrica, vestiu o jaleco branco e foi ocupar seu lugar na linha de montagem. Sanae já estava ali.

- Bom dia.
- Bom dia.

A correia transportadora começou a se movimentar e Masao tentou se concentrar nos quadros de circuitos que passavam à sua frente. Era muito difícil se concentrar, pois se confrontava com uma experiência por que nunca passara antes: fome. Não comia nada há mais de 36 horas e não tinha ideia de onde viria sua próxima refeição. Entregara o resto do seu dinheiro ao recepcionista do hotel, e não receberia o pagamento antes da semana seguinte.

Masao nunca pensara sobre a fome antes. Quando uma pessoa é bem-alimentada, não pensa em comida; mas quando uma pessoa está faminta, não consegue pensar em outra coisa.

A campainha do almoço soou e Masao observou os outros operários saírem para comer. Alguns compravam o almoço nos caminhões que estacionavam ao lado da fábrica, vendendo sopa, sanduíches, café e roscas. Outros traziam a comida de casa.

Havia um parque pequeno e aprazível na frente da fábrica, com bancos onde os operários podiam sentar ao sol. Como era um dia quente e ensolarado, muitos foram comer 1 fora. Masao ficou parado num canto, observando-os com inveja. E foi nesse instante que uma voz ao seu lado indagou.

- Não vai almoçar? Ele virou-se e deparou com Sanae.
- Eu... há... Comi muito no desjejum.

Masao preferia morrer a admitir que não tinha dinheiro para comprar comida. Sanae estudou-o por um momento e disse, gentil: – Se mudar de ideia, tenho um

sanduíche extra. O orgulho levou Masao a responder: – Não, obrigado.

Não era um mendigo, e sim o filho de Yoneo Matsumoto. Sanae virou-se, foi até um banco e sentou-se com colegas de trabalho. Masao refletiu que ela era a coisa mais adorável que já vira. Quando um rapaz se aproximou e sentou-se ao lado de Sanae, Masao sentiu uma súbita pontada de ciúme. Sabia como estava sendo tolo. Era um criminoso procurado. Tinha de viver um dia de cada vez. Não ousava pensar em qualquer outra coisa senão permanecer vivo. A fábrica era sua, aquelas pessoas trabalhavam para ele, mas por um irônico desvio do destino não podia comprar sequer um pedaço de pão. Alguém largou um sanduíche pela metade num banco, e Masao teve de fazer um esforço para não sair correndo e pegá-lo.

A campainha soou. Era hora de voltar ao trabalho.

Sanae tinha certeza de que havia alguma coisa errada. Estava consciente da presença de Masao desde que ele entrara na fábrica. Havia uma diferença nele, um senso de orgulho, que o distinguia dos outros. E era óbvio para Sanae que não se tratava de um operário comum. Ele possuía uma incrível habilidade. Sanae tentou analisar o que a perturbava naquele rapaz. Masao tinha a aparência de alguém acostumado a coisas boas, e no entanto usara as mesmas roupas por dois dias consecutivos. E exibia uma cautela nervosa que deixava Sanae intrigada.

E havia ainda aquela história de o rapaz não comer. Sanae o vira observando os outros e percebera a fome em seu rosto. E sua curiosidade aumentava a cada momento que passava.

Masao tinha a impressão de que Sanae o examinava discretamente, mas ela desviava o rosto(cada vez que a fitava. Às três horas houve um intervalo para o café. Os operários largaram as ferramentas e saíram para comprar lanche nos caminhões de comida estacionados lá fora. Masao foi sentar-se num banco vazio, tentando esquecer a maneira como seu estômago roncava, esperando a campainha para retornar ao trabalho, Um momento depois, Sanae sentou-se ao seu lado. Trouxera duas xícaras de café e dois sonhos.

– Pensei que você poderia gostar de partilhar isso comigo murmurou ela.

Masao fitou-a em silêncio por um momento, pensando em recusar, mas a tentação era irresistível.

– Obrigado – murmurou ele, polido.

Pegou uma xícara e um sonho, esperou que Sanae desse uma mordida no seu. Só depois é que Masao levou o sonho à boca. Era a melhor coisa que já provara em toda a sua vida. A vontade era devorá-lo num instante, mas tratou de se controlar. Tomou um gole do café, e o líquido quente, escorrendo pela garganta, tinha um sabor maravilhoso.

Os dois ficaram sentados ali, comendo em silêncio. Sanae estudou Masao. Havia nele uma intensidade que ela jamais reparara em qualquer outro homem. Ele parecia cordial e franco, mas ao mesmo tempo Sanae sentiu que era uma pessoa bastante retraída.

– De onde você é? – perguntou ela. Masao hesitou apenas por um instante.

– Tóquio.

Ela nunca veria a ficha no departamento de pessoal que dizia Chicago.

– Meus pais nasceram em Tóquio – comentou Sanae.

– Já esteve no Japão? – Não.

Masao suspirou, dominado por uma nostalgia entre amarga e doce.

– É um lindo país.

Ele se perguntou se algum dia tornaria a vê-lo, se algum dia voltaria à sua casa.

– Tenho certeza que é. Espero um dia ir até lá. Sua família está aqui com você?

Masao hesitou outra vez. Não tinha o menor desejo de mentir para Sanae, mas a verdade era perigosa.

– Está, sim.

E, de uma maneira terrível, era verdade. A mãe e o pai estavam com ele, dependiam dele. Não teria paz enquanto não lhes proporcionasse um funeral apropriado.

Masao olhou para Sanae e teve um profundo pressentimento de que os dois poderiam se tornar grandes amigos. Não, pensou ele, sincero, mais do que bons amigos.

Mas isso nunca aconteceria. Tais sonhos eram para os outros, não para ele. Devia pensar apenas numa coisa: sua sobrevivência.

O som da campainha assinalou o final do intervalo para o café.

Masao resolveu seu problema de dinheiro naquela noite. No pequeno distrito comercial, perto do hotel, passara por uma loja de penhores, com três enormes bolas de ferro penduradas por cima da porta. O único bem precioso que Masao tinha em seu poder era o relógio que o pai lhe dera ao completar dezoito anos. Era de ouro, de 21 quilates, mas para Masao o valor maior estava no fato de ter sido um presente do pai. Nunca lhe passaria pela cabeça se desfazer do relógio; agora, porém, não tinha opção. Hesitou por vários minutos, antes de entrar na loja e pôr o relógio no balcão.

– Gostaria de tomar um dinheiro emprestado, deixando este relógio como garantia – disse Masao. – Voltarei para buscá-lo um dia.

Se tudo correr bem, pensou ele. Se não corresse, seria preso ou morreria, e assim não faria a menor diferença.

O homem do penhor pegou o relógio, examinou-o com uma lupa de joalheiro, balançou a cabeça em aprovação.

É um bom relógio. Quanto quer emprestado? Quinhentos dólares. O homem sacudiu a cabeça. É demais.

Trezentos dólares.

Duzentos e cinquenta.

Negócio fechado – concordou Masao.

Seria mais do que suficiente para levá-lo de ônibus até a Califórnia. Pensara muito no que faria e concluíra que a resposta para seu problema estava em Los Angeles, onde encontraria Kunio Hidaka. Masao observou o penhorista contar o dinheiro e lhe entregar, junto com um tíquete.

– Este é o tíquete do penhor. Tem seis meses para resgatar o relógio. Depois desse prazo, eu o venderei.

Seis meses! Masao nem mesmo tinha certeza se estaria vivo dali a seis dias.

– Obrigado. Eu voltarei.

Masao deu uma última olhada no relógio, depois guardou o dinheiro no bolso e se retirou. Foi para um restaurante japonês, a poucos quarteirões do hotel, e teve de fazer um esforço para não correr. O simples pensamento de comida o deixava com a boca cheia d'água.

Sentou-se, fraco de fome, e pediu a comida. Empanturrrou-se com sopa de miso, onkatsu, arroz, legumes em conserva, e camarão no tempura, com frutas frescas de sobremesa.

Ao terminar, Masao sentia-se como um novo homem, pronto para enfrentar o mundo de novo.

Os dias seguintes transcorreram na maior tranquilidade; e tanta que Masao quase esqueceu o perigo que corria. Lia os jornais com o maior cuidado, todos os dias.

A história de como assassinara um motorista, fugindo em seguida, saiu da primeira para a segunda página, e acabou sendo relegada para uma página interna, passando quase despercebida. Masao passou a respirar com mais facilidade. Não mais experimentava a sensação de que era iluminado por refletores. A polícia tinha outras coisas com que se preocupar. E muito em breve Teruo se cansaria de procurá-lo.

– 109 Masao levantava cedo todas as manhãs, comia o desjejum numa pequena lanchonete perto do hotel e seguia a pé para a fábrica. Cada vez que entrava ali, sentia o maior orgulho, a impressão de que ficava mais próximo do pai. Mas havia outro motivo para que Masao gostasse de ir trabalhar – Sanae. Pensava nela à noite, quando ficavam separados. Gostava de ficar ao seu lado na linha de montagem, observando-a trabalhar.

O bom-dia jovial de Sanae parecia a Masao uma maneira maravilhosa de iniciar o dia. Conversavam um pouco quando o capataz não estava olhando, e logo adquiriram o hábito de almoçar juntos, e também saírem juntos nos intervalos para o café. Quanto mais via Sanae, mas Masao gostava dela. Ela falou sobre sua família.

– Meu pai e minha mãe vieram para cá pouco antes de eu nascer.

– Posso perguntar qual é a ocupação de seu pai? – Ele é um artista. – Uma pausa, e Sanae se corrigiu: -Era um artista. Não pode mais pintar, por causa da artrite.

– É por isso que você trabalha?

– É, sim. Meus pais só contam comigo. Eu ia cursar a faculdade de medicina.

Talvez um dia ainda consiga.

Não havia o menor vestígio de autocompaixão em sua voz.

– Gosta de trabalhar aqui? – perguntou Masao.

– Gosto muito. A não ser por... – Ela acenou com a cabeça na direção de Heller, o capataz. – Ele não é nada simpático.

– Concordo. Seria muito mais agradável aqui sem ele.

– Fale-me sobre você, Masao.

Era um pedido inocente. E muito perigoso. Por um instante frenético, Masao sentiu-se tentado a contar tudo. Precisava desesperadamente de alguém com quem conversar, a quem pudesse confidenciar. Mas sabia que isso era impossível. E por isso

respondeu, com extremo cuidado: – Não há muito o que contar. Sou interessado em eletrônica. E achei que este seria um bom lugar para aprender.

Sanae fitou-o, curiosa.

– Estive observando-o.

– E o que viu?

– Você não precisa aprender nada.

– Eu...

A tentação de ser sincero com Sanae era quase irresistível, mas Masao sabia que não devia ceder. Pelo bem da própria Sanae.

Era perigoso demais. Ele ainda não estava preparado para enfrentar Teruo.

Masao descobriu-se diante de um novo dilema. Queria muito convidar Sanae para saírem juntos, levá-la para jantar, depois um cinema, ou uma discoteca. Só que não ousava. Receava ser visto em público, pois sempre havia a possibilidade de que alguém o reconhecesse. Não queria envolvê-la em seus problemas.

Sanae sentia-se perplexa. Masao parecia gostar dela e apreciar sua companhia; e, no entanto, não a convidava para sair. Já revelara que não tinha namorado e sabia que Masao não se achava ligado a ninguém. Mas ele não demonstrava o menor interesse em vê-la fora do trabalho. Era o homem mais desconcertante que já conhecera.

O problema foi resolvido para ambos pelo Mets de Nova York e o Phillies de Filadélfia.

Havia um lugar público em que Masao se sentiria seguro: o estádio. Com milhares de torcedores presentes, ficaria perdido na imensa multidão. Masao era um fã ardoroso de beisebol e, quando leu no New York Times que o Mets jogaria com o Phillies no Shea Stadium, não pôde resistir. Alguns dos seus ídolos jogavam nessas equipes e Masao não podia perder uma oportunidade de assisti-los em ação. Levantou-se bem cedo naquela manhã e entrou numa enorme fila no estádio, a fim de comprar um ingresso. Ao chegar à frente da fila, o bilheteiro indagou: – Quantas entradas? Masao, respondeu sem pensar: – Duas.

Ele pagou e foi embora, perguntando-se o que o levava a comprar duas entradas, em vez de uma. Mas é claro que sabia. Queria levar Sanae. Mas logo começou a se preocupar.

E se Sanae não quisesse sair com ele? E se não gostasse de beisebol, ou tivesse outro compromisso? Masao, passou a manhã se torturando com essas especulações.

Ao meio-dia, sentou-se com Sanae sob as árvores, para almoçar. Decidira abordar o assunto de forma gradual. Em vez disso, porém, descobriu-se a perguntar abruptamente: – Tenho duas entradas para o jogo do Mets amanhã. Gosta de beisebol? Sanae detestava beisebol.

– Adoro.

Ela observou o rosto de Masao se desmanchar num vasto sorriso.

– Maravilhoso! O Mets vai jogar contra o Phillies. Tug McGraw será o lançador. Lee Mazzilli será o primeiro a rebater para o Mets.

Para Sanae, era como se ele estivesse falando sobre marcianos.

– Será emocionante! Não importava para ela aonde Masao a levaria. Sabia apenas que gostava de sua companhia, que era o rapaz mais atraente que já conhecera. Havia algo em Masao que não entendia – uma certa tensão, uma cautela quase animal, que não combinava com sua personalidade. Ele parecia se manter em constante vigília, contra alguma coisa ou alguém. Às vezes parecia até – e Sanae sentia-se uma tola por

sequer pensar assim – assustado. Sabia que algo perturbava Masao e esperava que um dia ele se sentisse bastante íntimo para contar tudo. Enquanto isso, se era uma coisa que deixava Masao feliz, ela estava mais do que disposta a assistir a uma dúzia de partidas de beisebol ao seu lado.

O Shea Stadium ficou lotado. Masao refletiu que nunca vira tantas pessoas juntas, num determinado momento, em toda a sua vida. Os estádios no Japão eram grandes, mas não se comparavam com aquele, Todos os nomes de que Masao ouvira e lera, ao longo dos anos, estavam no campo. Ele os apontou para Sanae.

– Vê aquele grandalhão saindo do banco? Steve Henderson, o melhor jogador do meio do campo.

– Já vi – murmurou Sanae, submissa.

– Ei, aquele é Frank Tavers! É um dos grandes jogadores da segunda base. Sanae balançou a cabeça, muito séria.

– Eu sei.

– E lá vem Craig Swann! Será o primeiro arremessador do Mets.

Phillies seria o primeiro a rebater. Pete Rose seria seu primeiro rebatedor, seguido por Matty Trio, na segunda base do Phillies, e Mike Schmidt, na terceira base.

Masao não podia desviar os olhos do campo e Sanae não conseguia desviar os olhos de Masao. Ela nunca vira ninguém num excitamento tão genuíno. Masao era um adulto em certas coisas, mas também conservava um entusiasmo infantil, que ela adorava.

– Olhe ali! – exclamou Masao. – É Greg Luizinski!

– Fico contente por saber que ele vai jogar murmurou Sanae, sorrindo. Sanae sabia que muitos fãs de beisebol eram torcedores fanáticos de seus times, mas Masao torcia pelos dois times! Não fazia diferença para ele quem vencesse. Era o jogo que ele amava, o esporte, os lançamentos, rebatidas, e todo o resto.

Por isso, o evento extraordinário que ocorreu no final da partida foi um choque ainda maior para Sanae do que poderia ser em circunstâncias normais O Mets tinha o bastão, com as bases ocupadas. Até mesmo Sanae, que pouco conhecia de beisebol, sabia que se tratava de um momento emocionante. Steve Henderson levantou o bastão e a multidão delirou. Todos se encontravam de pé, gritando, torcendo para que ele fizesse a jogada que daria a vitória a seu time.

Foi nesse momento crucial que Masao virou-se para Sanae, o rosto subitamente pálido, e murmurou: – Vamos sair daqui! Antes de entender o que acontecia, Sanae descobriu-se sendo arrastada pela arquibancada, e se encaminhando para a saída do estádio. Não podia acreditar. Masao decidia se retirar no momento mais emocionante do jogo.

A multidão explodiu em berros. Algo muito importante acontecia no campo. Sanae disse: – Masao, não quer ver o que...

– Não! Depressa! A expressão de Masao era sombria, os passos apressados. Sanae olhou para trás. Policiais uniformizados subiam pelos lados da área que haviam

acabado de deixar, esquadrinhando a multidão, Um minuto depois, Sanae e Masao entraram num dos túneis que levavam às saídas do estádio. Ele conduziu-a para um táxi.

– Não queria esperar para assistir ao final do jogo? – indagou Sanae.

– Não tem importância.

Mas ela fitou o rosto de Masao e compreendeu que alguma coisa importava.

Alguma coisa terrível.

Na fábrica, na manhã seguinte, Masao parecia ter voltado ao normal.

– Desculpe ter saído antes do fim do jogo disse ele a Sanae, calmamente. – O Mets venceu. Foi um grande jogo, não acha? Era como se nada tivesse acontecido. Sanae ficou desorientada, sem entender nada. Daria qualquer coisa para saber o que perturbava Masao, mas ainda não o conhecia bastante bem para perguntar. Só sabia que queria ajudá-lo, por todos os meios que Masao lhe permitisse.

Poucos minutos antes da hora do almoço, Heller, o capataz, passou pela porta. Sanae olhou e avisou: – Temos visitantes.

Masao olhou também.

Teruo Sato avançava em sua direção.

Por um terrível momento, Masao ficou imóvel, a mente e o corpo paralisados pelo medo. Seu primeiro pensamento foi o de que o tio descobrira seu esconderijo e viera buscá-lo. Mas enquanto observava, percebeu que Heller conduzia Teruo pela linha de montagem, explicando a operação.

Portanto, a visita do tio nada tinha a ver com ele. Teruo ainda não vira Masao, mas dentro de poucos momentos ficariam frente a frente. Masao tomou uma decisão rápida. Assim que Teruo e Heller se aproximaram de sua mesa de montagem, Masao deslocou o cotovelo e derrubou no chão um quadro de circuito. Abaixou-se no mesmo instante, oculto pela mesa, para recolher os componentes esparramados pelo chão.

– Ei, você, tome cuidado! – berrou Heller.

– Desculpe murmurou Masao.

Ele estava de quatro no chão, as costas viradas para os dois homens, pegando as peças. O coração batia forte, a respiração era acelerada. Se o tio o reconhecesse, Masao poderia correr, mas sabia que não iria muito longe. Uma palavra, e os outros operários o pegariam. Ele levantou os olhos e constatou que Sanae o observava, com uma expressão de perplexidade. Ela o vira derrubar o quadro de propósito.

– Eles já foram? – sussurrou Masao.

Sanae olhou para a porta no outro lado, por onde os dois homens passaram.

– Já, sim.

Masao levantou-se, devagar, banhado de suor.

– Está metido em alguma encrenca? – indagou Sanae, baixinho.

A encrenca em que ele se encontrava era muito maior do que Sanae jamais poderia imaginar! – Não – respondeu Masao. – Eu apenas... foi um acidente.

Soava fraco até para seus próprios ouvidos. Os ternos olhos castanhos de Sanae ofereciam apoio e amizade.

Masao forçou-se a voltar ao trabalho, mas a falsa sensação de segurança desaparecera. Em seu lugar, havia um sentimento de raiva. Teruo Sato excursionava por seu novo império, agindo como se lhe pertencesse. E, com Masao fora do caminho, seria mesmo dele, Masao nunca se sentira tão impotente em toda a sua vida.

Cada vez que alguém abria a porta, ele se apressava em olhar. Teruo poderia voltar a qualquer momento, Sanae observou o estranho comportamento de Masao, mas não disse nada. Fitou-o, esperando uma explicação, querendo ajudá-lo, mas ele se manteve em silêncio. Sentiu que Sanae ficava magoada por seu silêncio, mas nada havia que pudesse fazer. O problema era só seu. Teruo não voltou naquela tarde, nem no dia seguinte, nem no outro, e Masao começou a respirar aliviado. A visita fora apenas para inspecionar a fábrica. Era evidente que Teruo não fazia ideia de que o sobrinho se

escondia ali. E era improvável que retornasse à fábrica. Portanto, de certa forma, estou mais seguro do que nunca, pensou Masao.

Sexta-feira era o dia do pagamento. Ele receberia o cheque e partiria para a Califórnia. Perturbava-o a perspectiva de deixar Sanae. Sabia que sentiria a maior saudade.

E teria de ir embora sem qualquer explicação, desaparecendo como um ladrão na calada da noite. Talvez algum dia pudesse explicar.

Se sobrevivesse.

Ao final da tarde de sexta-feira, os operários entraram em fila no guichê do caixa para receber os cheques semanais. Sanae se encontrava quase na frente da fila, com Masao alguns passos atrás. Ele observou Sanae receber um envelope com o cheque e um pedaço de papel. Ela olhou para o papel e empalideceu. Virou-se apressada, aproximou-se de Masao, e sussurrou: – Você tem de sair daqui! Ele ficou aturdido. Por quê? Venha comigo! Depressa! Sanae ergueu o papel em sua mão, para que Masao pudesse vê-lo. Era uma fotografia sua, com uma legenda que dizia PROCURA-SE e RECOMPENSA. Estava sendo distribuído a todos os empregados.

Sanae pegou o braço de Masao. Tentando se comportar com o máximo de naturalidade possível, eles se encaminharam para uma porta lateral que dava para uma viela. O instinto de Masao era correr, mas sabia que isso seria fatal. Passara uma semana trabalhando junto de algumas daquelas pessoas. Conheciam seu rosto. Poderia ser reconhecido a qualquer momento. Forçou-se a andar devagar, esperando a qualquer instante ouvir uma voz gritar: Lá está ele! Peguem-no! Mas alcançaram a porta e saíram.

– Tenho de deixá-la aqui – murmurou Masao. Ele não tinha ideia de onde poderia se esconder. Estava convencido de que Teruo distribuía a fotografia em todas as fábricas Matsumoto do país. Agora, não ficaria seguro em parte alguma.

– Para onde você vai? – Não sei.

Os dois caminhavam pela viela, afastando-se da fábrica.

– Vou levá-lo para minha casa – anunciou Sanae. – Nunca o procurarão ali.

Masao sacudiu a cabeça.

– Não posso deixá-la se envolver nisso.

– Já estou envolvida.

Masao fitou-a, sem compreender, a mente povoada por pensamentos de sobrevivência.

– Venha comigo, por favor.

– Não. – Masao virou-se para ela. Era o momento da verdade. – Sou procurado pela polícia. – Ele respirou fundo, e arrematou: – Por assassinato.

Sanae estudou-o por um momento.

– Você é culpado, Masao? – Não.

Ela sorriu.

– Eu sabia que não. – Sanae pegou a mão de Masao. – Vamos embora.

Sanae e os pais moravam num velho prédio de apartamentos, a um quilômetro e meio do hotel em que Masao se hospedava. O apartamento era pequeno, limpo e

arrumado, com muitos objetos de arte japoneses. Havia quadros com lindas paisagens pendurados em todas as paredes, e Masao recordou que Sanae dissera que seu pai era pintor.

Os pais de Sanae estavam sentados na sala quando os dois entraram. O Sr. e Sra. Doi viviam na América havia muitos anos, mas Masao teve a impressão de que ainda se apegavam às tradições japonesas. Exibiram uma cortesia antiquada quando Masao lhes foi apresentado. Masao concluiu que Sanae parecia com a mãe, que ainda era uma bela mulher, com um corpo gracioso. Masao, contemplou as duas, e era como olhar para um espelho do futuro. O Sr. Doi era um homem franzino, com um rosto fino e sensível. Masao notou as mãos disformes e refletiu que era uma pena que ele não pudesse mais pintar aqueles lindos quadros.

– Meu amigo Masao está metido numa encrenca, mas não é por culpa dele – disse Sanae aos pais, virando-se em seguida para Masao. Conte tudo a eles.

E Masao sentiu-se acuado. Porque não podia contar.. não a verdade. Não podia admitir que era Masao Matsumoto, porque sentiria vergonha em revelar a estranhos as coisas sinistras que vinham ocorrendo em sua família. Era uma questão particular.

– Todos o fitavam, na maior expectativa. Sanae confiava nele, e teria de lhe mentir outra vez, assim como para seus pais. Ela nunca mais lhe dispensaria a menor confiança.

O que magoaria Masao mais do que julgara possível, só que não tinha opção. Recordou a história que contara antes a Sanae. Era melhor se ater a uma só mentira, do que elaborar uma tela complicada de mentiras, que acabaria por traí-lo.

Vim para a América com meus pais – começou Masao. ~ Deveria ser uma viagem de negócios rápida, e voltaríamos logo a Tóquio. Mas gostei muito deste país, e disse a meu pai que gostaria de ficar aqui. Tivemos uma discussão por causa disso e fugi.

A mente de Masao trabalhava depressa, desenvolvendo a história.

– Meu pai contratou um homem para me encontrar. Tivemos uma briga, esse homem escorregou, caiu do telhado. E morreu. É por isso que a polícia me procura.

Houve um longo silêncio. Ao final, o pai de Sanae disse: – Hum... é muito azar. Não teve nada a ver com a morte desse homem? – Não, senhor. Absolutamente nada. Foi um acidente.

Isso pelo menos era verdade.

Então deve procurar a polícia e explicar tudo. Masao balançou a cabeça, Se eu fizer isso, senhor, meu pai me obrigará a voltar ao Japão.

O Sr. Doi olhou para a esposa e a filha, antes de declarar: Devemos pensar a respeito com todo cuidado.

11

Naquele momento, na sala do gerente de pessoal da fábrica Matsumoto, reinava o maior entusiasmo. Watkins, o gerente, e Heller, o capataz, conversavam com Sam Collins, o detetive particular que Teruo contratara para encontrar Masao. Os homens examinavam a fotografia de Masao.

– Vocês têm certeza de que é mesmo ele? – perguntou Sam Collins. – Certeza absoluta?

– Não há a menor dúvida – respondeu Watkins. – Contratei-o na semana passada. Ele...

Heller interveio, ansioso: – Há alguma recompensa por ele?

– Muito grande. – Sam Collins passou um dedo pelo nariz quebrado. – Sabem para onde ele poderia ir?

Watkins sacudiu a cabeça.

– Não. Contaram-me que saiu correndo quando viu seu retrato. Nem mesmo recebeu o pagamento. – Seu rosto se iluminou. – Ei, ele deve voltar para pegar o cheque, e poderemos...

O detetive soltou um grunhido.

– Não se engane. O garoto é esperto demais para voltar.

– Esperem um pouco! – exclamou Heller. Acho que sei como podemos localizá-lo. Os outros dois o fitaram, expectantes.

– Ele fez amizade com uma de nossas operárias, Sanae Doi. Alguém os viu sair juntos. A moça talvez possa nos dizer para onde ele foi.

Foi a vez de o rosto do detetive se iluminar. Sabe onde mora essa tal de Doi? É fácil descobrir.

Watkins foi até um arquivo de metal, abriu uma gaveta, folheou as fichas dos empregados.

– Aqui está... Sanae Doi.

Ele forneceu o endereço ao detetive.

– Não vai esquecer a recompensa? – lembrou Heller.

– Se eu o encontrar – respondeu Sam Collins todos nós ficaremos ricos. E o detetive saiu.

No apartamento dos Doi, alheios ao perigo iminente, Masao, Sanae e seus pais discutiam a situação.

– Ainda acho que seria melhor se você procurasse a polícia e contasse a verdade – insistiu o Sr. Doi. – Não seria tão terrível assim voltar ao Japão com seus pais. Eles devem estar muito preocupados.

Masao, se aprofundara demais na mentira para poder sair agora. Não tinha como explicar.

– Não posso voltar de jeito nenhum. Talvez mais tarde, mas não agora.

– Concordo com meu marido – interveio a Sra. Doi. – Fugir não é uma solução, mas sim um problema.

Masao virou-se para Sanae, que se mantivera em silêncio, escutando apenas. Ela não queria que Masao voltasse para o Japão, mas também não o queria metido numa encrenca.

E tinha a impressão de que a situação era mais séria do que Masao lhes dissera. Ninguém se daria ao trabalho de distribuir a foto de Masao, a todos os empregados da fábrica se não houvesse mais alguma coisa na história. Muito mais. Mas ela acreditava em Masao.

– Acho que Masao sabe o que é melhor para ele – disse. – A decisão é dele.

Masao sentiu-se grato por ver que ela o apoiava.

– Tenho um amigo na Califórnia – disse ele. – Se puder alcançá-lo, sei que me ajudará.

– É uma pessoa em quem pode confiar? – indagou o Sr. Doi.

– É, sim, senhor. Seu nome é Kunio Hidaka. Ele trabalha para... Masao já ia dizer meu pai, mas se controlou a tempo. Concluiu: – Ele trabalha para as Indústrias Matsumoto. Que terrível equívoco quase cometera! O Sr. Doi pensou por um momento.

– A polícia o procura por aqui. Portanto, seu problema é sair de Nova York sem ser notado.

– Isso mesmo, senhor. Mas será difícil.

– Mas há um jeito – anunciou o Sr. Doi.

Masao inclinou-se para a frente, na maior ansiedade.

– Como, senhor?

E nesse momento soou uma batida forte na porta.

– Abram! – gritou uma voz. – Polícia!

Masao ficou rígido de medo. Os outros se entreolharam, alarmados.

– Depressa! – sussurrou Sanae. – Vá para o quarto!

Masao levantou-se, olhou para os três.

– Não quero criar problemas para...

– Para o quarto! Depressa!

– Abram a porta!

Masao hesitou só por mais um instante, de pois virou-se e foi para o quarto.

Assim que ele desapareceu, Sanae abriu a porta. Sam Collins entrou, indagando: – Onde ele está?

O Sr. Doi perguntou calmamente: – Onde está quem?

– Sabe muito bem de quem estou falando!

O detetive tirou um emblema do bolso. – Sou da polícia. E procuro por este rapaz.

Ele mostrou a foto de Masao para Sanae.

– Trouxe-o para cá, não é mesmo?

– Não, não trouxe ninguém para casa – respondeu Sanae.

O detetive estava furioso.

– Sei que deixou a fábrica com ele. Tenho uma dúzia de testemunhas.

– É verdade, saímos juntos – confirmou Sanae, sem perder a calma. – E depois ele me deixou.

– Deixou-a? E para onde foi?

– Não tenho a menor ideia.

Sam Collins fitou-a com uma expressão de incredulidade.

– Não se importa que eu reviste o apartamento, não é?

O Sr. Doi levantou-se.

– Eu me importo, senhor. Esta é uma residência particular. Não tem o direito de entrar aqui desse jeito. A menos que tenha um mandado judicial, eu me recuso...

Mas o detetive particular nem estava escutando. Teruo Sato lhe prometera uma fortuna se levasse Masao, e era o que tencionava fazer. Não deixaria que aquelas pessoas ou quaisquer outras o detivessem. Sacou o revólver, empurrou o Sr. Doi para o lado e entrou no quarto. Sanae e os pais ficaram paralisados, esperando por um som, um grito, um tiro. A imaginação de Sanae se projetava num ritmo febril. O detetive encontrara Masao e o espancara até a inconsciência... Masao tentara escapar e matara o detetive... os dois lutavam até a morte.

Ela pensou que não suportaria o silêncio por mais um momento sequer. E foi então que Sam Collins voltou à sala sozinho. Guardou a arma, num desapontamento óbvio.

– Tem certeza de que não o trouxe para cá? – perguntou ele a Sanae.

Ela tentou esconder seu alívio.

– Aconteceu como contei. Ele me deixou.

O detetive olhou para os três, frustrado. O instinto lhe dizia que o rapaz se encontrava ali.

– Ele deu alguma indicação do lugar para onde poderia ir?

Sanae pensou por um momento.

– Disse uma coisa...

– O que foi?

O detetive era todo ansiedade.

– Disse que tinha um amigo.

– Que amigo?

– Só falou que o amigo trabalhava numa discoteca no Brooklyn.

– No Brooklyn, hem? Obrigado.

No instante seguinte, Sam Collins saiu apressado do apartamento. Sanae e os pais correram para o quarto. Não havia ninguém ali. Procuraram no quarto de hóspedes, no banheiro. Todos os cômodos estavam vazios. Sanae foi até a janela que dava para a escada de incêndio, espiou. Não havia sinal de Masao.

– Ele se foi – murmurou o Sr. Doi.

E as palavras deixaram Sanae com um aperto no coração. Sabia que nunca mais tornaria a ver Masao.

Sentado em sua cadeira, Teruo Sato escutou o relato do detetive particular.

– Investiguei todas as discotecas no Brooklyn, mas não descobri qualquer pista.

– A moça o enganou – declarou Teruo, calmamente.

Sam Collins ficou surpreso com a atitude de seu empregador. Tinha certeza de que Sato ficaria furioso.

– Mas não se preocupe com isso – acrescentou Teruo. – Meu sobrinho estará em suas mãos nas próximas vinte e quatro horas. Sam Collins se mostrou espantado.

– Quer dizer que sabe onde ele está?

Teruo balançou a cabeça.

– Não, mas saberei. Fique à espera junto do telefone. Eu lhe direi onde encontrá-lo. – A voz se tornou gelada. – E desta vez espero que não fracasse.

– Não, senhor. Eu...

– Isso é tudo.

Ele estava sendo dispensado. Sam Collins lidara com homens perigosos durante toda a sua vida adulta, assaltantes, assassinos, psicopatas, sádicos. Mas havia alguma coisa mortífera naquele homem sereno e de fala macia que o apavorava.

– Ficarei esperando a chamada – murmurou ele.

Teruo continuou sentado ali por muito tempo depois que o detetive se retirou, imóvel como uma estátua. Até agora, o sobrinho se esquivara a todos os seus movimentos.

Entrara em xeque, mas evitara o xeque-mate.

Mas Teruo já pensara na solução para o seu problema. Descobriria Masao, através da lógica não a sua lógica, mas uma lógica superior. Usaria um computador para encontrá-lo...

um computador Matsumoto.

A ironia proporcionou uma intensa satisfação a Teruo. Pegou um telefone, fez os acertos necessários, e uma hora depois estava na seção de computação da fábrica Matsumoto, conversando com o operador. Teruo explicou exatamente o que queria, e o operador começou a trabalhar, fornecendo os dados ao computador.

Teruo descreveu os hábitos de Masao, os hobbies, as coisas de que o rapaz gostava, as que detestava. Haviam jogado xadrez muitas vezes, e Teruo sabia como a mente do sobrinho funcionava, como ele pensava, como reagia. Isso também foi transmitido ao computador.

– Pode voltar dentro de duas horas, Sr. Sato disse o operador. – Terei todas as informações de que precisa.

Está certo.

Teruo levantou-se, deixou a sala. Vagueou pela enorme fábrica, pensando: Isto tudo é meu. E também as outras fábricas Matsumoto, espalhadas pelo mundo. Tudo lhe pertencia. Por direito. Tivera alguma dificuldade com Sachiko, mas acabara por convencer a esposa de que era certo o que estava fazendo.

Não lhe contara que a morte de Higashi fora acidental. Dissera que Masao o assassinara e isso ajudara a convencer Sachiko ainda mais.

Cometera um erro ao comunicar às autoridades que Masao assassinara Higashi. Só fizera isso porque precisava da ajuda da polícia para localizar o rapaz o mais depressa possível. Mas tinha reservas a respeito.

Não queria Masao nas mãos da polícia. Queria-o à sua mercê. Por isso, contratara o detetive particular, que lhe entregaria o rapaz pessoalmente. E desta vez não haveria erros. Os computadores não cometem erros.

Duas horas mais tarde, Teruo voltou à sala de computação. O operador anunciou: – Deixei tudo preparado. Todas as informações de que precisa estão aqui.

– Bom trabalho. Obrigado.

– Não foi nada, Sr. Sato.

Teruo retornou à sua sala e estudou o impresso de computador com extrema atenção. Todos os hobbies, preferências e aversões do sobrinho estavam relacionados ali.

Masao gostava de hambúrguer e pizza. Detetives particulares vigiariam esses lugares. Masao gostava também de fliperama. As lojas de fliperama seriam vigiadas. Gostava de boliche. Sua foto seria distribuída em todas as pistas de boliche. Adorava

filmes americanos de cowboy e filmes italianos. Os cinemas que exibissem tais filmes seriam investigados. Detetives particulares ficariam atentos em todos os aeroportos, estações ferroviárias e rodoviárias. Não haveria como Masao deixar a cidade. O computador o encurralaria.

Teruo encontrou dois itens muito interessantes ao final do impresso. O alvo sentirá uma pressão crescente para passar despercebido. Provavelmente tentará se esconder no bairro japonês. Maior probabilidade estatística.

colônia japonesa em Greenwich Village. Caso o alvo consiga escapar de Nova York, as maiores probabilidades estatísticas de destino serão Los Angeles ou São Francisco.

Teruo refletiu sobre os dois últimos itens por um longo tempo. Recostou-se na cadeira, pensando, fazendo um jogo de xadrez mental com Masao.

– 141 Imaginou-se na posição de Masao. Se fosse Masao, qual seria seu próximo movimento? Como sairia de Nova York? E, subitamente, Teruo encontrou a resposta que procurava.

Era muito simples. Ajudaria Masao a escapar.

Não havia mais qualquer lugar em que Masao pudesse se esconder. A busca por ele concentrava-se em Nova York. Masao sabia que precisava encontrar uma maneira de deixar a cidade, o mais depressa possível. Pensou no detetive que invadira o apartamento dos Doi, e sentiu horror por ter envolvido Sanae e os pais em seu problema. Sanae não tinha a menor ideia de quem ele era, mas ainda assim se empenhara em ajudá-lo. Masao não esperara para ouvir toda a conversa entre Sanae e o detetive. O instinto lhe dizia que tinha de sair dali depressa, e usara a escada de incêndio. Não ousara voltar a seu hotel. A busca se concentraria naquele bairro. Seria muito fácil descobri-lo. Como um japonês podia se esconder num bairro de brancos? E, de repente, Masao, percebeu o que tinha de fazer.

Iria para o distrito japonês de Greenwich Village.

Pegou o metrô e ficou desagradavelmente surpreso com o barulho, a sujeira e a agressividade. Em Tóquio, o metrô era limpo e sossegado, os passageiros bem-educados.

O trem parou na estação de Greenwich Village e Masao saltou. Sanae mencionara o distrito japonês do Village mas Masao não sabia onde ficava. Deteve um entregador numa bicicleta e disse: – Com licença. Estou procurando o distrito japonês. Pode me ajudar? O garoto respondeu: – Claro. Basta seguir cinco quilômetros nesta direção e virar à esquerda até alcançar a Bleeker Street.

O garoto se afastou no instante seguinte, sem que Masao tivesse entendido o que dissera. Estava parado na frente de uma banca de jornal. Procurou até encontrar um guia das ruas de Nova York. Precisou de um momento apenas para descobrir o que queria e partiu.

Foi andando pela Rua 10, avistou placas em japonês e começou a se sentir mais tranquilo. Não se destacaria tanto ali.

É verdade que Teruo imaginaria que ele viria para cá, onde se sentiria mais seguro. Mandaria homens revistar os hotéis e pensões, circular pelas ruas, à sua procura.

Procurariam em lanchonetes que vendessem hambúrgueres, em pizzarias, em cinemas que exibissem filmes italianos. Só que Masao não permitiria que o encontrassem com tanta facilidade. Seria mais esperto do que Teruo. Ficaria no Village, mas em lugares em que Teruo não pensaria em procurá-lo.

Masao continuou a andar pelas ruas, passou por lanchonetes e pizzarias, por lojas de fliperama. Não entrou em nenhuma. Parou numa delicatessen, comprou alguns sanduíches, levando-os num saco de papel pardo. Passou por cinemas que exibiam filmes americanos de cowboy, e outros apresentando filmes italianos.

Continuou a andar, até encontrar um pequeno cinema na Bleeker Street, que funcionava a noite inteira, com um filme francês em cartaz. Masao olhou ao redor, para se certificar de que ninguém o observava, depois comprou um ingresso e entrou no cinema. Não entendia uma só palavra de francês, mas era essa a sua segurança. Não o procurariam ali. Sentou-se para assistir ao filme, sem compreender nada, e comeu os sanduíches. Era uma sessão dupla, e quando terminou um filme, teve início o outro. Masao pegou no sono. A noite era o momento mais perigoso, porque havia poucas pessoas nas ruas. Durante o dia podia se fundir na multidão.

Despertou pela manhã, com câibras. Na tela, o mesmo homem fazia amor com a mesma mulher. Masao teve a impressão de que os franceses só pensavam em amor, e isso o lembrou de Sanae. Algum dia, quando fosse seguro, telefonaria para agradecer o que Sanae fizera por ele.

Masao saiu para a rua, piscando à intensa claridade do sol. Havia muitas pessoas andando pelas calçadas, e ele seguiu no fluxo, sempre atento aos guardas. Sabia que não poderia permanecer naquela área por muito tempo, pois seria perigoso demais. tinha certeza de que o tio mandara vigiar os aeroportos, estações ferroviárias e rodoviárias. Portanto, precisava encontrar outro meio de deixar a cidade. Ouvira dizer que às vezes havia pessoas que publicavam anúncios procurando alguém que guiasse seu carro através do país. Se encontrasse uma pessoa assim, seria a maneira perfeita de escapar de Nova York.

Foi até a banca de jornais na esquina, comprou o Daily News e o O.C.S. News, o jornal japonês. Entrou numa lanchonete e sentou-se para ler os anúncios classificados.

Nada encontrou no Daily News, mas no jornal japonês deparou com um anúncio que fez seu coração parar por um instante: Japonesa idosa procura rapaz que a leve de carro até Los Angeles. Todas as despesas pagas. Era a oportunidade que esperava. A perspectiva de chegar a Los Angeles e a Kunio Hidaka proporcionou uma súbita esperança a Masao. Recortou o anúncio com todo cuidado, consultou o guia de Nova York que comprara e descobriu a localização da rua indicada no anúncio.

Começou a andar na direção do local. Sentia a maior alegria, convencido de que a mulher o aceitaria. Provavelmente era doente e idosa. Ele a levaria sã e salva a Los Angeles. Depois disso, cuidaria de seus próprios problemas. Faria o tio pagar pela coisa

terrível que tentara fazer com ele e com as Indústrias Matsumoto. Nem que fosse a última coisa que fizesse, haveria de vingar a honra da família.

Dez minutos depois, Masao descobriu-se diante de um velho prédio de apartamentos. Consultou outra vez o anúncio classificado. Apartamento 113. Masao olhou para suas roupas, Estavam amarrotadas de dormir no cinema durante a noite inteira, os sapatos empoeirados. Limpou-os na calça, respirou fundo e entrou no prédio, sentindo um grande excitação. A mulher tinha de contratá-lo! Sua vida dependia disso. Ficou parado na frente do apartamento 113 por um longo momento, de pois bateu na porta. Foi aberta por uma japonesa idosa, vestindo um quimono tradicional.

– O que deseja? perguntou ela.

– Vim aqui por causa de seu anúncio.

A mulher estudou-o devagar, antes de dizer: Ah, sim... Entre, por favor. Até agora, tudo bem! Masao entrou no apartamento.

– Procura por alguém para levá-la de carro à Califórnia? A velha acenou com a cabeça.

– Isso mesmo. Tenho um carro, mas não posso guiar.

– Pois eu posso ajudá-la. Espero que me aceite para guiar seu carro até Los Angeles.

E foi nesse instante que uma voz de homem disse, por trás de Masao: – É muita gentileza sua, garoto.

Masao, reconheceu a voz, sem qualquer dúvida. Ouvira-a pela última vez no apartamento de Sanae, quando fugira. Virou-se e deparou com Sam Collins. O detetive particular empunhava um revólver e o apontava para Masao.

– Mas como ... ? Com uma súbita vertigem, Masao compreendeu que caíra numa armadilha. Teruo, fora mais esperto do que ele! O tio concluíra que Masao tentaria desesperadamente sair de Nova York, e saberia que todos os caminhos normais seriam bloqueados. A única fuga possível seria num automóvel, e como Masao não dispunha de qualquer documento de identificação, não poderia alugar um; assim, teria de procurar outros meios. Teruo providenciara esses meios. Publicara o classificado no O. C.8. News, o único jornal japonês da cidade de Nova York, atendendo a todas as necessidades de Masao. E Masao mordera a isca.

Censurou-se por ter sido tão ingênuo, mas agora era tarde demais. Fitou nos olhos o detetive particular e disse: – Não fiz nada de errado. A morte do homem foi aci...

– Cale-se! Com a arma na mão direita, Sam Collins enfiou a esquerda no bolso, tirou uma nota de cem dólares e entregou à velha.

– Fez um bom trabalho. Obrigado. – Ele balançou a cabeça para Masao. – Vamos embora, filho.

– Escute-me, por favor! – Não me crie problemas. Você está preso.

– Vai me levar para a delegacia? – Isso mesmo. – Sam Collins sacudiu a arma na direção da porta. – Vamos andando.

A velha virou-se, como se pudesse se dissociar do que estava acontecendo pelo fato de não olhar. Masao não podia culpá-la pelo que fizera. Cem dólares deviam ser

uma fortuna para a velha, e ela não tinha ideia do perigo em que o lançara, Não era parte da conspiração. Apenas fora usada.

Sempre apontando a arma para Masao, Sam Collins abriu a porta. Saíram. O detetive manteve a arma escondida dos transeuntes. Havia um velho Chevrolet verde estacionado junto ao meiofio. O detetive abriu a porta no lado do passageiro.

– Não tente coisa alguma! – advertiu ele. – Não faz diferença para mim se o levo à delegacia vivo ou morto. É procurado por homicídio. Está me entendendo? Masao acenou com a cabeça. Compreendia muito bem. Apontando a arma, Sam Collins sentou-se ao volante e gesticulou para que Masao entrasse no carro.

– Aprecio um garoto obediente. – Sam Collins ligou o carro. – E agora quero que você relaxe. Temos uma longa viagem pela frente.

Portanto, não iriam para a delegacia! O detetive o levaria de volta para o tio.

A mente de Masao disparou. Sabia que, se tornasse a cair nas mãos de Teruo, não escaparia vivo.

– Não sei quanto meu tio está lhe pagando, mas posso pagar muito mais. Sou o proprietário da companhia Matsumoto. O detetive soltou uma risada.

É engraçado. Seu tio acha que ele é o dono. Se me ajudar, eu posso...

Esqueça! Não sei o que está acontecendo e nem quero saber. Fui contratado para encontrá-lo e levá-lo de volta, e é isso o que vou fazer. Pode ser da maneira fácil, ou da maneira difícil. Se tiver de ser da maneira difícil, você sairá machucado. A decisão é sua.

– Está no lado errado insistiu Masao. – Solte me, e eu o tornarei rico.

Sam Collins sorriu.

– Já sou rico.

E era mesmo. Na segunda reunião, Teruo dissera: – A gratificação de cinquenta mil dólares é apenas um começo. Traga meu sobrinho, e será um homem rico.

Teruo prometera uma fortuna, e agora que essa fortuna se encontrava em seu poder, não a deixaria escapar. Teria dinheiro suficiente para se aposentar, nunca mais trabalhar, pelo resto de sua vida. Sempre desejara viver na Flórida, passeando de barco, pescando. Podia levar a esposa, ou a amante, talvez nenhuma das duas. Ou vira dizer que havia uma abundância de lindas mulheres na Flórida. Um homem só precisava de dinheiro. E dali por diante teria mais dinheiro do que conseguiria gastar.

Ele olhou para o rapaz de jeans e camisa suja, e pensou: Olhe só quem me diz que estou no lado errado! Tinha de tirar o chapéu para Teruo.

O japonês era mesmo esperto. Soubera exatamente como preparar a armadilha. O detetive inclinou-se pela frente de Masao, abriu o porta-luvas. Tirou uma garrafa de uísque, abriu-a, tomou um trago. Bem que merecia.

Masao mantinha-se em silêncio. O detetive quase sentia pena do garoto. Mas o azar de Masao era a sorte de Sam Collins. Ele tomou outro trago da garrafa, ofereceu a Masao.

– Tome um gole. Vai relaxá-lo.

– Não, obrigado.

Sam Collins deu de ombros, indiferente, tornou a guardar a garrafa no portafolhas.

– Você deve ter feito alguma coisa para deixar seu tio furioso, garoto.

Masao não respondeu. Ora, não é mesmo da minha conta, pensou o detetive. Meu trabalho vai terminar quando o entregar. Ele pensou no polpudo cheque que receberia, não pôde conter um sorriso. Nem mesmo seria em cheque. Em dinheiro. Sem imposto de renda a pagar. Em vez da Flórida, talvez fizesse uma viagem às ilhas dos Mares do Sul. Diziam que todas as mulheres ali eram lindas e disponíveis.

Dinheiro. Era esse o segredo. O dinheiro transformava um homem em rei. Ganhara um bom dinheiro durante toda a sua vida, mas aquilo era a sorte grande com que sempre sonhara. A chave do cofre. Sam Collins tornou a olhar para Masao e se perguntou em que o garoto estaria pensando.

Masao pensava em escapar. Sabia que seria impossível persuadir o detetive a ajudá-lo.

tinha de encontrar outro meio. Já fora advertido que Collins não hesitaria em baleá-lo, se tentasse fugir. Era até provável que se tornasse um herói por matar um assassino fugitivo. Masao pensara em saltar do carro, mas o detetive continuava a lhe apontar o revólver, enquanto guiava só com a outra mão. Poderia atirar em Masao antes que passasse pela porta.

Masao olhou pela janela empoeirada do carro. Uma placa com uma flecha apontando para a frente dizia Ponte George Washington. Depois que atravessassem a ponte, Masao sabia que não teria mais qualquer chance, pois entrariam na via expressa para o norte do estado, e não haveria paradas. A distância, Masao divisou a gigantesca Ponte George Washington, cruzando o majestoso Rio Hudson. Dispunha de cerca de três minutos para formular um plano de fuga. Avaliou o detetive, especulando se haveria alguma possibilidade de dominá-lo, mas instintivamente compreendeu que não havia nenhuma. Mesmo sem a arma, não teria a menor possibilidade contra o homem poderoso sentado ao seu lado.

Aproximavam-se de um sinal de trânsito verde, prestes a passar para vermelho.

Collins começou a calcar o acelerador, a fim de passar pelo cruzamento antes que o sinal mudasse, mas um carro da polícia surgiu ao lado. O detetive pisou no freio, parou no sinal. Não tem sentido me meter numa encrenca agora, pensou Sam Collins. Não quando me encontro tao perto de ficar rico.

Masao também vira o carro da polícia, com dois guardas, parado no sinal, do lado de Sam Collins. Por um instante desesperado, sentiu-se tentado a gritar por socorro.

Mas a polícia estava à sua procura. Os guardas também eram inimigos. tinha de pensar em alguma coisa, e pensar depressa. O sinal mudaria a qualquer segundo.

E, de repente, uma ideia lhe ocorreu. Virou-se para o detetive e disse: – Posso mudar de ideia sobre aquele trago? Bem que estou precisando.

– Claro. Como eu disse, servirá para deixá-lo relaxado. Sirva-se.

Masao abriu o porta-luvas, tirou a garrafa, abriu-a. Levantou a garrafa, de olho no sinal. Contraíu-se todo quando o sinal começou a passar de vermelho para amarelo e verde. O detetive pisou no acelerador. Tudo agora dependia de calcular o momento

exato. Assim que o carro começou a avançar, Masao ergueu a garrafa por cima da cabeça de Sam Collins e despejou o uísque. O detetive virou o rosto para ele, surpreso.

– Ei, o que pensa que está fazendo? Ao erguer o braço para tornar a garrafa de Masao, retirou a mão do volante por um instante. Foi então que Masao segurou o volante com as duas mãos e virou-o com toda a força para a esquerda, jogando o sedã na traseira do carro da polícia. Os dois guardas olharam para Sam Collins. O motorista praguejou e gritou: – Pare junto da calçada! Sam Collins tremia de raiva. Resolveria aquele problema, tornaria a partir com o garoto e lhe aplicaria uma boa surra, para que aprendesse a lição. Ele parou o carro no meio-fio, observou os guardas saltarem e se aproximarem, com expressões sombrias.

– Saia! – ordenou um deles. Sam Collins saltou do carro.

– Sinto muito, seu guarda. Foi um acidente. Terei o maior prazer em pagar os prejuízos. O volante escorregou da minha mão e...

Os vapores do uísque que Collins exalava fizeram com que os olhos do guarda lacrimejassem. Ele virou-se para o parceiro.

– Parece que temos um motorista bêbado aqui.

– Está enganado – protestou Sam Collins. – Não estou bêbado. O garoto apenas fez uma brincadeira. Despejou uísque em cima de mim.

– Que garoto? Sam Collins virou-se para apontar para o interior do carro. Masao desaparecera.

Quando a vida é serena e suave, o Tempo é um amigo. Quando a vida fica repleta de problemas, o Tempo se torna um inimigo.

O Tempo se tornara inimigo de Masao. Subestimara o tio. Pensara que Teruo o deixaria em paz, desistiria da caçada, mas agora compreendia que isso jamais aconteceria.

Teruo não descansaria enquanto Masao não estivesse morto. Naquele momento, devia estar sentado em algum lugar, num escritório ou numa fábrica, talvez na casa à beira do lago, trabalhando em sua estratégia, a sangue-frio. Quando jogavam xadrez, Teruo sempre vencera Masao. Mas desta vez a aposta era diferente: a vida de Masao.

No momento em que o Chevrolet batera no carro da polícia, Masao saíra pela outra porta e se afastara apressado, na direção oposta. Foi andando às cegas, sem saber para onde ia, querendo apenas aumentar a distância que o separava do capanga do tio. Sua vontade era correr, mas receava atrair atenção. Numa reação instintiva, seguiu para o centro de Manhattan, onde as multidões eram mais densas, onde seria mais difícil ser descoberto. Mas não tinha destino. Não podia voltar a Greenwich Village. Não podia voltar a seu hotel. Não havia qualquer lugar para onde pudesse ir. Assim que Teruo soubesse que Masao escapara, as ruas ficariam fervilhando de homens à sua procura. Teruo tinha toda a fortuna Matsumoto à sua disposição, e gastaria cada centavo necessário para remover o último obstáculo em seu caminho. Masao enfrentava a polícia, toda a força de segurança das Indústrias Matsumoto, e nem dava para calcular quantos detetives particulares. Nunca se sentira tão sozinho em sua vida. Não, não estava totalmente sozinho. Havia Kunio Hidaka, em Los Angeles. Masao pensou nos bons tempos que haviam partilhado, ao longo dos anos. O pai de Masao confiava em Hidaka. Mas como alcançá-lo? Não podia explicar a situação pelo telefone. Precisava de alguma forma se encontrar com ele pessoalmente.

– Ei, veja por onde anda! – disse uma voz. Masao levantou os olhos para constatar que esbarrara num porteiro, com um casaco cinza comprido.

– Desculpe – murmurou ele.

O porteiro apitava por táxis, para uma fila de pessoas à espera. Masao descobriu que estava parado na frente do Hilton Hotel, na Avenida das Américas. Olhou ao redor e se fixou numa coisa.

Não foi no hotel, mas em algo parado na frente.

Era um enorme ônibus da Greyhound, com um letreiro que dizia Los Angeles. Algumas pessoas embarcavam no ônibus, mas o que atraiu a atenção de Masao foi o fato de todos os passageiros serem japoneses! Era uma excursão japonesa, a caminho de Los Angeles. Uma oportunidade perfeita, e Masao compreendeu que não podia perdê-la.

Ficou parado ali, observando.

O motorista se encontrava ao lado da porta aberta, conferindo os nomes numa lista, à medida que cada passageiro entrava no ônibus e ocupava seu lugar. Masao precisava encontrar uma maneira de embarcar naquele ônibus. Mas como? Era evidente que se tratava de uma excursão particular, e seu nome não constava da lista. Masao pensou por um momento, depois entrou apressado no saguão do Hilton Hotel.

Era um saguão enorme e barulhento, com vários turistas entrando e saindo, hóspedes a caminho de encontros marcados, pessoas sentadas nas poltronas à espera de outras.

No meio do saguão havia um mar de malas, pertencente ao grupo da excursão, cada uma exibindo uma etiqueta com o nome do dono. Quatro carregadores as levavam para o ônibus e guardavam no compartimento de bagagem. Ainda restava uma dúzia de malas. A mente de Masao trabalhava depressa. Aproximou-se das malas, abaixou-se, leu a etiqueta de identificação em uma delas. Dizia Yoshio Tanaka. Masao empertigou-se, atravessou o saguão, até a parede em que havia uma fileira de telefones internos. Pegou o telefone na cabine da extremidade. Uma telefonista atendeu.

– O que deseja?

– Poderia fazer o favor de chamar o Sr. Yoshio Tanaka?

– Um momento, por favor.

Poucos segundos depois, uma voz metálica saiu pelo sistema de alto-falantes: – Sr. Tanaka, Sr. Yoshio Tanaka, atenda por favor o telefone interno! Masao esperou. Um homem baixo e roliço encaminhou-se apressado para o telefone, a três cabines da sua.

– Alô?

Masao virou-lhe as costas e baixou a voz ao dizer: – Sr. Tanaka?

– Sou eu.

– Sr. Yoshio Tanaka?

– Isso mesmo. Quem está falando?

– Sou o telefonista internacional, tem uma ligação do Japão. Haverá uma pequena demora. Pode fazer o favor de desligar e esperar junto ao telefone?

– Mas meu ônibus já vai...

– A ligação será completada a qualquer momento. É do meu escritório?

– É, sim, senhor.

– Esperarei.

Obrigado. Masao repôs o fone no gancho. Passou por Tanalia, saiu apressado do hotel, seguiu direto para o ônibus. Os carregadores acabavam de guardar todas as malas no compartimento de bagagem. Os últimos passageiros embarcavam e o motorista conferia seus nomes.

A situação era perfeita.

Os homens de Teruo procurariam Masao nos ônibus das linhas regulares, mas ninguém pensaria em verificar um ônibus de excursão. Masao aproximou-se da porta do ônibus. O motorista levantou os olhos.

– Seu nome?

– Meu nome é Yoshio...

E nesse instante, pelo canto dos olhos, Masao avistou o corpo baixo e roliço correndo para o ônibus. Ficou desesperado. Tanaka passou por ele, gritando para o motorista: – Yoshio Tanaka! O motorista assinalou seu nome na lista. Mas não permaneceu na calçada, atordoado, observando o pequeno japonês embarcar. O motorista sentou-se ao volante e um minuto depois o ônibus desapareceu numa esquina.

A frustração de Masao era profunda. Chegara tão perto de escapar! Tudo parecia contra ele. Se ao menos contasse com alguém a quem pudesse recorrer, com quem

pudesse conversar.. Desejou poder ver Sanae. Pensou como ela se mostrara maravilhosa, como o acolhera, mentira ao detetive para protegê-lo. Masao sentiu uma tremenda tristeza.

Um guarda se aproximava do hotel. Parecia estar à procura de Masao... ou seria apenas sua imaginação? Não podia correr o risco. Sem pressa indevida, ele virou-se, tornou a entrar no saguão apinhado do Hilton. Atravessou-o, saiu por uma porta lateral. Precisava desesperadamente de um abrigo. Só que não havia nenhum.

Masao almoçou tarde, num restaurante alemão na Rua 96. Detestava comida alemã, e fora por isso que escolhera aquele restaurante. Conhecia o raciocínio do tio a esta altura. Teruo sabia de seus hábitos, e mandaria homens a sua procura – 163 nos lugares prováveis. Dali por diante, Masao tencionava ir aos lugares improváveis. Evitaria deixar uma trilha que o tio pudesse seguir. Ocupou uma mesa de canto, comeu bratwurst, que detestou, pensando em seu próximo movimento. O problema ainda era o mesmo: escapar de uma cidade que estava com todas as saídas fechadas.

Por acaso olhou pela janela no momento em que passava um enorme caminhão-frigorífico e sentiu uma comichão por todo o corpo. Ainda tinha uma chance! Uma hora depois, Masao, estava parado nas sombras de um terminal de cargas rodoviárias, perto das docas de Nova Jersey, observando a atividade ao redor. Havia pelo menos cinquenta caminhões enormes no pátio sendo carregados, preparando-se para a partida. A variedade de mercadorias era incrível. Os caminhões transportariam móveis, produtos químicos, alimentos, suprimentos médicos. Havia também livros, aparelhos de televisão, madeira, roupas. Aqueles caminhões constituíam o sangue vital da América, levando mercadorias para todos os cantos do país, cidades grandes e pequenas, fazendas e portos marítimos.

Masao se mantinha oculto de todos, observando os procedimentos. Era sempre a mesma coisa.

Depois que os caminhões eram carregados, fechavam e trancavam com cadeado as portas traseiras, O motorista sentava-se ao volante, com o ajudante ao lado, e o caminhão partia para seu destino, Era fascinante. Depois de verificar tudo de que precisava, Masao deu uma volta pelo pátio, fazendo perguntas casuais. Abordou um dos homens que carregavam um caminhão.

– Com licença, senhor. Para onde vai esse caminhão? – Connecticut. Direção errada.

– Obrigado, senhor.

Masao aproximou-se de outro caminhão.

– Com licença, senhor. Para onde vai esse caminhão?

– Boston.

Perto demais. Masao continuou a circular entre os motoristas, fazendo perguntas, obtendo respostas. Os caminhões iam para o Maine, Filadélfia, Washington ou Delaware. Nenhum desses lugares servia.

Masao já estava quase desistindo quando alcançou um enorme caminhão, carregado de móveis. Meio desanimado, ele perguntou: – Com licença, senhor, mas pode me informar para onde vai esse caminhão?

– O homem resmungou, sem levantar os olhos: Los Angeles.

E Masao sentiu um novo fluxo de adrenalina.

Los Angeles! tinha de encontrar unia maneira de embarcar naquele caminhão. Ele se afastou, observou os homens ajeitarem os móveis dentro do caminhão. Já estava quase lotado. Quando ficasse cheio, não restaria um palmo sequer de espaço de sobra. Se Masao conseguisse entrar ali, o aperto seria quase insuportável. Mas não era isso que o preocupava. O problema era que a viagem através da América levaria seis ou sete dias, com ele trancado no interior do caminhão, sem comida, sem água.

Não importa, refletiu Masao. Nada importava, exceto chegar a Los Angeles, onde poderia entrar em contato com Kunio Hidaka e obter ajuda.

Havia quatro homens carregando o caminhão, transportando os móveis pesados em carrinhos, para depois empurrá-los por uma rampa na traseira do caminhão. Masao compreendeu que teria de calcular o momento com absoluta precisão. Se entrasse no caminhão cedo demais, seria visto e apanhado. Se esperasse um instante além do tempo, as portas seriam trancadas antes que pudesse embarcar. Observou um grupo de caminhoneiros sair de um restaurante no outro lado do pátio, e o mero pensamento de comida deixou-o com água na boca. Naquele momento, teria devorado até a comida alemã. Masao tornou a olhar para o restaurante. Levaria apenas um instante para entrar, pedir sanduíches e refrigerantes para viagem. Resolveria o problema da fome e sede na longa viagem através do país. A tentação era forte demais para resistir. Masao começou a correr para o restaurante, não ousando perder um momento sequer.

O caminhão ficaria pronto para a partida a qualquer minuto. Chegou ao restaurante e entrou apressado. Era barulhento e enfumaçado, com caminhoneiros sentados às mesas e junto a um balcão comprido. Masao foi até o balcão, ficou de pé ali, nervoso demais para sentar.

Uma garçonete atendia a cerca de quinze fregueses, flertando e conversando. Masao tentou atrair lhe a atenção. Ela tornou a encher de café a xícara de um freguês e depois se aproximou de Masao.

– O que vai querer?

Masao não pensara nisso. Deu uma olhada no quadro grande com o cardápio, por cima do balcão.

– Eu gostaria de um hambúrguer.

– Certo.

A garçonete anotou num bloco, começou a se afastar.

– E um sanduíche de queijo.

– Certo.

Ela fez outra anotação.

– Um sanduíche de galinha.

Desta vez a mulher fitou Masao.

– Isso é tudo?

– Não, madame.

Masao fez alguns cálculos rápidos. Seis ou sete dias. Duas refeições por dia deveriam ser suficientes. Tornou a examinar o cardápio.

– Um sanduíche de salada de ovo, de rosbife, de presunto com pão de centeio, de peru, de queijo suíço, de salame, de bacon e tomate, e de salsichão.

A garçonete estava boquiaberta.

– Alguma coisa para beber?

– Quero, sim, madame. Uma dúzia de Coca-Colas.

Ela sorriu.

– Você deve ter um apetite e tanto.

Masao observou-a ir até o balcão que dava para a cozinha e transmitir o pedido. Pelo menos agora não sentiria fome e sede durante a viagem. O cheiro de comida ao redor deixava-o ainda mais faminto, e ficou tentado a pedir um pedaço de torta e café, mas não podia desperdiçar um minuto sequer. Torceu para que se apressassem com seu pedido.

Estava perto da caixa registradora e podia ouvir os caminhoneiros conversando, enquanto pagavam suas contas.

– Para onde você vai, Charly?

– Tulsa. Entregar algumas peças de perfuração de petróleo.

– Acabei de chegar de lá. O tempo estava horrível.

– Já comprou seu novo caminhão, Tony?

– Ficou para o próximo ano. A esposa teve de fazer uma operação. Muito azar.

– É mesmo. Quem pode se dar ao luxo de ficar doente hoje em dia?

Masao observou a garçonete anotando pedidos, somando contas. Depressa, pensou ele. Depressa! Como se lesse seus pensamentos, a garçonete te anunciou: – Seu pedido é o próximo.

– Obrigado.

E nesse momento, uma voz por trás de Masao, junto da caixa registradora, comentou: – Já devem ter terminado de carregar a esta altura. Vamos cair na estrada para Los Angeles.

Masao sentiu o sangue congelar. Virou-se para ver o motorista do caminhão – seu caminhão e o ajudante pagando suas contas.

– Vou assinar a nota de carga – disse o ajudante.

Masao olhou para o balcão da cozinha, frenético. Podia ver seus sanduíches já embrulhados, mas não tinha tempo para esperar. Os dois caminhoneiros já passavam pela porta. Masao partiu atrás deles, apressado. A garçonete gritou: – Ei, seus sanduíches! Mas Masao já saía.

O caminhão permanecia ali, e os últimos móveis estavam sendo arrumados. A qualquer momento as portas traseiras seriam fechadas e trancadas. Ele tinha de se esgueirar lá para dentro. Mas havia homens por perto e o motorista conversava com eles. Não havia a menor possibilidade de Masao embarcar sem ser visto. Ele pensou nas muitas frustrações por que já passara, em quantas vezes quase conseguira escapar. E agora parecia que mais uma vez seria derrotado.

E foi nesse instante que houve um estrondo num caminhão próximo, e todos se viraram para ver o que acontecera.

Um enorme lustre caíra de um carrinho e se espatifara em mil pedaços. O desafortunado carregador responsável pelo acidente se possa praguejar, os outros carregadores e motoristas o cercaram, rindo e zombando.

O coração de Masao disparou quando o seu motorista se juntou ao grupo. Muito rápido, Masao avançou para o caminhão desprotegido. Olhou ao redor, para se certificar de que ninguém o observava, e depois pulou para a traseira do caminhão. Esgueirou-se para o fundo, passando por cima de cadeiras, mesas, abajures, poltronas.

O caminhão era mais comprido do que Masao calculara., e só depois que se escondeu por trás de um sofá enorme, lá no fundo, é que se sentiu seguro. Nunca o descobririam ali. Pensou ansioso em todos os sanduíches e refrigerantes que deixara no restaurante. Mas agora era tarde demais para se preocupar com isso.

Haveria de sobreviver. Era um Matsumoto.

Poucos minutos depois, Masao ouviu um estrépito alto, quando as portas foram fechadas. Ficara trancado na escuridão do interior do caminhão.

Ouviu o motor pegar, sentiu o movimento quando o caminhão partiu.

Estava a caminho de Los Angeles, Califórnia.

Ele sentava-se a uma mesa de um restaurante em Kioto, com uma linda toalha branca e pauzinhos dourados. O restaurante era grande, mas ele era o único freguês. Reinava a paz e sossego, o único som era o tilintar de um carrilhão de vento lá fora. Um garçom veio até sua mesa, carregando uma enorme travessa, na qual havia um peixe.

– Foi preparado especialmente para você, anunciou o garçom. Parecia delicioso, e ele sentia a maior fome. Levantou os pauzinhos, pegou um pedaço de peixe, levou à boca.

E nesse instante compreendeu que o peixe era um fugu, venenoso. Levantou os olhos e descobriu que o garçom era seu tio Teruo, sorrindo.

Saiu correndo do restaurante, foi parar nos jardins do Templo Kokedera.

Um sino repicou ao longe e Masao disse: – É hora do almoço. Podemos ir para a aldeia agora, e comer.

– Não, não, – advertiu o pai de Masao. – A aldeia é perigosa para você. É melhor continuar aqui e passar fome.

– Mas estou faminto e sedento, pai.

A mãe de Masao estendeu alguma coisa, com as duas mãos, e murmurou, "Beba isto". Era neve.

Masao olhou ao redor, viu que se encontravam nas montanhas nevadas japonesas, tudo coberto de neve, e começou a tremer. Masao despertou no frio do caminhão, os dentes chocalhando, e lembrou o sonho.

Estava mesmo faminto e sedento. Mas pelo menos me encontro a caminho da segurança, refletiu. Não importava quanto frio ou fome sentisse. Podia suportar. Resistiria a qualquer coisa para derrotar Teruo.

Masao nada podia fazer sobre a fome e a sede, mas podia se proteger contra o frio. Rastejou pela escuridão até encontrar uma manta grossa, que cobria uma mesa.

Puxou-a, ajeitou-a em torno de seu corpo. Especulou por quanto tempo dormira, que distância o caminhão já teria percorrido e onde se encontrava naquele momento.

Não sabia se era dia ou noite. Tentou recordar o que lera sobre a geografia americana, a oeste de Nova York ficava a Pensilvânia, depois Ohio, Indiana e Illinois.

E Illinois se situava a um terço do caminho para oeste dos vastos Estados Unidos. Se sentia fome e sede agora, seria capaz de aguentar o resto da viagem? Teria de fazê-lo, porque as portas traseiras do caminhão não seriam abertas até que chegasse a seu destino, a cinco mil quilômetros do ponto de partida. Ficaria trancado até lá, onde ninguém poderia descobri-lo.

O movimento indolente e ritmado do caminhão fez com que Masao adormecesse de novo. Aconchegou-se na manta e sonhou.

Sonhou que voltara à casa de veraneio da família, em Karuizawa, procurava pelo pai e a mãe... ele estava dentro do Kinkakuji, em Kioto, mas não os viu ali. Procurou na câmara principal do Templo Asakusa, em Tóquio, e depois se descobriu num barco pesqueiro, na ilha Yoron, cheio de sardinhas, percas, atuns, lulas, caranguejos...

Sonhou com Sanae. Ela se postava parada na praia, no escuro, gritando para ele: O inimigo está aqui. Não deve deixar que o encontre ou ele o matará. E Sanae foi empurrada para o lado, uma luz forte iluminou o rosto de Masao e uma voz de homem berrou: – Saia! Sabemos que está aí dentro! E Masao tentou se esconder no barco, mas a voz continuou a gritar, a luz o ofuscava. Abriu os olhos e percebeu no mesmo instante que não se tratava de um sonho.

Havia um homem de pé na traseira do caminhão focalizando uma lanterna nos olhos de Masao.

– Levante-se! E saia do caminhão!

Masao piscou, atordoado. Sentou-se. As portas traseiras haviam sido abertas, e o caminhão não estava em movimento. Não era possível que já tivessem chegado à Califórnia. Algo saíra errado? Como alguém poderia saber que ele se escondia ali? Talvez o tivessem visto embarcar no caminhão, mandando um aviso à polícia, ou a seu tio. Masao sabia que desta vez não teria como escapar. Lentamente, levantou-se, avançou para a saída, o corpo dolorido, com cãibras. Reconheceu o homem como o motorista do caminhão.

Masao saltou para o chão, olhou ao redor. Estavam num posto de pesagem de caminhões, à beira da estrada. Havia um carro da polícia estacionado ao lado da cabine de controle.

– Como soube que eu estava no caminhão? – perguntou Masao.

– Matemática, garoto – explicou o motorista.

– Os caminhões são pesados quando deixamos o pátio. E temos de parar nos postos de pesagem do governo, ao longo da estrada, onde verificam se não transportamos uma carga pesada demais.

Ele apontou para a enorme balança em que o caminhão se encontrava e acrescentou: – Esta carga pesa setenta quilos a mais do que no momento em que deixamos Nova Jersey. Fora descoberto por uma coisa tão estúpida assim! Masao

fechou os olhos por um momento, apertando com toda força, sentindo-se tonto, com fome e com sede. Tornou a abrir os olhos, observou o carro da polícia. O que vai fazer comigo? Podia sentir que cambaleava.

– Ei, você está bem? – perguntou o motorista.

– Estou, sim, senhor.

– Quando foi a última vez que comeu?

– Eu... não me lembro – respondeu Masao, sincero.

– Talvez seja melhor alimentá-lo primeiro e depois decidir o que fazer com você.

Passou dois dias trancado aí dentro. – O motorista estendeu a mão. – Eu sou Al.

Masao apertou-lhe a mão.

– Eu sou Masao.

O motorista indicou seu ajudante.

– Este é Pete.

– Como vai, senhor?

– Antes de mais nada, você vai se lavar – disse Al.

Seguiram para uma lanchonete enorme, em frente ao posto de pesagem. Masao se surpreendeu ao descobrir como se sentia fraco. Tropeçou, e Al pôs a mão sob seu braço, para ampará-lo. Mesmo que quisesse, Masao não teria forças para sair correndo.

– O que você fez é contra a lei – comentou Al.

– Eu sei, senhor.

Masao especulou o que o motorista pensaria se soubesse que ele era procurado por homicídio, e que havia provavelmente uma vultosa recompensa por sua captura. Pensou no carro da polícia, parado no outro lado da estrada, e estremeceu.

– Está com frio?

– Não, senhor.

A sensação do sol era maravilhosa. Masao nem imaginara o quanto seria horrível ficar trancado no escuro, como um animal.

Havia muitos motoristas de caminhão na lanchonete, comendo e conversando, discutindo suas experiências na estrada.

Al levou Masao ao banheiro. Masao contemplou-se no espelho e mal conseguiu se reconhecer. Estava imundo, o rosto magro, encovado. Depois que ele se lavou, Al conduziu-o a uma mesa na lanchonete.

O cheiro de comida deixou Masao tonto.

Sentaram-se, pediram os pratos, e Al e Pete observaram Masao comer, atônitos. Ele começou com uma tigela grande de canja de galinha, depois pediu um hambúrguer e um prato grande de batatas fritas, seguido por um cheeseburger e mais batatas fritas. Arrematou a refeição com torta de maçã, sorvete e um bule de café.

– Santo Deus! – exclamou Al, admirado. – E eu que pensava que os motoristas de caminhão é que comiam demais!

– Tenho dinheiro suficiente para pagar minha comida – explicou Masao.

Al sorriu.

– Esqueça. Quem é capaz de comer assim merece uma refeição grátis.

O motorista acendeu um cigarro, estudou Masao. o rapaz sentiu que ficava tenso. Sabia o que viria agora. Al perguntou, a voz suave: – De quem está fugindo, garoto? Masao correu os olhos pela lanchonete, observando os corpulentos motoristas de caminhão sentados ali. Por um momento de angústia, acalentou a fantasia de revelar toda a verdade, contar a Al sobre Teruo, e a coisa terrível que o tio vinha tentando fazer. Depois, Al se levantaria, explicaria aos outros motoristas, e todos viriam em socorro de Masao, tratariam de ajudá-lo a derrotar o tio. Em vez disso, Masao balbuciou: -Eu... estou fugindo da escola. Vou visitar um amigo em Los Angeles.

Os dois homens observavam-no, procurando decidir o que fazer com ele. Masao permaneceu imóvel, mal se atrevendo a respirar. Se resolvessem entregá-lo à polícia, ele estaria perdido. Voltaria às mãos do tio. Subitamente, Al soltou uma risada.

– Não o culpo, garoto. Também fugi da escola quando tinha a sua idade. E ganho mais dinheiro como motorista de caminhão do que a maioria dos doutores.

O coração de Masao disparou.

– Então... vai me ajudar a chegar à Califórnia?

– Por que não?

E foi como se um peso gigantesco tivesse sido removido dos ombros de Masao.

– Muito obrigado! Onde estamos agora?

– Condado de Hoosier, Indiana. Chegaremos a Los Angeles dentro de três dias. E agora vamos levar o show para a estrada.

Ao final daquela tarde, no norte do estado de Nova York, na cidadezinha de Wellington, o tenente Matt Brannigan se encontrava sentado à sua mesa, examinando um relatório de assalto, quando um detetive entrou na sala e indagou: – Tem um minuto, Matt? Brannigan levantou os olhos, espreguiçou-se. Estava de serviço desde as oito horas daquela manhã, sentia-se exausto, ansioso em voltar para casa.

– Não pode esperar até amanhã, Jerry? Cathy vai me matar se eu me atrasar de novo para o jantar.

O detetive hesitou.

– Claro. Voltarei a procurá-lo pela manhã. Ele virou-se para sair.

– Espere um instante – disse Matt Brannigan.

– Qual é o assunto? – Lembra daquele jato Silver Arrow que caiu aqui perto, há cerca de duas semanas? O tenente Brannigan recordava muito bem. Quatro pessoas haviam morrido. Yoneo Matsumoto, a esposa e os dois pilotos.

– Claro que lembro. O que há com ele? – Parece que não foi um acidente. Brannigan ficou aturdido.

– Como assim? – Acabamos de receber um relatório preliminar da Administração Federal de Aviação. Os tanques de combustível estavam cheios de água. Aquelas pessoas foram assassinadas.

Matt Brannigan sentiu um calafrio súbito per correr seu corpo.

– Isso é definitivo? – Não há mais qualquer dúvida. Alguém sabotou aquele avião. Se os tanques de combustível não tivessem sido adulterados, o piloto teria escapado da tempestade.

Jerry continuou a falar, explicando os detalhes do relatório, mas o tenente Brannigan já não escutava. Recordava o jovem Masao, ouvia a sua voz: Meus pais morreram num acidente de avião. Herdei a companhia de meu pai. Meu tio está querendo tirá-la de mim. Precisa me matar para conseguir isso.

Na ocasião, Brannigan tivera certeza de que era invenção de um adolescente fugitivo, viciado em drogas, com problemas de família. Telefonara para o tio do rapaz, e vira o tio e o motorista levarem o rapaz. Sentira pena de Masao. Parecia um rapaz simpático e inteligente.

Recordou sua surpresa mais tarde, quando Teruo ligara para dizer: Meu sobrinho assassinou nosso motorista. A polícia precisa encontrá-lo, antes que o garoto mate mais alguém. Algo parecera errado naquele momento. O tenente Brannigan orgulhava-se de ser um bom juiz de caráter. Como poderia ter se enganado tanto sobre o rapaz? Mas fora investigar e acreditar na história de Teruo Sato.

Só que aquela nova informação mudava tudo. Se alguém planejava a queda do avião, tinha de haver um motivo. E não havia motivo maior do que as gigantescas

Indústrias Matsumoto. E se Masao estivesse dizendo a verdade? Neste caso, Brannigan pusera em perigo a vida do rapaz.

Ele continuou sentado, arrumando mentalmente as peças do quebra-cabeça. Precisava de muitas respostas, e precisava depressa, Levantou os olhos para Jerry.

– Quero que você investigue as Indústrias Matsumoto. Quero saber quem tinha o controle acionário quando Yoneo Matsumoto era vivo e quem manda na companhia agora.

Fale com o advogado da família. Quero as respostas na minha mesa pela manhã.

Era noite, uma lua cheia amarela desfilava pelo céu, por cima da faixa de estrada que se projetava sob as rodas do enorme caminhão. Masao, sentado na cabine entre Al e Pete, observava as luzes distantes das casas de fazendas.

– Ainda estamos em Indiana? – perguntou ele.

– Illinois. – Pete tirou um mapa bastante usado do porta-luvas. – Estamos aqui.

– Ele indicou um ponto no mapa e acrescentou: – Vamos atravessar Missouri e Oklahoma, cruzar este pedaço do Texas, entrar no Novo México, passar por Arizona, Nevada e Califórnia.

São mais de três mil quilômetros.

Masao fitou-o com os olhos arregalados.

– E podemos percorrer toda essa distância em três dias? – Não se esqueça de que mantemos o caminhão rodando dia e noite. É por isso que temos dois motoristas. Nós nos revezamos ao volante.

Masao tornou a contemplar a paisagem.

– Este é um país grande, muito maior do que o Meu.

Mas como meu país é lindo!, pensou Masao. Montanhas cobertas de neve, lagos cintilantes, rios e cachoeiras, Sentia saudade das flores de cerejeira, das pessoas sentadas sob as árvores, saboreando haname, sentia saudade de passear por uma das mais lindas praias de Okinawa, junto com os amigos. Queria muito voltar para o Japão.

A única questão era se voltaria vivo ou morto. E pensou em Teruo.

Naquele momento, Teruo pensava em Masao. O rapaz tornara a escapular de suas mãos. Tornara se um jogo de gato e rato, uma batalha de inteligência entre os dois. Teruo sabia que era apenas uma questão de tempo. Ao final, Masao seria capturado. E punido.

Teruo virou-se para Nobuo Hayashi, o chefe de segurança das Indústrias Matsumoto.

– O rapaz não pode ter desaparecido em pleno ar – disse ele. – Tem de ser encontrado. E por nós. Não quero o envolvimento da polícia americana. Foi um erro da minha parte ter metido a polícia no caso. É um problema de família.

– Eu compreendo, senhor.

– Faça qualquer coisa que for necessária. Contrate mais homens. Dobre a recompensa. Não poupe nada. Traga meu sobrinho para cá.

O rosto de Teruo era uma máscara sinistra, os olhos pareciam lascas de gelo.

– Ele é perigoso. Já assassinou uma pessoa. Se não puder ser capturado vivo... então traga-o morto.

O tenente Matt Brannigan passou uma noite irrequieta. Incapaz de dormir, saiu da cama às três horas da madrugada, tentando não despertar a esposa. Mas ela ouviu o movimento e acendeu o abajur na mesinha-de-cabeceira.

– Qual é o problema, Matt? Indigestão? – Estupidez. Posso ter mandado um jovem inocente para a morte. – Ele passou a mão pelos cabelos grisalhos. – O jovem tentou me explicar tudo, Cathy, mas não lhe dei atenção. E, com isso, talvez o tenha entregado nas mãos do homem que queria matá-lo.

– Não tem certeza? – Não. Saberei dentro de poucas horas. Mas a situação não me agrada. Se estou certo, talvez o rapaz já tenha morrido a esta altura. E será difícil para mim conviver com isso.

– Por que não tenta dormir um pouco? Está lutando contra sombras. Só que as sombras não se dissipavam.

Quando o tenente Matt Brannigan entrou em sua sala, encontrou na mesa o relatório que pedira. Leu-o duas vezes... a primeira depressa, e a segunda bem devagar, sem perder uma única palavra. Por mais incrível que pudesse parecer, o rapaz dissera a verdade. Herdara o vasto império Matsumoto. Mas, segundo o testamento, tudo passaria para o tio se ele morresse. Matt Brannigan já conhecera homens que matavam por dez dólares, – 187 ou mesmo por uma garrafa de uísque. Não era preciso muita imaginação para calcular o que um homem seria capaz de fazer para conquistar um império de valor inestimável.

Teruo Sato devia ter conhecimento do testamento desde o início.

Tramara o acidente com o avião, prevendo que depois de liquidar Yoneo Matsumoto seria fácil se livrar do filho. Com a ajuda de Brannigan, quase conseguira.

O rapaz o procurara, em busca de socorro, e ele o entregara a seu inimigo. Agora, de alguma forma, tinha de encontrar Masao e salvá-lo. Se é que Masao ainda estava vivo.

Essa era a primeira coisa que precisava descobrir. Ligou para a central de computação da polícia, em Manhattan.

– Aqui é o tenente Matt Brannigan. Foi emitido um boletim de procura-se para um certo Masao Matsumoto, um jovem japonês de dezoito anos. Pode verificar se ele já foi cancelado? – Espere um momento, tenente. – A telefonista voltou à linha um minuto depois. – Ainda não, tenente.

– Obrigado.

Matt Brannigan desligou, com um sentimento de alívio. Se o boletim de procura-se continuava em vigor, isso significava que Masao ainda não fora encontrado. Tinha de descobri-lo antes de Teruo Sato. Era uma corrida contra o tempo. Ele tocou a campainha, chamando seu assistente. Traga-me tudo o que temos sobre o caso Matsumoto.

Cinco minutos mais tarde, ele estava lendo o depoimento de Heller sobre Sanae Doi.

Ao terminar, o tenente foi para seu carro e seguiu para a fábrica Matsumoto em Queens.

Sanae não conseguira tirar Masao de seus pensamentos. Tinha certeza que Masao lhe contara apenas uma parte da verdade, e que ele se encontrava numa terrível enrascada.

Sanae faria qualquer coisa para ajudá-lo, mas agora ele desaparecera. Nem mesmo sabia se Masao estava morto ou vivo. Recordou como Masao se mostrara excitado no jogo de beisebol, torcendo para os dois lados. Pensou em seu sorriso, como ele era gentil.

– Sanae! A voz arrancou-a do devaneio. Levantou os olhos para deparar com o capataz, o Sr. Heller, parado à sua frente.

– Pois não, Sr. Heller? – O Sr. Watkins quer falar com você. Imediatamente.

– Está bem, senhor.

Sanae entrou na sala do gerente de pessoal, especulando sobre o motivo da chamada. Havia outro homem na sala, alguém que Sanae nunca vira antes. Instintivamente, ela percebeu que o homem era da polícia, e assumiu uma posição de cautela. Watkins disse: – Sanae, este é o tenente Brannigan. Ele quer conversar com você. Watkins levantou-se. – Deixarei os dois sozinhos.

– Obrigado. – O tenente Brannigan virou-se para Sanae. – Sente-se, por favor. Sanae sentou-se, tentando disfarçar seu nervosismo.

– Soube que você e o jovem Masao eram amigos.

– Não, senhor.

O tom de Sanae era firme. Matt Brannigan fitou-a com uma expressão cética. É mesmo? Trabalhavam juntos, não é? Sim, senhor.

Não conversavam durante o trabalho? Não, senhor.

O detetive inclinou-se para a frente.

– Mas conversavam quando almoçavam juntos, todos os dias? Portanto, ele sabia disso. O que significa que a investigara.

– Não sei nada sobre ele – insistiu Sanae, obstinada.

– Sanae, estou aqui para ajudar Masao. Acho que a vida dele corre perigo. E o perigo vem de você, pensou Sanae.

– Sabe onde ele está? Sanae fitou-o e pôde responder com a verdade: – Não, senhor. Não tenho a menor ideia. Matt Brannigan percebera desde o início que a moça mentia. Mas agora sentiu que ela dizia a verdade, o que o deixou preocupado. Sanae era sua única pista. Se ela não sabia onde se podia encontrar Masao, então não havia mais qualquer pista. Era bem provável que Teruo tivesse uma chance de encontrar o rapaz antes da polícia.

O detetive não queria nem pensar no que isso significaria. Precisava encontrar um meio de persuadir a moça de que estava do lado de Masao.

– Ajudou-o a escapar, não é mesmo, Sanae?

– Não, senhor.

– Não está contando a verdade.

O caixa entregou-lhe uma foto de Masao e você tirou-o daqui antes que alguém pudesse identificá-lo. Levou-o para sua casa. Um detetive particular chamado Sam Collins foi procurá-lo e você ajudou Masao a fugir.

Sanae contraiu os lábios, permaneceu calada. Ele estudou-a por um momento.

– Sabe quem é Masao?

Ela acenou com a cabeça.

– Seu nome completo é Masao Harada.

Brannigan deixou passar.

– E sabe por que ele está fugindo?

– Sei, sim. Porque o pai desejava que ele voltasse ao Japão e Masao não queria.

Então era essa a história de Masao. O tenente Brannigan tomou uma decisão rápida. Não tinha provas do que ia dizer, mas sabia que se não revelasse suas suspeitas jamais conseguiria a cooperação de Sanae.

– Seu nome verdadeiro é Masao Matsumoto. Esta companhia tem o nome de seu pai.

Sanae se mostrou incrédula.

– Está querendo dizer que ele é da família Matsumoto?

– É o filho.

– Não acredito...

– Quero que me escute, Sanae. O pai de Masao foi assassinado. Masao herdou o império Matsumoto.

Sanae o fitava cautelosa, tentando absorver o que ele dizia.

– Há um problema. Se alguma coisa acontecer com o rapaz, o tio fica com tudo.

Cinco pessoas já morreram. E acho que o tio de Masao vem tentando assassiná-lo.

– Oh, meu Deus!

Toda a cor se esvaiu do rosto de Sanae. Acreditava agora no policial. Ele não teria motivos para inventar uma história assim.

Ela lembrou o que acontecera no dia em que Teruo Sato visitara a fábrica. Masao escondera o rosto. Eles já foram embora?, perguntara ele. E Sanae também recordou como Masao a levava embora do estádio antes que o jogo de beisebol terminasse, quando os guardas começaram a vasculhar as arquibancadas, e como fugira do detetive em seu apartamento. Subitamente, tudo fazia sentido.

– O tio conta com todo um exército de homens à procura de Masao – continuou o tenente Brannigan. – Masao não tem a quem recorrer. Se o encontrarem primeiro, Sanae, ele morrerá. O tio não vai se deter por nada.

Tenho de encontrar Masao antes, mas não sei onde procurar, Não sei para onde ele planeja ir ou...

– Califórnia.

Sanae levou a mão à boca. Nem sequer percebera que falara em voz alta.

– Que lugar da Califórnia?

Havia uma ansiedade na voz do policial que fez Sanae recuperar a cautela. E se apenas parte de sua história fosse verdadeira? E se ele estivesse do lado de Teruo,

procurando Masao para entregá-lo ao tio?

– Não sei – respondeu ela.

Sanae viu o desapontamento no rosto do tenente Brannigan.

– Masao não lhe deu qualquer indicação? Mencionou algum nome? Alguém a quem pudesse pedir ajuda? Ele mencionara um nome. Seu amigo Kunio Hidaka. Sanae fitou o detetive nos olhos.

– Não, ele não mencionou ninguém.

Não deixaria que o policial a ludibriasse, convencendo-a a ajudá-lo a capturar Masao.

O tenente Matt Brannigan. suspirou.

– É uma pena. De qualquer forma, obrigado.

– Ele se levantou. – Se por acaso lembrar mais alguma coisa, telefone-me por favor.

Ele meteu a mão no bolso.

– Aqui está meu cartão.

Sanae guardou o cartão no bolso do jaleco sem olhar. Não tinha a menor intenção de usá-lo.

– Estamos chegando a Los Angeles – anunciou Al.

Masao mal podia acreditar que se achava mesmo tão próximo do seu destino. A viagem através do país fora fascinante. Era como o pai lhe dissera: a América tinha cinquenta estados, e cada estado era como um país diferente. Masao conhecera os portos de Nova York, as férteis terras agrícolas de Indiana e Illinois, as vastas planícies do Texas, o árido deserto do Arizona. A Califórnia era uma terra verdejante, cheia de frutas e flores, fazendo Masao se lembrar do Japão.

Durante as duas últimas horas, as fazendas e campinas haviam cedido lugar a casas dispersas e fábricas, depois a pequenas cidades e comunidades suburbanas. E agora podia avistar os arranha-céus do centro de Los Angeles. Não eram tão espetaculares quanto os de Manhattan, mas Masao teve a impressão de que a cidade era mais limpa, mais moderna.

Pela primeira vez desde que começara seu incrível pesadelo, Masao sentiu-se seguro. Conseguira escapar do tio e da polícia em Nova York e chegar à Califórnia. Kunio Hidaka o ajudaria. Assim que ouvisse toda a história, o Sr. Hidaka saberia o que fazer.

Durante a viagem de seis dias, Masao passara a conhecer bem o motorista e seu ajudante, Al e Pete. Ouvira falar de suas esposas e filhos, adquirira uma noção da vida do trabalhador americano. Os dois eram cordiais e generosos, francos e simples. Masao tinha a impressão de que seriam bons amigos para se ter, mas poderiam se tornar inimigos implacáveis. Haviam rido de algumas tentativas de Masao de pronunciar certas palavras, mas nunca fora um riso desdenhoso.

– Você tem de trabalhar os erres – comentara Pete. – Faz com que soem como eles. Por exemplo, quando tenta dizer arroz, sai como *aloz*.

Masao especulava como eles se sairiam se tentassem falar japonês, mas dali por diante procuraria ser mais cuidadoso na pronúncia das palavras.

Uma coisa que Masao, não conseguira entender em seus novos amigos era a atitude que assumiam em relação aos sindicatos. Pertenciam ao sindicato dos caminhoneiros.

– É o sindicato mais poderoso do mundo – gabara-se Al. – Poderíamos deixar este país de joelhos em vinte e quatro horas.

– E por que haveriam de querer fazer isso? indagara Masao.

– É apenas uma maneira de falar. O que estou querendo dizer é que nossos empregadores têm de nos dar tudo o que pedirmos.

Masao tentara explicar a atitude dos trabalhadores no Japão.

– É como uma família. O trabalhador é bem cuidado enquanto viver. Sabe que não será dispensado. A prosperidade da companhia é também a sua prosperidade. E ele se orgulha de seu trabalho.

– São modos diferentes para pessoas diferentes – ressaltara Pete, E a conversa terminara por aí.

À medida que se aproximavam dos prédios do centro de Los Angeles, Al comentou: – Estamos dentro do horário.

O caminhão deixou a estrada e virou na San Pedro Street. Minutos depois, entraram num enorme terminal de carga. Al parou o caminhão suavemente, desligou o motor, Virou-se para Masao, – Vai ficar bem, garoto? – Vou, sim, obrigado. Não terei mais problemas agora.

– Não deixe que o peguem acrescentou Pete.

Masao ficou aturdido.

– Pegar-me? – Para mandá-lo de volta à escola.

– Há... não vou deixar.

Ele esquecera a história que lhes contara. Saltou da cabine.

– Desejo agradecer a vocês dois. Serei sempre grato.

Masao falava mais sério do que o motorista e seu ajudante jamais poderiam imaginar. Era bem provável que tivessem salvado sua vida. Masao gostaria de poder demonstrar sua gratidão de uma forma mais apropriada.

– Se algum dia forem a Tóquio, terei o maior prazer em recebê-los.

Os dois sorriram ao pensamento daquele garoto pobre tentando lhes dar as boas-vindas em Tóquio.

– É muita gentileza sua – disse Al. – Cuide-se, garoto.

– Farei o melhor possível – prometeu Masao. Seria fácil agora. Ele conseguira escapar.

A dez metros de distância, um trabalhador japonês descarregava aparelhos de televisão Matsumoto de um caminhão. Parou para observar Masao descer da cabine. Fitou-o por um longo momento, depois tirou uma foto do bolso. Tornou a olhar para Masao, a fim de se certificar de que não estava enganado. Depois, encaminhou-se apressado para um telefone público no escritório. Discou para a telefonista e disse:– Quero fazer uma ligação para Nova York, pessoa a pessoa, Sr. Teruo Sato...

Hollywood não era nem um pouco como Masao imaginara. Sempre pensara no lugar como o auge do glamour. Era a terra de John Wayne, Humphrey Bogart, James Cagney, Cary Grant, Charlie Chaplin. A realidade foi um desapontamento. É verdade que encontrou os nomes de artistas lendários nas calçadas da cidade. Lá estavam Marilyn Monroe, Greta Garbo, Clint Eastwood e Bruce Lee. Mas o Hollywood Boulevard era sujo e malcuidado, margeado por pequenas lojas de fliperama, pizzarias, cabines de astrologia e bares ordinários. Parecia uma versão barata do Ginza. Mas pelo menos não haverá ninguém à minha procura aqui, pensou Masao.

Ele entrou numa drugstore em que havia uma cabine telefônica e perguntou à moça atrás do balcão: – Com licença, mas pode me explicar como faço para descobrir o número de um telefone? – Disque Informações. 411.

Simples. Como em nova York.

– Obrigado.

Masao entrou na cabine telefônica, discou 411. Uma voz disse: – Informações. Posso ajudá-lo? – Pode, sim, obrigado – respondeu Masao. Preciso saber o número da fábrica Matsumoto.

Fica em North Hollywood.

– Pode soletrar o nome, por favor? Masao soletrou. Poucos momentos depois, a telefonista informou o número. Ele desligou, esperou um instante, tornou a discar. Uma voz jovial atendeu: – Bom dia. Indústrias Matsumoto.

Masao sentiu o coração disparar. Sentia-se bem só de ouvir o nome.

– Bom dia – disse ele. – Eu gostaria de falar com o Sr. Kunio Hidaka, por favor.

– Vou fazer a ligação.

No instante seguinte, outra voz disse: – Gabinete do Sr. Hidaka.

Logo ele estaria falando com seu amigo.

– Eu gostaria de falar com o Sr. Hidaka, por favor.

– Sinto muito, mas o Sr. Hidaka viajou. Posso lhe ser útil? Masao sentiu um aperto no coração.

– Eu... Ele hesitou. Não queria deixar recado com uma secretária. Tinha de explicar tudo ao Sr. Hidaka pessoalmente. – Quando ele voltará? – Deve chegar na sexta-feira.

Dali a três dias! – Pode me dar o telefone da casa dele, por favor? É muito importante.

– Lamento, mas não posso fornecer essa informação. Quer deixar algum recado?

– Não. Eu... tornarei a ligar.

Masao saiu da cabine telefônica desconsolado.

Mais três dias de espera. Depois de toda a sua expectativa, parecia uma vida inteira. Aguardara ansioso o encontro com o Sr. Hidaka, para lhe contar o que estava acontecendo e acabar com o pesadelo. Mas não havia agora outra coisa a fazer senão esperar. Teria de se forçar a ser paciente. Enquanto isso, ficaria seguro em Los Angeles. Teruo ainda o procurava em Nova York. Arrumaria um quarto num pequeno hotel e passearia pela cidade, até poder se encontrar com o Sr. Hidaka. Havia duas coisas em particular que desejava fazer: conhecer a Disneylândia e visitar os estúdios da Universal. A cinco mil quilômetros de distância, em Nova York, Teruo Sato falava ao telefone, a voz fria: – Acabo de receber um telefonema, informando que o garoto está em Los Angeles. Contrate tantos homens quantos precisar. Há três lugares em que devem se concentrar: hotéis pequenos e fora de mão, Disneylândia e os estúdios da Universal.

Teruo Sato poderia ter mencionado um quarto lugar, mas não o fez. Tencionava cuidar do caso pessoalmente. 86 havia uma pessoa na Califórnia a quem Masao poderia procurar: Kunio Hidaka. Teruo chegaria primeiro.

Ao final da tarde, Masao registrou-se num pequeno hotel, perto do Cahuenga Boulevard, em Hollywood, e passou a noite ali.

– Quanto tempo vai ficar? – perguntou o recepcionista.

– Uma semana.

– Masao saiu do hotel no início da manhã seguinte. Cinco minutos depois, dois detetives particulares entraram no saguão, com uma foto de Masao, e perguntaram ao recepcionista se poderia identificá-lo.

– Claro. Deixaram de encontrá-lo por pouco.

– O recepcionista consultou o livro de registros.

– Seu nome é Masao Harada. Passará uma semana aqui.

Os dois detetives trocaram um olhar de satisfação.

– Vamos esperá-lo – disse um deles.

Foram para um lado do saguão, de onde não poderiam ser vistos da entrada. Teriam uma longa espera. Masao não fazia a menor ideia de que era procurado na Califórnia, mas seu instinto animal o salvou. Não tencionava voltar ao hotel. Planejava dormir num hotel diferente a cada noite, para que não houvesse qualquer possibilidade de alguém localizá-lo.

Comprou uma cueca, um jeans, uma camisa de malha, um lenço e meias, e deixou as roupas velhas no vestiário da loja. Já carregava um fardo suficiente.

Comeu o desjejum numa casa de panquecas no Sunset Boulevard e indagou ali como ir para a Disneylândia. Dispunha de três dias para consumir, e decidiu que devia aproveitá-los da melhor forma possível. Não havia sentido em ficar trancado num quarto de hotel, remoendo os acontecimentos.

Meia hora depois, embarcou num ônibus para a Disneylândia.

Se Hollywood foi um desapontamento, a Disneylândia se projetou além das expectativas mais delirantes de Masao. Era uma terra de sonhos em trinta hectares, um mundo encantado dentro de mundos encantados.

Havia quase seis mil empregados cuidando do parque e 54 atrações. Masao não sabia por onde começar. Foi para a Main Street e andou num bonde puxado por cavalos.

Era outro mundo, outro século.

Fez o Cruzeiro da Selva, com crocodilos abocanhando o barco, e subiu até a Casa da Árvore da Família Robinson suíça.

Na Praça New Orleans, entrou na Casa Mal-Assombrada e se maravilhou com a habilidade com que eram criados os efeitos assustadores.

Havia uma Terra da Fantasia, e ele andou no trenó do Matterhorn, fez o passeio de lancha, visitou o fascinante É um Mundo Pequeno. Foi à Terra do Amanhã e viajou de submarino. Sentia-se exausto na hora em que o parque fechou. Não fora à Terra dos Ursos e à Fronteira Selvagem, mas decidiu que voltaria à Disneylândia um dia.

Masao não imaginava como fora afortunado, pois havia uma dúzia de homens à sua procura no parque, e só passou despercebido por causa da grande quantidade de visitantes.

Amanhã visitarei os estúdios da Universal, pensou Masao. Mas, no final das contas, ele não teve tanta sorte assim.

Voltando de ônibus para Hollywood, Masao foi se registrar num hotel perto da Sunset Strip. Comera na Disneylândia durante a tarde inteira, cachorro-quente, pipoca,

sorvete. Mas sentia fome de novo. Tornou a comer num restaurante alemão, onde não era provável que alguém fosse procurá-lo.

No outro lado da rua, em frente ao restaurante, havia uma discoteca, Whiskey-a-go-go. Num súbito impulso, Masao entrou. Foi como se meter num inferno. Luzes estroboscópicas faiscavam pelo salão, e a música de discoteca era tão alta que nem dava para pensar. Numa plataforma elevada, duas mulheres seminuas giravam sem parar, enquanto na pista de dança diversos casais exibiam os últimos passos.

Uma jovem japonesa atraente abordou Masao.

– Quer dançar? Masao sentiu-se tentado, mas havia dois problemas. Gostava de ir a uma discoteca de vez em quando, e Teruo devia saber disso. E a moça era japonesa, talvez estivesse à sua procura. Por isso, Masao disse, polidamente: – Não, obrigado. Eu já ia sair.

E se retirou. Circulou pelas ruas por tempo suficiente para se certificar de que ninguém o seguia e depois retornou ao hotel.

Deitou-se, exausto, mas não conseguiu dormir. Mais dois dias antes da volta de Kunio Hidaka. Tornarei a telefonar pela manhã, pensou Masao, Talvez possam entrar em contato com ele por mim.

Ele pensou em Al e Pete, e na longa viagem de caminhão através dos Estados Unidos.

Pensou no Matterhorn e no passeio de submarino.

Pensou na moça japonesa da discoteca. Ela também estaria à sua procura?

Pensou em Sanae.

E o sono não veio.

Sanae também não conseguia dormir. Deitada no escuro, ficou se revirando na cama, até que não conseguiu mais aguentar. Vestiu um chambre, foi para a cozinha, tomando o cuidado de não incomodar o pai e a mãe. Fez um café que não queria tomar, sentou-se à mesa para beber, pensando no que deveria fazer. Naquela tarde, ouvira os rumores mais incríveis na fábrica Matsumoto.

– Sabia que estão dizendo que o rapaz que trabalhou aqui era Masao Matsumoto? – comentara o homem a seu lado na linha de montagem. Ouvi dizer que o Sr. Sato é o novo dono.

E Sanae experimentara um pequeno choque.

O detetive dissera a verdade; e se dissera a verdade sobre isso, era possível que o resto de suas palavras também fosse verdadeiro, que a vida de Masao corria perigo e que ele morreria se o tio o encontrasse antes da polícia. E a culpa seria dela. Por outro lado, não podia ser um ardil? E se o tenente Matt Brannigan quisesse prender Masao para levá-lo a julgamento por homicídio? Sanae olhou para o telefone, sem saber o que fazer, consciente apenas de que estava em suas mãos a vida de uma pessoa de quem muito gostava. Pegou o cartão que o detetive lhe dera. Se você se lembrar de mais alguma coisa, telefone1 : por favor. Por duas vezes ela estendeu a mão para o telefone e depois mudou de ideia. Não ou sava cometer um erro. Quem eram os amigos de Masao e quem eram os seus inimigos? Pela manhã, Masao deixou o hotel e procurou um telefone público. Havia uma cabine no saguão, mas as chamadas poderiam ser localizadas. Ligou para as Indústrias Matsumoto, e a ligação foi transferida para o gabinete de Kunio Hidaka.

Telefonei ontem – disse Masao. – Preciso falar com o Sr. Hidaka com a maior urgência, e tive a esperança de que ele pudesse ter voltado mais cedo.

– Sinto muito, mas só amanhã – informou a secretária. Portanto, haveria mais outro dia perdido.

– Se quiser deixar algum recado...

– Não, obrigado. Voltarei a ligar amanhã. Masao teria de encontrar um meio de permanecer escondido por mais um dia. Dentro de 24 horas, porém, o pesadelo acabaria.

Visitarei os estúdios da Universal. Posso me perder no meio da multidão ali.

Todos esperavam pelo GlamourTram, centenas de turistas do mundo inteiro, ansiosos em conhecer os estúdios da Universal. Havia alemães, italianos, franceses, japoneses e suecos, todos falando sem parar, em suas línguas nativas. Masao se encontrava no meio da multidão à espera, sentindo-se seguro.

– Vamos embora, pessoal – disse uma guia. Embarquem no GlamourTram e tomem seus lugares. Nossa aventura está prestes a começar.

O GlamourTram consistia em três bondes ligados, pintados de laranja e branco, com uma cobertura de metal listrada, os lados abertos.

Masao embarcou e sentou-se. Deu uma olhada nos passageiros ao redor, mas ninguém parecia interessado nele. Partiram, e a guia, uma jovem atraente, começou a falar: – Sejam bem-vindos aos estúdios da Universal. Até agora, vinte e seis milhões de pessoas já nos visitaram, e nos sentimos felizes em tê-los conosco hoje. A Universal foi fundada em 1915, quando Carl Laemmle...

Masao não prestava atenção ao que ela dizia. Observava as cenas incríveis nas proximidades.

Passando, vestidos como cavaleiros, viu atores em armaduras, moças de biquíni, homens em trajes de cowboy. O bonde fez a volta num terreno em que havia uma mansão do velho Sul. A frente da mansão era espetacular, mas, quando , o bonde passou por trás, Masao, constatou que não havia nada ali, apenas estacas escorando a fachada.

O bonde atravessou uma ponte de madeira, que começou a desabar quando se encontravam no meio, assustando todos os passageiros. Mas quando chegaram ao outro lado, são e salvos, a ponte retornou à posição original. Passaram por um lago de aparência serena, com uma aldeia ao fundo.

– Aquela é Amityville – informou a guia, apontando em seguida para alguma coisa no meio do lago. – Olhem ali! Todos os olhos se viraram para uma coisa que deslizava na direção do bonde.

– É o tubarão!

O enorme tubarão mecânico passou em disparada pelo bonde. Desapareceu na água e, um momento depois, atacou a figura de um pescador num bote, derrubando-o no lago. Masao assistira a Tubarão, e gostou de apreciar o pequeno drama.

Aproximaram-se de outro lago, e o bonde avançou direto para a água. Todos os passageiros começaram a ficar nervosos.

– Este é o Mar Vermelho – explicou a guia. Vai se abrir para vocês.

Quando o bonde alcançou a beira do lago, as águas se abriram à sua frente, para lhe dar passagem, de uma forma quase milagrosa.

– Este é um genuíno milagre eletrônico, que exige que cento e sessenta mil litros de água sejam drenados em menos de três minutos, num lago com duzentos metros de comprimento, cinquenta de largura e três de profundidade. É uma travessia muito mais confortável no GlamourTram do que nos tempos bíblicos.

No decorrer da manhã, Masao viu dublês saltarem de prédios em chamas, participou da Batalha da Galáxia, com robôs disparando raios laser contra ele e outros visitantes, passou por uma avalanche numa geleira e foi ao camarim de Robert Wagner. Foi no Centro de Entretenimento dos Visitantes que o problema começou. Masao assistia a um número com animais, envolvendo aves e camundongos, quando sentiu que era observado. Virou-se casualmente e deparou com os olhos de um homem parado perto da entrada. O senso de perigo de Masao se tornara bastante aguçado nas duas últimas semanas, e ele compreendeu no mesmo instante que aquele homem era um detetive. Havia dois outros homens com ele, que a um sinal seu se afastaram para bloquear as outras saídas do auditório.

O detetive começou a avançar pela multidão para o lugar em que Masao sentava. Não havia como escapar.

O número com os animais chegou ao fim. A plateia levantou-se, aplaudiu com o maior entusiasmo. A guia disse: – Venham comigo, por favor.

Todos se encaminharam para a saída. Masao seguiu para o lado oposto, dirigindo-se para o palco.

O detetive tentava abrir caminho pela multidão para alcançá-lo. Masao subiu no palco. O treinador dos animais disse: – Está indo na direção errada. Aqui é...

– Com licença, senhor.

Masao descobriu-se nos bastidores, em meio a uma confusão de adereços e gaiolas com animais. Disparou por um corredor comprido, passou por uma porta, saindo para o sol forte. Olhou para trás, no momento em que o detetive também passava pela porta.

– Pare aí! – berrou o detetive, ao vê-lo.

Masao desatou a correr. Contornou uma esquina e quase esbarrou num camelo.

– Ei, tome cuidado! – gritou o condutor do camelo.

Havia um prédio de concreto à frente, com uma luz vermelha faiscando por cima da porta. Masao abriu-a e descobriu-se diante de uma segunda porta. Abriu-a também e entrou num estúdio enorme. Havia algumas pessoas paradas ali, perto, e Masao se adiantou, indo para o meio do grupo, na esperança de não ser descoberto por seus perseguidores. Uma mulher idosa estava parada ao lado de Masao. Subitamente, um homem esfarrapado arrancou-lhe a bolsa e saiu correndo.

– Peguem o ladrão! – gritou a mulher.

Sem pensar, Masao mergulhou para cima do homem e derrubou-o. O homem fitou-o, incrédulo.

– O que pensa que está fazendo? Isso não consta do roteiro!

Uma voz furiosa bradou: – Corta!

Masao virou-se, para descobrir que se encontrava diante de uma câmera. O diretor acrescentou: – Tirem-no daqui! Vamos ter de filmar tudo de novo!

E Masao tratou de escapar. As ruas lá fora estavam apinhadas, mas Masao não se sentia seguro. Seus inimigos sabiam que ele se encontrava ali. No momento em que pensou nisso, avistou o detetive dobrando uma esquina. Masao entrou num prédio grande, que parecia um armazém.

O interior era um estranho museu, com milhares de adereços.

Havia antigas espadas e modernas pistolas de laser, caminhões de bombeiros e fuselagens de aviões. Havia móveis antigos de todos os séculos e indumentárias dos tipos mais variados. Masao deslocou-se para as sombras mais profundas, parou, o coração disparado, ficou escutando. Ouviu passos na entrada, mas que logo se afastaram.

O detetive devia ter ido buscar ajuda.

Preciso sair daqui, pensou Masao. Mas como? Dentro de poucos minutos, eles estarão vigiando todas as saídas. Fora encurralado. Seria capturado no momento em que tentasse escapar. Não podia deixar que isso acontecesse. Tinha um encontro com Kunio Hidaka no dia seguinte.

Todas as saídas dos estúdios da Universal estavam sendo vigiadas. Detetives particulares, munidos com uma foto de Masao, examinavam o rosto de cada pessoa que se retirava. Era hora do almoço, e dezenas de atores e extras atravessavam a rua para os pequenos restaurantes nas proximidades.

O detetive que fora o primeiro a avistar Masao se mostrava impressionado com a variedade de trajes. Observou um príncipe hindu passar pelo portão, numa túnica suntuosa, seguido por um escravo núbio; havia um gigante e um anão; um patriarca bíblico e um palhaço com o rosto pintado. Ele não prestou muita atenção ao palhaço. Concentrava-se em procurar Masao.

Masao tirou a fantasia de palhaço num banheiro público, removeu a maquiagem do rosto. Sabia que os homens de Teruo Sato espalhavam-se por toda parte agora, à sua procura. Teria de ir para um hotel e não sair do quarto até a manhã seguinte, quando poderia telefonar para Kunio Hidaka. A busca seria a área de Hollywood, e por isso Masao pegou um ônibus para Glendale, registrou-se num pequeno hotel ali.

Mal podia esperar pela chegada da manhã, quando tudo acabaria.

Teruo Sato não se perturbou pelo fato de Masao ter se esquivado a seus homens mais uma vez. No xadrez, não era o xeque que contava, mas sim o xeque-mate. O sobrinho se mostrara esperto, mas não o bastante. Contava com Kunio Hidaka para salvá-lo, porque não tinha mais ninguém a quem pudesse recorrer. Mas Kunio Hidaka, no final das contas, era um empregado e acataria as ordens de seu patrão, Teruo Sato.

Teruo usaria Hidaka para preparar a armadilha contra Masao.

Quando chegou a Los Angeles, Teruo soube que Hidaka viajara.

– Telefone para ele – ordenou Teruo à secretária de Hidaka.

– Pois não, Sr. Sato.

Teruo esperou na sala de Hidaka, fumando um charuto havana, que tirara da caixa em cima da mesa.

– O Sr. Hidaka está na linha – informou a secretária. Teruo pegou o fone.

– Hidaka?

– Bom dia, Sr. Sato. Não sabia que planejava vir à Califórnia, ou ficaria esperando para recebê-lo. Eu...

– Onde você está agora?

– No Arizona, procurando um local para uma nova fábrica. Será...

– Quando voltará a Los Angeles?

– Planejava voltar na sexta-feira... amanhã... mas ainda não concluí os negócios aqui. Devo voltar na segunda.

– Nada disso. Deve estar aqui amanhã.

– Certo, Sr. Sato.

– Mandarei um avião da companhia buscá-lo.

– Obrigado. – Kunio Hidaka hesitou por um instante e depois acrescentou: – Lamentei muito ao saber da morte do Sr. Matsumoto.

– Foi muito triste para todos nós. Ele era um grande homem.

– Era mesmo, e também um grande amigo. Sentirei saudade. Masao está em sua companhia?

– Espero vê-lo amanhã.

Teruo desligou, recostou-se na cadeira, na maior satisfação. Xeque-mate.

Kunio Hidaka era um homem preocupado. Havia coisas desconcertantes acontecendo.

Amava Matsumoto e esposa, lamentara suas mortes. Masao era quase como um filho para ele, mas vinha recebendo notícias confusas sobre o rapaz. Havia algo errado. Primeiro, o telefonema de Teruo Sato, ordenando-lhe que voltasse a Los Angeles. Depois, um segundo telefonema, ainda mais surpreendente.

Havia coisas ao seu redor que ele não compreendia, mas tinha certeza de que eram terríveis. Mareara um encontro, e era com temor que aguardava o momento.

Às nove horas da manhã seguinte, Masao telefonou de seu quarto. Não tinha mais importância se a chamada fosse localizada. Era tarde demais para se preocupar com isso. Ia se pôr à mercê de Kunio Hidaka. Não lhe restava mais qualquer lugar em que pudesse se esconder.

Masao discou, e um momento depois foi atendido pela voz agora familiar da secretária de Kunio Hidaka.

– Gabinete do Sr. Hidaka.

– Telefonei antes. O Sr. Hidaka já voltou? – A quem devo anunciar, por favor? – Diga-lhe que é Masao.

– Um momento, por favor.

E logo a voz de Hidaka entrou na linha: – Masao-kun! Masao experimentou um súbito sentimento de alegria. Finalmente! Oh, Sr. Hidaka, preciso vê-lo agora mesmo. Podemos nos encontrar em algum lugar?

– Claro. Venha ao meu escritório.

Masao, hesitou. Teria preferido que o encontro fosse em outro lugar. Era bem provável que estivessem vigiando a fábrica. Teria de tomar o maior cuidado. Sabia que se cometesse mais um erro seria o último.

– Já falou com meu tio Teruo? – indagou ele, cauteloso. Houve uma pausa quase imperceptível.

– Não, ainda não – respondeu Kunio Hidaka. Masao se surpreendeu. Calculara que Teruo já deveria ter entrado em contato com o Sr. Hidaka. Mas Masao confiava naquele homem. Entregaria sua vida nas mãos dele.

– Está bem. Irei ao seu escritório. Gostaria de lhe falar o mais depressa possível.

– Venha agora.

Kunio Hidaka desligou, levantou os olhos para Teruo Sato. Fez um bom trabalho – disse-lhe Teruo.

Agora, volte ao Arizona e conclua seus negócios por lá. Pode deixar que cuidarei de Masao.

– Ele parecia ansioso em se encontrar comigo. Acho melhor..

– Como eu já disse, Hidaka, Masao anda com problemas. A morte dos pais afetou-o profundamente. Deixe que eu cuido do meu sobrinho.

– Certo, senhor.

Kunio Hidaka fez uma reverência, virou-se, saiu da sala.

Teruo deu instruções à secretária e acomodou-se para esperar. Estava tudo pronto para a chegada de Masao. Desta vez não haveria erros.

Masao continuava sentado em seu quarto no hotel, ao lado do telefone, pensando. Talvez devesse ter insistido para se encontrar com o Sr. Hidaka fora do escritório.

Iria se sentir exposto ali. Lembrou como sua foto fora distribuída aos empregados na fábrica em Nova York. Com toda certeza, Teruo mandara distribuir a foto em todas as fábricas Matsumoto. E, no entanto, o Sr. Hidaka nada dissera a respeito. Subitamente, tudo parecia fácil demais para Masao. Talvez seja porque estou fugindo há tempo demais, pensou ele. Não posso acreditar que tudo vai acabar agora. De qualquer maneira, ele não tinha opção. Kunio Hidaka era sua última esperança de permanecer vivo. Por um instante, Masao sentiu-se tentado a ligar de novo para o Sr. Hidaka e transferir o encontro para outro lugar. Mas, depois, pensou: Não. Devo ter confiança absoluta nele! Masao deixou o hotel, a caminho do encontro.

Pegou um ônibus para North Hollywood e saltou três quarteirões antes da fábrica. Foi andando devagar, observando os rostos das pessoas na rua, procurando por qualquer coisa suspeita. Tudo parecia normal. Ninguém dava a impressão de se interessar por ele. Masao refletiu que estava sendo cauteloso demais. Parou diante do enorme prédio branco da fábrica, com a placa orgulhosa por cima: Indústrias

Matsumoto. Pessoas entravam e saíam pelo portão principal, num fluxo constante. Masao atravessou a rua, encaminhou-se para a entrada. Já quase a alcançava quando uma voz de homem disse, às suas costas: – Fique quieto! Não se mexa!

E se descobriu agarrado por um aperto implacável.

Meia hora depois, Masao entrou na antessala do gabinete do Sr. Hidaka.

– Sou Masao Matsumoto – anunciou ele para a secretária, sentindo um ímpeto de orgulho por ser capaz de usar seu verdadeiro nome outra vez. – Tenho um encontro marcado com o Sr. Hidaka. Obedecendo às instruções que recebera, a secretária disse: – O Sr. Hidaka está à sua espera. Entre, por favor.

– Obrigado.

Masao respirou fundo, abriu a porta da sala e entrou. Parou no mesmo instante, ao perceber quem se encontrava ali.

Seja bem-vindo – disse Teruo Sato. – Eu o esperava, Masao.

Havia dois homens enormes parados nos lados da porta. Masao continuou onde estava, rígido. Teruo olhou para os homens.

– Esperem lá fora. Quero falar a sós com meu sobrinho.

Os dois homens saíram, fechando a porta. Teruo tornou a fitar o sobrinho, com uma expressão de intensa satisfação.

– Surpreso?

– Eu... onde... onde está o Sr. Hidaka?

– Infelizmente, ele teve de ir embora. Mas não precisamos dele. Podemos resolver os problemas entre nós.

– Não tenho nada a falar com você.

– Tem, sim, meu caro sobrinho. Causou-me muitas dificuldades.

Masao não disse nada.

– Lamento dizer, mas se comportou de uma forma horrível. Desgraçou a família.

– Se há alguma desgraça, o culpado é você. É um ladrão, Está tentando roubar a companhia que pertencia a meu pai.

– A companhia é minha. Sempre foi. Não se pode roubar de si mesmo.

– O que vai fazer comigo? – O que fiz com seu pai. Ele era o ladrão. Sem a minha atuação, a companhia não teria tanto sucesso. E ele nunca apreciou o que eu fiz. Nunca!

– A voz de Teruo transbordava de ódio. – Para ele, eu não passava do cunhado pobre, a quem jogava uma migalha. Pois essa migalha o sufocou até a morte! Deveria ter deixado a companhia para mim, pois era eu quem a merecia! Teruo tremia de raiva, e percebeu-o de repente. Tratou de se controlar, com uma tremenda força de vontade.

– Mas isso é passado. Agora, devo pensar no – 229 meu futuro. Você está em meu caminho, Masao. Por isso, deve desaparecer. Se quiser se comportar direito, providenciarei para que sua morte seja indolor.. um acidente rápido.

Masao continuou calado. Teruo foi até a porta, abriu-a, sem desviar os olhos de Masao, enquanto dizia: – Muito bem, podem levá-lo.

O tenente Matt Brannigan entrou na sala. Bom dia, Sr. Sato.

Teruo virou-se, aturdido. Em vez dos seus dois capangas, era o detetive quem estava ali. E havia uma surpresa ainda maior, Por trás dele, surgiram Kunio Hidaka e dois guardas uniformizados.

– O que... o que significa isso? – balbuciou Teruo. – Por que ainda está aqui, Hidaka?

O Sr. Hidaka respondeu: – O tenente Brannigan pediu que eu ficasse.

Teruo virou-se para o detetive.

– Como se atreve a interferir nos negócios da minha companhia?

Havia indignação em sua voz.

– É sobre isso que quero lhe falar – disse o tenente Brannigan. – Não é a sua companhia. Segundo a cópia do testamento que me foi mostrada, pertence a seu sobrinho.

A mente de Teruo trabalhava depressa.

– Há... claro, claro. Mas o rapaz sofreu um colapso nervoso. Como sabe, assassinou um homem.

– Não, não sei – respondeu o tenente Brannigan. – Só tenho a sua palavra a respeito.

– E que deve ser suficiente. Meu sobrinho precisa de cuidados médicos. Providenciarei para que os receba. Agora, devo pedir a todos que se retirem.

Ninguém fez qualquer movimento.

– Você está liquidado – comentou Matt Brannigan.

– Liquidado? Mas do que está falando?

– Tenho um mandado de prisão contra você.

Teruo não podia acreditar.

– Minha prisão? Você enlouqueceu? Quais são as acusações?

– Quatro acusações de homicídio e uma de tentativa de homicídio.

– Mas isso é ridículo! – A mente de Teruo funcionava a toda velocidade, tentando calcular o que estava acontecendo. – Está cometendo um erro terrível.

– Nada disso – respondeu o detetive. – Você é que cometeu um erro. Falei com Tadao Watanabe. Ele me contou que você já tinha conhecimento do testamento. Esperava que o Sr. Matsumoto lhe deixasse metade da companhia. Quando descobriu que isso não aconteceria, decidiu se apoderar de tudo. E tramou o acidente com o avião. Depois, tentou remover o último obstáculo que ainda restava... Masao.

– Você ficou louco!

– No início desta manhã, o Sr. Hidaka e eu conversamos sobre o seu plano de atrair Masao até aqui, para um encontro que jamais ocorreria. Esperei fora do prédio e tive uma longa conversa com Masao, quando ele chegou.

Teruo Sato começava a recuperar a confiança. Não importava o que eles suspeitavam. Aqueles idiotas não dispunham de qualquer prova. Fora mais esperto do que todos.

– Deu ouvidos a um rapaz com um desequilíbrio mental. Não existe nenhuma prova.

– Está enganado.

Foi Masao quem falou. Ele meteu a mão no bolso, tirou um pequeno gravador. Apertou um botão e a voz de Teruo soou no silêncio da sala: – A companhia é minha. Sempre foi. Não se pode roubar de si mesmo.

Teruo Sato empalideceu.

– O que vai, fazer comigo?

– O que fiz com seu pai. Ele era o ladrão...

Todos se mantinham imóveis, escutando Teruo condenar a si próprio.

–...Você está em meu caminho, Masao. Por isso, deve desaparecer. Se quiser se comportar direito, providenciarei para que sua morte seja indolor.. um acidente rápido.

Masao desligou o gravador. Havia um silêncio profundo na sala. Todos olhavam para Teruo Sato. Ele tentou falar.

– Eu... eu...

Mas não havia mais nada que pudesse dizer.

O gravador já dissera tudo. o tenente Brannigan virou-se para os dois guardas.

– Eu o levarei de volta a Nova York esta tarde. Os guardas tiraram Teruo da sala.

– O que vai acontecer com ele agora? – indagou Masao.

– Será levado a julgamento e considerado culpado. Sua própria voz o condenará.

A gravação saiu perfeita.

– Nem podia ser de outra forma – declarou Masao, orgulhoso. O gravador foi fabricado pelas Indústrias Matsumoto.

Pouco depois, os três tomavam chá no refeitório particular de Kunio Hidaka. Masao virou-se para o tenente Brannigan.

Não sei como poderei algum dia lhe retribuir. Quem sabe se algum dia não visitará o Japão com sua esposa, como meus convidados? O tenente Brannigan sorriu.

– Eu bem que gostaria. – Ele refletiu no quão perto estivera de despachar aquele rapaz para a morte e acrescentou: – Gostaria muito.

– Quais são os seus planos agora, Masao-kun? – perguntou Hidaka.

– Quero levar as cinzas de meu pai e minha mãe para o Japão, e providenciar um funeral apropriado.

Kunio Hidaka acenou com a cabeça.

– Cuidarei para que sejam trazidas de Nova York para cá imediatamente. Um avião o levará a Tóquio no momento em que desejar. Há mais alguma coisa que eu possa fazer por você?

Masao pensou por um momento.

– Há, sim. Existe uma moça chamada Sanae Doi, que trabalha na fábrica em Nova York. Eu gostaria que ela fosse promovida e recebesse um aumento.

Kunio Hidaka escreveu uma anotação. – Assim será feito.

– E há um capataz trabalhando ali que se chama Oscar Heller. Quero que ele seja despedido.

Kunio Hidaka balançou a cabeça, escreveu outra anotação.

– Mais alguma coisa?

– Só uma. – Masao tirou um tíquete de penhor do bolso, entregou-o a Kunio Hidaka. – Eu gostaria de recuperar o relógio que meu pai me deu.

Masao olhava pela janela do jato Silver Arrow, enquanto o avião se elevava gracioso e circulava -1 sobre Los Angeles.

O avião se inclinou devagar, seguiu para oeste, na direção do sol poente.

Ele e os pais finalmente voltavam para casa.

Masao pensou em tudo o que lhe acontecera naquele país. Pensou em Higashi e na luta mortal que haviam travado.

Recordou a maratona e Jim Dale.

E Pete e Al.

E a Disneylândia e os estúdios da Universal. E o tenente Brannigan.

Masao também pensou em Sanae e compreendeu que um dia, muito em breve, estaria de volta.

FIM